

*“O MAR ESTÁ PRA PEIXE”:* tempo e espaço  
em jogos de linguagem matemáticos de  
pescadores artesanais



Juciara Guimarães Carvalho

*“O MAR ESTÁ PRA PEIXE”*: tempo e espaço em jogos  
de linguagem matemáticos de pescadores artesanais

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Glavam Duarte

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carvalho, Juciara Guimarães  
"O MAR ESTÁ PRA PEIXE": tempo e espaço em jogos de  
linguagem matemáticos de pescadores artesanais / Juciara  
Guimarães Carvalho ; orientador, Cláudia Glavam Duarte -  
Florianópolis, SC, 2016.  
200 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas.  
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.

Inclui referências

1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Educação  
Matemática. 3. Etnomatemática. 4. Jogos de linguagem  
matemáticos. 5. Tempo e Espaço. I. Duarte, Cláudia Glavam.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Educação Científica e Tecnológica. III. Título.

Ficha de assinaturas



## *AGRADECIMENTOS*

*Todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós<sup>1</sup>.*

Agradeço a todos os mil pais e as mil mães que embarcaram comigo nessa aventura, a todos que me apoiaram e encorajaram estando perto ou longe, aos conhecidos e desconhecidos que de alguma forma despertaram minha atenção e inspiraram os momentos de escrita. Agradeço em especial:

A DEUS pela vida e oportunidade de exercitar os sentidos de tatear, ouvir, olhar e falar.

À minha FAMÍLIA, principalmente aos meus pais Mauri e Juçara, pelo amor, apoio, compreensão, confiança, carinho, risadas, choros, abraços apertados e beijos estalados.

Às AMIGAS, **Thuysa**, pelo apoio, carinho, pela companhia durante as aulas do mestrado, idas ao cinema, almoços e cafés que tornaram meus dias mais agradáveis e engraçados; **Ruana** pelo carinho, apoio, pela companhia dos infinitos cafés com quindim, almoços em que a balança insistia que pagássemos igual, socorro prestado quando meu computador estragou e pela fuga da escrita motivada pelo festival de música; **Katia** pelo apoio, incentivo, carinho, atenção, pelos cafés agradáveis, ligações e mensagem que me faziam sorrir; **Cledy** pela companhia de estudo, eventos, pelos almoços saborosos, pelo kit carinhoso sem glúten e sem

---

<sup>1</sup> MÃE, 2013, p. 188.

lactose, pelas minuciosas revisões e sugestões e pelas risadas que fazem a barriga doer.

À minha professora (des)orientadora e amiga CLAUDIA GLAVAM DUARTE pela aprendizagem, inspiração, oportunidades, confiança, risadas e abraços sempre carinhosos e confortantes, principalmente por ter me dado tempo e espaço, momentos tão únicos não apenas de pesquisa como de vida. E também, pela receptividade em sua casa nos momentos das idas ao *mar-lagoa/RS*, juntamente com a querida Jussara e as latidas amigáveis da Filó e da Dara.

Ao PPGECT pela oportunidade dessa experiência e momentos de estudo juntamente com os professores e colegas.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos **Wittgenstein** sob a coordenação do doutorando Jonathan Orozco, pela acolhida, amizade e momentos de estudos que tornaram as sexta-feiras mais desafiantes.

Ao Grupo de Pesquisa **Tecendo** sob a coordenação do professor Leandro Guimarães, pela acolhida, amizade, estudos e experiências inspiradoras.

Aos professores da BANCA, Leonidas Taschetto, Leandro Guimarães, Lucena Dall'Alba, Mônica Fantin e David Antônio da Costa pela leitura, pelas contribuições, pelos sorrisos contagiantes que inspiraram a escrita e por fazerem parte desse momento tão importante da minha vida.

Aos pescadores artesanais, principalmente aos *Camaradas D'água*, que me receberam bem, compartilharam suas vidas, alegrias, angústias, risos, questionamentos, experiências e saberes, dividiram comigo um tempo e um espaço e, me ensinaram a ter uma vida mais atenta, lenta e viva.

## *RESUMO*

Esta pesquisa-pesca propõe tecer entendimentos – às vezes desentendimentos – sobre uma racionalidade matemática que se entrelaça com os modos de habitar o tempo e o espaço vivenciados pelos pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS. Procurei evidenciar a partir dos jogos de linguagem de quatro *Camaradas D'água* como o tempo e o espaço são colocados a operar e constituem saberes como medição, divisão, normatização e ordenação. Ao mesmo tempo, busquei entrelaçar as semelhanças de família e descontinuidades entre os jogos de linguagem presentes em cada *mar-lagoa*. No mundo da pesca artesanal o tempo permite ter tempo, mas não um tempo clichê contado pela rigidez dos ponteiros. Falo de um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e para. O tempo é peixe. Contudo, não só o tempo, mas também o espaço é peixe. Um espaço ora liso, nômade, ora estriado, mas sempre vivo, que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar.

**Palavras-chave:** 1. Jogos de linguagem matemáticos. 2. Tempo. 3. Espaço. 4. Pescadores artesanais. 5. Etnomatemática.



## *ABSTRACT*

This research proposes fishing-weave understandings - sometimes disagreements - on a mathematical rationality that is intertwined with the ways of inhabiting time and space experienced by artisanal fishermen in Florianópolis / SC and Tramandaí / RS. Sought evidence from the game four comrades D'water language as time and space are placed to operate and provide knowledge and measurement division, regulation and ordination. At the same time, I tried to weave the family resemblances and discontinuities between the language games present in each mar-pond. In the artisanal fishing world weather permits take time, but not a cliché time counted by the rigidity of the hands. I speak of another time that mixture is divided, escapes, flows, runs and stops. Time is fish. However, not only time but also space is fish. Now a smooth, nomadic space, sometimes striated, but always alive, floating, gliding and mix the ways to create conditions for territorialize, des-territorialize and re-territorialize.

**Keywords:** 1. Mathematical language games. 2. Time. 3. Space. 4. Artisanal fishermen. 5. Ethnomatematics.



## *LISTA DE FIGURAS*

Figura 1: Rede que sabe o que esperar	56
Figura 2: Rede que arrasta tainhas.	57
Figura 3: Tarrafa que tarrafea a sorte	57
Figura 4: Canoa de expectativas	58
Figura 5: Remando pela pesca	58
Figura 6: Canoa ao vento	59
Figura 7: Tainha 8	161
Figura 8: Tainha 6	161
Figura 9: Tainha 2	161
Figura 10: Um pedacinho perdido no mar	162
Figura 11: Ladrilhos contam: o mar está pra peixe	162
Figura 12: Um cantinho... um rancho	162
Figura 13: Entre lanternas e ostras	163
Figura 14: <i>Pescador-maricultor</i> , mãos que remam	163
Figura 15: A língua do linguado	163
Figura 16: Embarcação adormecida	164
Figura 17: Maré baixa a encobrir lanternas	164
Figura 18: Canoa e rede que esperam	164
Figura 19: Vai ter pesca hoje?	165
Figura 20: Um território... um desejo	165
Figura 21: Um lugar para parar	165
Figura 22: Um cardume de pescadores-temporário	166
Figura 23: O tempo é peixe	166
Figura 24: Um rancho de expectativa	166
Figura 25: Canoa! Canoa!	167
Figura 26: Tainha na água, tainha na brasa	167
Figura 27: Prato do dia	167
Figura 28: Esperando por um instante	168
Figura 29: Um pra lá, um pra cá	168
Figura 30: Uma rede que descansa	168
Figura 31: A rede passa de mão em mão	169
Figura 32: Aqui canoa tem pedais	169
Figura 33: A pesca é uma festa!	169
Figura 34: Um espaço de acontecimento	170
Figura 35: Cada um com seu quinhão	170
Figura 36: A pesca é dia, a pesca é noite	170
Figura 37: Senhores do tempo e do vento	171
Figura 38: Sabe tarrafejar? Pode entrar!	171
Figura 39: Espaço liso que se deixa estriar	171

Figura 40: O peixe pula na água, pula na areia	172
Figura 41: A sorte de uma espera	172
Figura 42: O que se faz com um peixe só?	172
Figura 43: Um tempo marcado pelo boto	173
Figura 44: Um presente vivido	173
Figura 45: Um espaço de olhares e silêncios	173
Figura 46: Um instante de parada	174
Figura 47: Um tempo sem tempo	174
Figura 48: Na corrida com o boto	175
Figura 49: Canoa-bicicleta ou bicicleta-canoa?	175
Figura 50: Tarrafa lançando desejos	175
Figura 51: Se tem vento, tem peixe!	176
Figura 52: O peixe virou festa	176
Figura 53: Uma lagoa estriada	177
Figura 54: A pesca é todo dia!	177
Figura 55: Rancho de partidas ao encontro da espera	177
Figura 56: Pescador-caíco nas malhas da sorte	178
Figura 57: Um tempo que dura	178
Figura 58: Um caíco em suspensão	179
Figura 59: Na espreita de uma baliza	179
Figura 60: Nas malhas da pesca artesanal	179
Figura 61: Redes que esperam	180
Figura 62: A dança dos caícos	180
Figura 63: Rumo às balizas da vida	180
Figura 64: Nas águas fui feliz, aprendi e desaprendi	181

## *LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS*

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

GPS – Global Positioning System [Sistema de Posicionamento Global]

IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MPA – Ministério da Pesca e Aquicultura

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina



## *SUMÁRIO*

<b>LANÇANDO A REDE.....</b>	<b>19</b>
<b>“MERGULHANDO” EM OUTRAS FORMAS DE VIDA.....</b>	<b>37</b>
AS PEÇAS DO JOGO .....	56
<b>QUANDO PUXA UM FIO DA REDE... ..</b>	<b>61</b>
UM CANTINHO, UM PESCADOR-MARICULTOR .....	70
UM PATRÃO, UM PESCADOR-TEMPORÁRIO .....	74
UM OLHAR ATENTO, UM PESCADOR-TARRAFA .....	77
UMA DANÇA ENTRE BALIZAS, UM PESCADOR-CAÍCO .....	80
<b>AS ONDAS DO TEMPO E DO ESPAÇO .....</b>	<b>83</b>
<b>JOGANDO COM OS CAMARADAS D’ÁGUA.....</b>	<b>123</b>
MARÉ ALTA, MARÉ BAIXA, O TEMPO DA PESCA .....	126
TEMPO DE PESCA, TEMPORADA DE FESTA .....	135
O CUCO DO RELÓGIO É O BOTO.....	143
O TEMPO ENTRE BALIZAS .....	150
ENTRELAÇANDO TEMPO E ESPAÇO DO MAR-LAGOA.....	157
<b>COM O MOVIMENTO DAS ÁGUAS, TORNA-SE OUTRO.....</b>	<b>161</b>
<b>RECOLHENDO AS REDES.....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>189</b>



*Lançando a rede...*





## *LANÇANDO A REDE...*

Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. (...) E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza, Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas (...).<sup>2</sup>

Penso ser a pesquisa o barco que me permitirá navegar, estudar os mapas que apontam para ilhas já conhecidas e desbravar a ilha desconhecida que se constituirá na escrita desta pesquisa<sup>3</sup>. Conduzirei meu barco por águas diferentes daquelas já então navegadas por mim, tendo ciência de que posso enfrentar tempestades e dias de sol intenso a fim de mobilizar, deslocar e desconstruir meu pensamento. É preciso *separar-se de si mesmo*<sup>4</sup>, olhar para a questão com distanciamento de

---

<sup>2</sup> SARAMAGO, 1998, p.5-17.

<sup>3</sup> Escrevo na primeira pessoa do singular, pois entendo que “todos os discursos que são providos da função autor comportam esta pluralidade de ‘eus’” (Foucault, 1992, p. 55), que se constituí nas várias posições-sujeitos atravessadas pelos encontros com sujeitos que contribuíram na minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Valho-me dessa operação complexa de escrever uma Dissertação para contar como estou me fazendo e refazendo sujeito pesquisadora. Não sou mais a mesma pessoa, pois já metabolizei e ainda estou por metabolizar as conversas e aulas com a minha professora orientadora, as discussões nas disciplinas, as leituras teóricas, as falas com amigos e familiares, as interações com os pescadores artesanais que fazem parte do que estou sendo agora.

<sup>4</sup> *Separar-se de si mesmo* é um termo utilizado por Foucault (1998) que certamente faz uma apologia a Nietzsche (2008, §306), mais especificamente a

modo a “pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, (...) explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho”<sup>5</sup>.

Desejo sentir nos dias de calmaria o balanço das ondas conduzindo-me levemente à construção de um mapa outro que não está limitado e imóvel, mas sim composto por múltiplas entradas. “Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou formação social”<sup>6</sup>. Suas linhas são móveis, flexíveis e cambiantes permitindo desenhar e redesenhar os territórios com diferentes jogos de cores. É um mapa descentrado que apresenta impensadas combinações e encontros de pluralidade de “eus”, “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”<sup>7</sup>. Isso gera certo estranhamento por não estar com os pés firmes na terra, mas flutuantes na água.

O traçado do mapa será permeado de escolhas que não são fáceis de fazê-las, mas é preciso baixar a âncora em algum lugar na imensidão do mar. Minha intenção é mostrar em que direção aponta a bússola investigativa indicando os processos de *territorialização, desterritorialização e re-territorialização*<sup>8</sup> que me lançam ao mar em busca da ilha desconhecida. Previamente escolhi uma ilha que será habitada pela racionalidade matemática colocada a operar em jogos de linguagem entre pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS. Considero por racionalidade matemática os diferentes modos de inferir, medir e calcular. Busco evidenciar e tecer

---

frase conhecida: “Uma vez que se tenha encontrado a si mesmo, é preciso saber, de tempo em tempo, perder-se – e depois reencontrar-se: pressuposto que seja um pensador”.

<sup>5</sup> FOUCAULT, 1998, p. 13.

<sup>6</sup> DELEUZE; GUATTARI 1995, p. 22.

<sup>7</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22.

<sup>8</sup> Recorro aos conceitos propostos por Deleuze e Guattari, nos quais um território é considerado como sendo sempre provisório, pois “não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”. Disponível em:

<<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>.

Acesso: 18. set. 2015.

entendimentos sobre como o tempo e o espaço são medidos e divididos por essas formas de vida<sup>9</sup> na sua prática da pesca.

Este mesmo mapa gera visibilidade dos territórios já habitados por mim e as linhas que fui percorrendo. Lanço mão do território situado na cidade de São Joaquim/SC onde concluí o Ensino Fundamental (2004) e o Ensino Médio (2007). Nesse período escolar, gostava bastante das aulas de matemática e procurava resolver vários exercícios e desafios matemáticos que instigavam minha curiosidade pela disciplina. No segundo ano do Ensino Médio ministrei aulas particulares e também aulas de reforço na própria escola. Essas experiências fizeram com que algo despertasse e me conduziram a escolher pela carreira docente.

O segundo território é localizado na cidade de Florianópolis/SC, conhecida por ser a Ilha da Magia<sup>10</sup>, onde ingressei no curso de Matemática Licenciatura (2008) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Minha vontade inicial era aprender como se constitui uma professora de matemática e os modos de ensinar os conteúdos escolares. Porém, nos primeiros semestres percebi que estava distante do que eu pensava, pois as disciplinas davam ênfase aos conteúdos matemáticos, e as disciplinas ligadas à educação apresentavam uma carga teórica que, embora sugerissem algumas reflexões, não apresentavam as “receitas didáticas” por mim tão desejadas. Juntamente a essa percepção ativava recordações de minhas vivências na escola e buscava “imitar” a maneira como os meus professores atuavam para subsidiar o meu olhar para a sala de aula e a prática docente.

Em contato com as disciplinas, Metodologia de Ensino e os três Estágios Supervisionados, pude perceber o uso de alguns modelos didáticos e experienciá-los durante o estágio. Nesse momento, senti meu

---

<sup>9</sup> Forma de vida e jogos de linguagem são conceitos apresentados pelo filósofo Wittgenstein, em sua segunda fase, que será discutido posteriormente.

<sup>10</sup> A cidade de Florianópolis foi apelidada como Ilha da Magia pela influência de Franklin Cascaes, escritor catarinense que difundiu o folclore e a cultura ilhéu, ao comunicar que bruxas teriam vindo dos Açores na época da colonização para habitar e assombrar a ilha. Assim, relatou os acontecimentos misteriosos que envolviam bruxas, lobisomens e boitatás que rondavam as noites de Florianópolis. Moradores mais antigos, pescadores e rendeiras costumam relatar lendas e histórias desses personagens. O termo mágico não está relacionado com a beleza natural da cidade, mas sim pela presença de seres fantásticos. Essas informações foram retiradas do site Guia Floripa, disponível em:

<<http://www.guiafloripa.com.br/cultura>>. Acesso em: 29. jan. 2015.

coração palpitar mais pelas questões educacionais cujas reflexões me permitiram ter noção da complexidade que envolve a Educação Matemática. Aos poucos fui percebendo que ser professora de matemática é um processo que vai se constituindo e reconstituindo na prática, ou ainda, é um processo de criação que se inventa e reinventa constantemente.

Nesse período da graduação um encontro com a Etnomatemática aguçou meu olhar e minha curiosidade. Um emaranhado de saberes matemáticos presentes em diferentes formas de vida – indígenas, pescadores, agricultores, artesãos, entre outros – adquiria visibilidade e me fazia perceber o entrelaçamento da cultura, dos saberes e da matemática. Não hesitei em pensar que iria utilizar essa linha de pensamento em sala de aula como futura professora. Foi então que tive a aproximação e me apropriei das discussões teóricas de Ubiratan D’Ambrosio, considerado o pioneiro nesse campo de pesquisa, que nos diz que a Etnomatemática é o estudo das diferentes maneiras, artes, estilos, técnicas de explicar, aprender, conhecer e lidar com o ambiente social, cultural e até mesmo imaginário das e nas diferentes culturas e/ou sociedades<sup>11</sup>.

A Etnomatemática, na perspectiva d’ambrosiana, evidencia as diferentes práticas matemáticas realizadas por grupos culturais tendo como objeto de estudo a explicação dos processos envolvidos nessas práticas. Os estudos de D’Ambrósio, iniciados na década de 1970, e de pesquisadores como Paulus Gerdes (1985), Terezinha Carraher (1987), Marcelo Borba (1987), Gelsa Knijnik (1995), Samuel Bello (1995)<sup>12</sup> possibilitaram a constituição de um processo de suspeição do conhecimento matemático considerado como única fonte de verdade, possibilitando problematizar a Matemática Acadêmica, a Matemática Escolar, a diversidade cultural e a racionalidade matemática presente nos grupos culturais, que ultrapassavam os muros da escola.

Após a conclusão do ensino superior (2013), escolhi me aventurar em um território outro localizado em uma escola da Prefeitura Municipal de Florianópolis situada no bairro chamado Santo Antônio de Lisboa. Nesta oportunidade, tive a minha primeira atuação como

---

<sup>11</sup> D’AMBROSIO, 2002.

<sup>12</sup> Essas informações foram retiradas de GERDES (1996) que elaborou um panorama geral envolvendo a Etnomatemática e a Educação Matemática. Cabe ressaltar que a intenção aqui é destacar alguns pesquisadores que se lançaram inicialmente nessa linha de pesquisa podendo atualmente ocorrer deslocamentos de perspectivas de pesquisa.

professora de matemática do Ensino Fundamental na qual busquei a abordagem etnomatemática para subsidiar a prática docente visando a motivação da aprendizagem matemática, aproximação das aulas com a ‘realidade’ dos alunos e a desmitificação da matemática. Foi então que, diante das condições de possibilidade desse momento elaborei uma *experiência etnomatemática*<sup>13</sup> envolvendo pescadores artesanais que viviam próximos da escola.

Minhas primeiras experiências eram movidas pelo desejo de ‘realidade’. Desejo este de tornar a matemática escolar mais significativa a ponto de reconhecê-la fora da escola, pois o discurso inserido na Educação Matemática Escolar nos diz que a Matemática está em toda parte. A vontade era motivar os alunos à aprendizagem matemática considerando suas vivências e até mesmo me aproximar destas experiências de vida dos estudantes para entendê-los em seus modos de agir e pensar em sala de aula. Cabe ressaltar que essa proposta pedagógica não pretendeu legitimar a matemática escolar ou a “matemática do pescador”, o objetivo não foi o de considerar racionalidades, mas sim de identificar as práticas matemáticas presentes no contexto escolar e no contexto do pescador. Naquela época observei, por exemplo, a presença de unidades de medidas e sistemas operacionais, guardadas suas especificidades.

Após a realização desta atividade busquei refletir sobre esta experiência, pois “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca”<sup>14</sup>. Olhando mais atentamente, a experiência é “isso que me passa” e “isso que me passa tem que ser outra coisa que eu. Não outro eu, ou outro como eu, mas outra coisa que eu. Quer dizer, algo outro, algo completamente outro, radicalmente outro”<sup>15</sup>. Isso implica que

Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho de mim, que

---

<sup>13</sup> Descrevo essa experiência em um artigo intitulado *Experiência Etnomatemática: uma proposta pedagógica à luz da Etnomatemática e suas perspectivas de pesquisa*. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/matematica/article/view/4558>>.

Acesso em: 29. set. 2014.

<sup>14</sup> LARROSA, 2004, p.154.

<sup>15</sup> LARROSA, 2011, p. 6.

está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar.<sup>16</sup>

Ao ser tocada por “isso que me passa” e pelas leituras realizadas ativei, mais fortemente, o desejo de pesquisar sobre a Etnomatemática e suas implicações para a Educação Matemática a fim de tecer entendimentos sobre suas perspectivas de pesquisa: a d’ambrosiana e a pós-estruturalista subsidiada pelas contribuições dos filósofos Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein em sua segunda fase marcada pela obra *Investigações Filosóficas*.

Movida por esse desejo ingressei no terceiro território chamado mestrado (2014) para continuar experienciando com os pescadores artesanais e tateando os saberes matemáticos que pudessem emergir. Essa nova empreitada lançava a vivência de uma experiência outra que exigia

um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.<sup>17</sup>

Ao realizar o exercício de demorar-me nos detalhes fui ao encontro de um modo outro de pensar a Etnomatemática por intermédio de um processo de desnaturalização de “verdades” naturalizadas por mim. Esse processo que aquietou o meu desejo de ‘realidade’ e suspendeu os automatismos construídos pelos discursos da e na Educação Matemática acabou por gerar um movimento de desterritorialização<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 5-6.

<sup>17</sup> LARROSA, 2004, p. 160.

<sup>18</sup> Segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 40), “é o processo de desterritorialização que constitui e estende o próprio território”, faz fugir do território. Em outras palavras, “quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo

Ao me movimentar, ainda que cambaleando por desconhecer os territórios que busco habitar, localizei algumas dissertações e teses que potencializaram meu pensamento e me ajudaram a experienciar os referenciais teóricos de Foucault e Wittgenstein, bem como o modo como foram articulados nas respectivas pesquisas. São elas: Fantin (1996) investigou sobre como a atividade lúdica (brincadeiras e jogos) e sua relação com a cultura criam espaços importantes na Educação Infantil, assim como perceber o que está em “jogo” quando a prática pedagógica escolar insere brincadeiras e jogos; Vilela (2007) investigou as Matemáticas inseridas em diferentes jogos de linguagem e analisou como as adjetivações para matemática – matemática escolar, matemática acadêmica, matemática da rua, etc. - podem estar relacionadas por semelhanças de família mesmo que apresentem gramáticas próprias; Duarte (2009) problematizou o enunciado que é importante aproximar a matemática da ‘realidade’ do aluno examinando como as relações entre escola e sociedade foram sendo constituídas e como esse enunciado produziu efeitos de verdade no discurso da Educação Matemática Escolar; Oliveira (2011) analisou as Matemáticas de formas de vida de agricultores de Santo Antônio da Patrulha/RS envolvendo medições lineares e de superfície e, ainda evidenciou semelhanças de família com a matemática escolar; Magalhães (2014) investigou os jogos de linguagem matemáticos de mulheres rendeiras de Florianópolis/SC colocados a operar na prática de fazer renda e analisou desdobramentos para a Educação Matemática Escolar; Sufiatti (2014) analisou que a disciplina de matemática inserida no currículo de uma escola indígena se constitui como uma ferramenta de poder.

Recorri também a pesquisas que envolvessem pescadores artesanais e/ou dialogassem com campo da Educação e/ou Educação Matemática para constatar outras práticas relacionadas ao mundo da pesca ativando aproximações e deslocamentos com a minha proposta. São elas: Moreira (2011) identificou os saberes matemáticos produzidos por crianças de uma comunidade de pescadores artesanais e os desdobramentos com o saber matemático no ambiente escolar; Martins (2011) analisou o saber produzido pelo trabalho dos pescadores e a participação política desses sujeitos no contexto social de seus movimentos; Neto (2012) investigou e comparou as práticas e

---

turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair dela constantes, (...), não paramos de nos reterritorializar num ponto de vista, num domínio, segundo um conjunto de relações constantes; mas, segundo o modelo ambulante” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 40).

percepções entre pescadores artesanais brasileiros e portugueses envolvendo a fiscalização ambiental considerando seus saberes e formas costumeiras de organização dos espaços de captura; Gerber (2013) investigou sobre a (in)visibilidade de mulheres na pesca artesanal que vivem em constantes processos de (a)sujeitamentos no litoral do estado de Santa Catarina evidenciando como estas mulheres se reconhecem e são reconhecidas e, como buscam pelo reconhecimento de seus direitos como pescadoras; Saldanha (2015) analisou os processos de geração, organização e difusão dos saberes utilizados pelos pescadores artesanais de Porto Alegre/RS.

Esse movimento proporcionou mudar as lentes teóricas, a partir dos pensamentos de Foucault e Wittgenstein, e conceber a Etnomatemática como sendo:

(...) uma caixa de ferramentas teóricas que possibilita estudar os discursos eurocêntricos e os efeitos de verdade que instituem a matemática acadêmica e escolar; discutir questões de diferença na educação matemática (centralidade da cultura e relações de poder); examinar os jogos de linguagem que constituem as diferentes matemáticas e suas semelhanças de família.<sup>19</sup>

Direciono meu barco investigativo para as águas mistas que entrecruzam as contribuições foucaultianas e wittgensteinianas e deixam fluir os atravessamentos deleuzianos e guattarianos para o desenvolvimento desta pesquisa<sup>20</sup>. Entendo que “pesquisar é uma aventura”<sup>21</sup> e, como todo bom aventureiro, percebo que se não cristalizar o pensamento poderei olhar o mundo de diferentes maneiras, pois, considero que os ventos que me impulsionam são sempre provisórios. Vinculo-me a perspectiva pós-estruturalista ao me colocar em movimento aventureiro de modo a não jogar tudo fora, mas problematizar o que é dito e o que é visto para, quem sabe, pensar e ver diferentemente do que pensava e via.

---

<sup>19</sup> KNIJNIK, 2007a, 2007b.

<sup>20</sup> Tenho ciência do desafio de inserir os pensamentos de filósofos tão expressivos para dialogarem. Existem aproximações, contatos, distanciamento, deslocamentos e até mesmo possíveis colisões e atritos. Mesmo assim considero essa aventura importante, pois colocar o pensamento em movimento nem sempre fluirá de modo tranquilo, trata-se de correr o risco, ousar e experienciar.

<sup>21</sup> COSTA, 2007, p. 147.

Navegando nessas águas busco lançar a rede ancorada no seguinte problema de pesquisa: **Como o tempo e o espaço habitam os jogos de linguagem entre pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS? Como funcionam as racionalidades matemáticas que emergem desses modos de habitar o tempo e o espaço?** A intenção é evidenciar os diferentes modos de habitar o tempo e o espaço, experienciados pelos pescadores artesanais e analisar a racionalidade matemática daí advinda.

A escolha por pesquisar em dois locais diferentes que possuem a presença de pescadores artesanais está vinculada a um projeto de pesquisa mais amplo intitulado Etnomatemáticas do campo de Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS): agricultores familiares e pescadores artesanais, que recebe apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq<sup>22</sup>. Diante das possibilidades de locais litorâneos, de ambos os estados, escolhi a cidade de Florianópolis/SC por ser onde resido e pelo contato obtido na *experiência etnomatemática*, anteriormente mencionada, e, Tramandaí/RS por ser considerada a capital das praias do estado e de maior circulação de pescadores artesanais.

Pretendo gerar visibilidade às possibilidades de interlocução entre os saberes colocados a operar em diferentes locais, de modo a contribuir com o campo de pesquisa da Etnomatemática. Minha intenção é ir além da apresentação de um ‘exemplo’ da Etnomatemática<sup>23</sup>, é contribuir teoricamente e suscitar outras questões, ativando diferentes indagações, provocando outros agenciamentos com a finalidade de experimentar a pluralidade de possibilidades de se fazer pesquisa, que assim como a *vontade de saber* de um sujeito pesquisador não estão esgotadas.

Faço agora uma retomada para contar e pintar a paisagem que constitui a parte empírica desta pesquisa realizada em Florianópolis/SC e Tramandaí/RS. Início pela ilha mais conhecida por mim que é a cidade de Florianópolis/SC, mais especificamente os bairros de Santo Antônio de Lisboa e Barra da Lagoa que apresentam forte influência da pesca artesanal. A presença de pescadores, redes, tarrafas, barcos,

---

<sup>22</sup> Projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. Chamada 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Processo nº409228/2013-3.

<sup>23</sup> Cabe ressaltar que não estou desconsiderando a relevância dos trabalhos já realizados nesta perspectiva da Etnomatemática. Uma vez que esses trabalhos contribuem de forma significativa ao gerar visibilidade as diferentes racionalidades presentes nas diversas formas de vida.

embarcações, canoas, remos, garças, peixes, camarões, bicicletas com a traseira ocupada por uma caixa plástica, gatos, cachorros anunciam e enunciam uma das práticas mais antiga: a pesca.

Santo Antônio de Lisboa<sup>24</sup> foi ocupado inicialmente por índios Guaranis e a partir do século XVIII, passou a receber imigrantes açorianos fundando as primeiras freguesias da ilha beneficiadas pelo acesso portuário. Os traços da cultura açoriana são percebidos pelo linguajar, artesanato em cerâmica, renda de bilro, religiosidade, festas, gastronomia e arquitetura. Entrelaçar essas heranças com o folclore catarinense resultou em festas que se fazem presentes atualmente como, por exemplo, o Boi de Mamão e Pau de Fita<sup>25</sup>. Além destas, as festas religiosas como a Festa do Divino Espírito Santo, o Terno de Reis e Pão por Deus<sup>26</sup> são comuns em toda a Ilha de Florianópolis. Ainda hoje se

---

<sup>24</sup> As informações foram retiradas dos sites Guia Floripa e Santo Antônio de Lisboa. Disponíveis, respectivamente, em: <<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/santo-antonio-de-lisboa>> e <<http://www.stoantoniodelisboa.com.br/>>. Acesso em: 02. abril. 2014.

<sup>25</sup> O Boi de Mamão e o Pau de Fitas são danças que fazem parte das tradições folclóricas mais antigas de Florianópolis. A dança do Boi de Mamão é apresentada numa espécie de teatro gestual que retrata o desespero de Mateus, um vaqueiro simples do interior da Ilha, que, ao ver seu boi de estimação morto, busca um médico e um curandeiro para ressuscitá-lo. Ao fim, o boi volta à vida e todos comemoram com cantorias e danças. O Pau de Fitas é uma dança de roda que envolve um mastro enfeitado com longas fitas multicoloridas, que são presas em seu topo, respeitando o número de pessoas que participarão. As informações foram retiradas dos sites Guia Floripa, disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/cultura>>. Acesso em: 29. jan. 2015.

<sup>26</sup> São exemplos de festas religiosas que acontecem em Florianópolis/SC, respectivamente. A festa é comemorada a partir das celebrações de Pentecostes, ou seja, referente aos 50 dias após a Páscoa e é resultado da mescla de diversos elementos, sejam religiosos, profanos e folclóricos. Os festejos reúnem novenas, promessas, oferendas, bailes e cantorias. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/agenda/festas-do-divino/festa-do-divino-2014.php>>. Acesso em: 29. jan. 2015. O Terno de Reis é inspirado na história bíblica dos Três Reis Magos que visitam o Menino Jesus. Um grupo de cantores bate de porta em porta, do início da noite ao amanhecer, levando essa história durante o mês de dezembro até o dia seis de janeiro. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina&noti=10964>> Acesso em: 29. jan. 2015. O pão por Deus é um pedido de uma dádiva através de uma figura feita de recorte de papel acetinado, geralmente um coração, de quatro faces que se justapõem quando dobrados, ficando a cor branca por dentro, e por fora a cor azul, vermelha ou amarela. Suas bordas têm uma

encontra preservado como patrimônio público os casarões antigos, a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, o Engenho Andrade, o antigo Posto da Alfândega, a primeira rua calçada do Estado e a fachada da casa onde se hospedou D. Pedro II na Praça Roldão da Rocha Pires.

O bairro de Santo Antônio de Lisboa está localizado ao noroeste da ilha ficando a treze quilômetros do Centro. A praia pertence à Baía Norte o que caracteriza suas águas calmas possibilitando o cultivo de ostras, mariscos e a prática da pesca de diversos peixes como linguado, corvina, tainha e do camarão. Olhando mais atentamente em frente à igreja, *logo ali*<sup>27</sup> atrás da praça, é possível avistar um cantinho especial que é destinado aos três ranchos dos pescadores artesanais. Lugar este, onde já havia realizado minha primeira *experiência etnomatemática* em contato com um *pescador-maricultor*<sup>28</sup> que aceitou dialogar sobre suas vivências na pesca. No decorrer dos anos de 2014 e 2015, realizei algumas ‘visitas’<sup>29</sup> mediadas por longas conversas e com o cuidado de prestar atenção a todos os detalhes que me permitiram aproximar dessa forma de vida como sujeito pesquisadora.

Meus olhos e ouvidos estavam em vigilância e direcionavam para assuntos sobre a pesca, especificamente a artesanal, portarias, leis, festas, eventos, pinturas, poemas e canções que pudessem facilitar a habitação dessa ilha. No período de aproximação escutei diversas notícias sobre o início da temporada da pesca da tainha, que ocorreria

pequena franja rendilhada. Na face branca, interna, estão escritas uma ou duas quadrinhas de versos. Disponível em: <<http://dicionariodailha.blogspot.com.br/2009/08/pao-por-deus.html>>. Acesso em: 29. jan. 2015.

<sup>27</sup> *Logo ali* é uma expressão muito utilizada pelos manezinhos da Ilha para indicar que o lugar é mais adiante. Para mais contato com o dialeto do manezinho acessar: <<http://www.deolhonailha.com.br/turismo/atrativos/dialeto-do-manezinho-da-ilha.html>>. Acesso em: 29. jan. 2015.

<sup>28</sup> Chamo os pescadores artesanais de Santo Antônio de Lisboa de *pescadores-maricultor* por estarem submetidos a uma dupla identidade de sujeito pescador e sujeito maricultor. Em conversa com um pescador fui informada de que como a atividade da pesca enfrentou e continua enfrentando dificuldades eles implantaram as áreas de cultivo de ostras, na década de 1980, com o intuito de ser uma segunda fonte de renda. Os pescadores são também nativos do bairro.

<sup>29</sup> Chamo as idas a campo de ‘visitas’ pela sensação criada toda vez que eu ia ao rancho. Como sendo o rancho a extensão da casa do *pescador-maricultor* em que me recebia com um sorriso e imediatamente parava o seu serviço para me dar atenção, oferecia-me um café, e falava de sua vida, aventuras pesqueiras, explicava-me o manuseio de seus instrumentos sempre com entusiasmo e convidou a ir junto com ele ao mar.

entre os meses de maio e julho. Ouvia também que havia sido realizada uma grande captura de tainhas no bairro da Barra da Lagoa realizada pelo grupo Saragaço<sup>30</sup>. Isso despertou a minha curiosidade e fui experimentar outras águas.

A Barra da Lagoa é localizada no leste da ilha ficando a vinte quilômetros do Centro. A praia<sup>31</sup> está situada entre o Oceano Atlântico, a Lagoa da Conceição e o Morro da Galheta possuindo ainda, o Canal da Barra que é a única ligação das águas salobras da Lagoa da Conceição com as águas salgadas do mar. O mar possui águas mais agitadas atraindo pescadores, surfistas e banhistas que alternam entre a baixa temporada no inverno e alta temporada no verão, respectivamente. Há também a presença de traços da cultura açoriana no linguajar, religiosidade, festas, gastronomia e construções de algumas casas. Por muitos anos o bairro era conhecido por ser povoado pelo maior número de pescadores e pela Festa da Tainha em comemoração aos grandes lances realizados com a pesca de ‘arrasto de praia’<sup>32</sup>.

Ainda sem saber como ler as pistas fornecidas pelo céu, lua, maré e vento, fui ao encontro do grupo Saragaço na Barra da Lagoa em busca de “pescar” informações sobre a temporada da tainha e como eles praticam a pesca. Quando cheguei à praia foi fácil encontrá-los, pois a canoa identificada pelo nome do grupo estava parada com as redes de prontidão a esperar pelo manejo dos pescadores. Com alguns passos a mais eu encontrei homens reunidos atentos a qualquer movimento tanto do mar quanto da praia e ao sentirem minha presença ficaram agitados querendo saber o que eu queria ali. Quando me apresentei e relatei meus objetivos prontamente um *pescador-temporário*<sup>33</sup> se dispôs a conversar comigo.

---

<sup>30</sup> Nome do grupo de pesca que, segundo depoimento de um pescador artesanal da Barra da Lagoa, indica agitação, bagunça festa, o ‘corre-corre’ deslizando a canoa para o mar representando assim, o modo como eles vivenciam a pesca.

<sup>31</sup> Algumas informações foram do site Guia Floripa, disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/barra-da-lagoa>>. Acesso em: 05. jun. 2014.

<sup>32</sup> A pesca chamada ‘arrasto de praia’ ou arrastão ou cerco de praia é realizada com uma canoa a remo que desloca até oitocentos metros da linha da praia onde lança a rede com aproximadamente oitocentos metros de comprimento, essas condições são garantidas por leis e portarias estaduais e federais, para a captura do cardume e então ser puxada em seus dois extremos pelos pescadores artesanais.

<sup>33</sup> Chamo os pescadores artesanais do grupo Saragaço situados na Barra da Lagoa de *pescadores-temporário* por estarem submetidos à identidade de

Durante o desenrolar da conversa me disseram que *“a pesca é uma festa! Mas também é uma espera”*. Com isso percebi a presença de nuances que apontavam para aproximações, mas também distanciamentos nos modos de ser e estar pescador artesanal. Foi assim que escolhi ficar para a festa e criar lugares outros para a pesquisa. Por outro lado, o conjunto de informações que recebi ficou ressoando em meus ouvidos e o fato de que o peixe “corre” das águas do Rio Grande do Sul para as águas catarinenses chegando aqui “cansado” me instigou a também olhar para a região litorânea mais ao sul e agregar os pescadores artesanais da cidade de Tramandaí/RS.

Outra paisagem se põe: a segunda “ilha” chamada Tramandaí/RS é conhecida por ser a capital das praias do litoral gaúcho. Está localizada a cento e vinte quilômetros da capital Porto Alegre/RS ou ainda, para a minha referência, a trezentos e cinquenta e oito quilômetros de Florianópolis/SC. Desde a existência de povos indígenas e posteriormente a chegada dos açorianos na região há registros da prática da pesca como atividade de subsistência. A cidade possui dois pontos de acumulação de pescadores artesanais, a maioria deles nativos e sindicalizados. Um ponto é na costa do mar e o outro é na lagoa. São utilizados os instrumentos de pesca como a canoa à vela com remo (caíco) ou motor de popa, redes de espera e tarrafas<sup>34</sup>.

A herança cultural açoriana é percebida no vocabulário e expressões codificadas na fala ligeira e cantadinha, nas festas em especial a Festa Nacional do Peixe, na religiosidade com a realização das Festas de Iemanjá e de Nossa Senhora dos Navegantes e também na gastronomia<sup>35</sup>. Os traços culturais da cidade são envolvidos predominantemente pela pesca onde os principais personagens são o peixe e o camarão, e em efeito, os pescadores artesanais e os pescadores amadores, que em sua maioria são turistas que chegam à cidade nos meses de janeiro e fevereiro.

---

sujeitos de temporada, ou seja, o grupo se reúne apenas na temporada da pesca da tainha sendo assim muitos ocupam outras funções envolvendo o sindicato de pesca, a associação de moradores, pesca em alto mar, bombeiro, trabalhos outros. Esses pescadores são também nativos do bairro. Em conversa com os pescadores fui informada de que como a atividade da pesca enfrentou e continua enfrentando dificuldades eles tiveram que trabalhar em outras áreas para garantir uma segunda fonte de renda.

<sup>34</sup> Esses termos que denotam os instrumentos utilizados pelos pescadores artesanais serão explicitados posteriormente.

<sup>35</sup> Algumas informações foram do site da Prefeitura Municipal de Tramandaí, disponível em: <<http://www.tramandai.rs.gov.br/>>. Acesso em: 26. Out. 2014.

Ao contrário da corrida do peixe que escapou das malhas de Tramandaí/RS fui ao encontro dos pescadores artesanais desta cidade para realizar minhas primeiras aproximações. Chegando lá iniciei minhas buscas pelo Sindicato de Pesca da cidade e obtendo algumas informações localizei os pontos de acumulação. Na costa do mar situada na Barra do Tramandaí conheci um *pescador-tarrafa*<sup>36</sup> que relatou suas experiências antigas e recentes salientando as dificuldades enfrentadas pela prática da pesca. Ele utiliza a tarrafa para a captura de diversas espécies de peixes e conta também com o auxílio sinalizador do boto.

Na lagoa, situada no bairro Tiroleza, a pesca acontece pelo conjunto *pescador-caíco*<sup>37</sup>, *caíco* (barco), redes de espera e balizas<sup>38</sup> que são organizadas e divididas na água pelos pescadores. Ao conversar com o *pescador-caíco* percebi que existia uma organização muito peculiar e era conduzida por um rodízio seguido por todos os pescadores-caíco que ali pescam durante a temporada da pesca do bagre. A escassez do peixe e a quantidade de pescadores inseridos no rodízio são consideradas como dificuldades da pesca, pois não só são as redes que esperam como os pescadores também.

O entrecruzamento dos quatro *mar-lagoa*<sup>39</sup>, os bairros Santo Antônio de Lisboa, Barra da Lagoa, Barra do Tramandaí e Tiroleza, fez emergir a unidade de sentido envolvendo a medição e divisão do tempo e do espaço da/para a pesca realizada pelos *Camaradas D'água*<sup>40</sup> (*pescador-maricultor*, *pescador-temporário*, *pescador-tarrafa* e *pescador-caíco*). As idas a cada *mar-lagoa* suscitou investigar e analisar

---

<sup>36</sup> Chamo os pescadores artesanais da Barra do Tramandaí de *pescadores-tarrafa* por considerar como sendo um membro e extensão de seus próprios corpos. Em conversa com um *pescador-tarrafa* pude perceber que a relação com a tarrafa extrapola estar na praia pescando, pois conserta e produz tarrafa em casa.

<sup>37</sup> Chamo os pescadores artesanais do bairro Tiroleza de *pescadores-caíco* por considerar o caíco uma extensão corporal que apresentam um zelo singular. Em conversa com um *pescador-caíco* pude perceber que o rancho onde guardam o caíco é uma extensão da própria casa.

<sup>38</sup> As balizas são estacas de madeira colocadas na lagoa enumeradas de 1 a 32 onde é realizado o rodízio entre os pescadores. Esse assunto será discutido posteriormente.

<sup>39</sup> Chamo o campo empírico de investigação de *mar-lagoa*, pois não se trata de um campo firme na terra, mas flutuante nas águas do mar e da lagoa.

<sup>40</sup> A escolha do termo *Camaradas D'água*, que denomina os quatro pescadores artesanais sujeitos da pesquisa, é explicitada, posteriormente, no capítulo *Jogando com os Camaradas D'água*.

como o tempo e o espaço são medidos, divididos e vividos no mundo da pesca artesanal, embora possa não ser chamada e percebida como sendo uma racionalidade matemática pelos *Camaradas D'água* e suas relações métricas não sejam consideradas como objetos matemáticos. Este fato instiga tecer entendimentos sobre outros modos de pensar matematicamente. Contudo, as práticas cotidianas não devem ser vistas como a aplicação, interpretação ou variações de práticas matemáticas escolares, mas como um conjunto de significados em diversos usos que nos permite penetrar em diferentes jogos de linguagem<sup>41</sup>.

Para se chegar à ilha desconhecida serão necessárias cinco longas remadas. Na primeira, "*Mergulhando*" em outras formas de vida, longe de esgotar uma descrição das formas de vidas pesquisadas, o propósito foi apresentar o que é entendido por pesca artesanal, tatear os *jogos de saberes e poderes* que são ativados e descrever as formas de vida dos pescadores artesanais em uma perspectiva wittgensteniana.

A segunda remada, *Quando puxa um fio da rede* apresenta o fio teórico-metodológico e o uso de inspirações etnográficas que possibilitaram habitar os territórios de pesca, realizar um exercício sensível de escuta do *Outro*, de ver com olhos outros e sentir com o corpo todo, de experienciar outras águas, de embarcar em uma aventura cuja racionalidade matemática flutua, de viver um *presente vivo* que é constituído por sons, cores, falas, silêncios, gestos, expressões, afectos entrelaçado com a maré, o vento e a lua. Mais ainda contar *estórias-até-agora* presentes nos jogos de linguagem que emergiram e evidenciaram um fio condutor de sentido no que diz respeito ao tempo e espaço da pesca artesanal.

A terceira remada, *Nas ondas do tempo e do espaço* recorro à filosofia para entender como o tempo, o espaço e os seus efeitos foram percebidos em cada época. Minha intenção não é considerar esses conceitos de forma linear, sem fissuras e transgressões, mas entendê-los como condições de possibilidade emergentes que ativaram diferentes, sem realizar juízo de valor ou contraposição, *regimes de saber/poder*. Além de proporcionar uma reflexão sobre como o tempo e espaço podem ser sentidos e vividos na contemporaneidade, este capítulo me permite dialogar e subsidiar entendimentos de como o tempo e o espaço são vivenciados pelos *Camaradas D'água*.

A quarta remada, *Jogando com os Camaradas D'água*, tem como propósitos apresentar e participar dos jogos de linguagem envolvendo noções de medição e divisão do tempo e do espaço que são

---

<sup>41</sup> MIGUEL, 2014.

vivenciadas pelo *pescador-maricultor*, *pescador-temporário*, *pescador-tarrafa* e *pescador-caíco*. E ainda, tecer entendimentos sobre como esses conceitos são articulados no *presente vivo* que se constitui em cada *mar-lagoa* possibilitando criar elos de semelhanças de família e descontinuidades. Aciono os jogos de linguagem para “jogar” em lances ora de agitação ora de lentidão, que apresentam “cartas” barulhentas ou apenas silenciosas, insistindo em movimentar o pensamento.

A quinta remada, *Com o movimento das águas, torna-se outro*, apresenta as *águas-fotos* que propõe um momento de suspensão para silenciar a escrita, porém não a fala ou os jogos de linguagem dos *Camaradas D'água*. A intenção é criar um tempo e um espaço para conversar com as *águas-fotos*, uma parada para olhar e sentir o que os meus olhos de sujeito *pesquisadora-pescadora* capturaram ou foram capturados em cada *mar-lagoa* constituídos como territórios de pesca artesanal, uma pausa para suspender os automatismos que paralisam e unificam os modos de ver o *Outro*, uma espera para torna-se *outro* diante do encontro com diferentes formas de vida, usos, significados e sentidos de habitar o mundo. Um momento de silenciar e deixar que o movimento das *águas-fotos* nos afete, nos toque, coloque nossos pés para flutuar em uma experiência sensível, enuncie uma pluralidade de jogos de linguagem possíveis, até mesmo os que evidenciam alguma racionalidade matemática, e nos provoque a descolar de *si mesmo* para tornar-se outro.

Por fim, em *Recolhendo as redes*, encerro um dia-noite de pesquisa-pesca em que a maré movimentou, o vento soprou e a lua iluminou pegar o peixe-resposta, mesmo que provisório e in(concluso), pois nas águas de cada *mar-lagoa* fui feliz, aprendi e desaprendi. Além disso, busco pensar os atravessamentos provocados ao tecer entendimentos sobre viver um tempo e habitar um espaço outros a partir de uma racionalidade matemática outra que potencializa outros jogos de linguagem possíveis, mais especificamente no campo de pesquisa da Etnomatemática.

*“Mergulhando” em outras formas de vida...*





## “Mergulhando” em outras formas de vida...

O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo homem é uma ilha, (...). Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não vemos se não saímos de nós.<sup>42</sup>

O “mergulho” em outras formas de vida exigiu um deslocamento de mim mesma para viver um tempo e habitar um espaço outro, um deixar-se afectar pelo *presente vivo* do *Outro*, um desprendimento da racionalidade matemática académica e escolar para perceber outros modos de pensar matematicamente. Tive que colocar-me sob suspeição, pois sentia o desejo de habitar territórios outros. Em outras palavras, deixei-me fisgar pela isca da des-territorialização. “Ninguém conhece peixe que se suicide por gosto, mordendo anzol vazio”<sup>43</sup>. Foi preciso me aproximar, questionar, sentir essas formas de vida e tentar perceber como articulavam seus saberes na prática da pesca artesanal. Estava despindo “daquilo que mais nos constitui: os olhos, janelas onde nossa alma ascende”<sup>44</sup>. Só assim, me senti preparada para descrever de um modo, um pouco mais “solto” as formas de vida que eu escolhi e me escolheram nesse momento de pesquisa.

Para subsidiar essa imersão recorri às lentes teóricas de Wittgenstein com as noções de forma de vida, jogos de linguagem, gramática e semelhanças de família; de Foucault com as noções de regime de verdade, jogos de saber/poder e, respiro juntamente com as contribuições de Deleuze e Guattari ao proporem as noções de ciência de maior (também chamada de régia ou de Estado) e ciência menor (ou nômade ou de guerra). O apoio teórico-metodológico que busquei, por ser movente e potencializar o pensamento, foi condutor para poder ver diferentemente do que eu pensava e via.

Para Wittgenstein<sup>45</sup> é na e pela forma de vida que se constitui a linguagem, mais especificamente os jogos de linguagem, a produção de

---

<sup>42</sup> SARAMAGO, 1998, p.40-41.

<sup>43</sup> COUTO, 2013, p. 98.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 99-100.

<sup>45</sup> O pensamento de Wittgenstein é dividido em duas partes. A primeira fase pertence ao *Tractatus Lógico - Philosophicus* (1922) em que apresenta uma

significados e se estabelece os modos de pensar e agir no mundo. A racionalidade é tramada, criada e inventada no interior de uma forma de vida que coloca a funcionar suas significações<sup>46</sup>. Mesmo que o filósofo tenha pouco explicitado e definido o conceito de forma de vida, seu anúncio no *Prefácio* da obra *Investigações Filosóficas* sinalizava o desafio: “meus pensamentos afrouxavam quando eu tentava forçá-los em *uma* direção contra a sua tendência natural”<sup>47</sup>, ou seja, o conceito foi pouco definido e seus aforismos deixam fluir em nossos espíritos. O mesmo ocorre com a descrição das formas de vida. Por este motivo considero ter sido uma aventura difícil debruçar-me sobre a leitura de *Investigações Filosóficas*, pois as ideias do filósofo se entrelaçam em um ir e vir desafiando, muitas vezes, suas compreensões. Mas, fui alertada pelo próprio filósofo quando este afirmou: “Não pretendo poupar aos outros o pensar. Porém, se for possível, incitar alguém aos próprios pensamentos”<sup>48</sup>. Isso pode ser constatado ao perceber que os pensamentos wittgensteinianos estão longe de fixar e estabilizar os

---

relação isomórfica entre linguagem e mundo, ou seja, a linguagem como representação do mundo. Para Moreno (1986), o pensamento de Wittgenstein da primeira fase pensava a linguagem como possuidora de uma estrutura fixa, baseada na forma lógica. A segunda fase, ou fase de maturidade, pertence às *Investigações Filosóficas* (1953) e um dos pontos centrais é exatamente a crítica a uma essência lógica. De forma contrária, busca-se saber o “emprego da linguagem e aprender com ela funciona” (MORENO, 1986, p.68). No entanto, Moreno (1986) salienta que seria perigoso afirmarmos a existência de duas fases radicalmente distintas, ou seja, “todas as mudanças podem ser interpretadas com referência a um conjunto de questões presentes no *Tractatus*; e é a partir desse núcleo comum que se articulam as duas fases de seu pensamento” (Ibidem, p. 62). Moreno interpreta que sua obra seria assim uma elaboração e aprofundamento das mesmas questões cruciais que antes estavam presentes no modo de pensar de Wittgenstein. Nessa pesquisa, recorro aos pensamentos da segunda fase de Wittgenstein baseada na obra *Investigações Filosóficas*.

<sup>46</sup> Na perspectiva wittgensteiniana, as significações produzidas por uma forma de vida não são arbitrárias, mas sim estão amalgamadas com o seu uso na linguagem. Desse modo, quando se usa “uma palavra – ‘saber’, ‘ser’, ‘objeto’, ‘eu’, ‘proposição’, ‘nome’ – e almejam apreender a *essência* da coisa, devem sempre se perguntar: esta palavra é realmente sempre usada assim na linguagem na qual tem o seu torrão natal? Nós conduzimos as palavras do seu emprego metafísico de volta ao seu emprego cotidiano” (WITTGENSTEIN, 2014, §116, p. 72).

<sup>47</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>48</sup> Ibidem, p.12.

conceitos, são provocações filosóficas que retiram a essência dos conceitos e os remetem “de volta ao chão áspero”<sup>49</sup> da vida cotidiana.

O conceito de forma de vida aparece em apenas cinco passagens da obra (§§19,23, 241, p. 174 e 226) sendo utilizado no singular e no plural (formas de vida). Esse fato provocou várias interpretações e discussões no sentido de pensarmos se o plural empregado foi proposital e implicaria em uma das possíveis alterações no sentido do conceito. Velloso (2003) realizou uma investigação que conta com quatro interpretações do conceito forma de vida que são abordadas por diferentes comentaristas da obra de Wittgenstein<sup>50</sup>. Considerando formas de vida, no plural, as abordagens relacionam: 1) formas de vida como jogos de linguagem implicando na equiparação entre as duas noções; 2) formas de vida como sendo uma abordagem orgânica, ou seja, a maneira como aprendemos está interligada com as situações biológicas e orgânicas do indivíduo; 3) formas de vida como culturas diferentes sendo equivalente descrever uma forma de vida e descrever uma cultura. Quanto ao uso no singular, forma de vida equivale a uma única forma de vida, humana.

As interpretações geram alguns impasses que permitem continuar a discuti-las. Na primeira interpretação o impasse está na equiparação dos conceitos formas de vida e jogos de linguagem, pois quando consideramos uma linguagem as relacionamos com as atividades que lhe dão origem, ou seja, consideramos uma forma de vida envolvida. Nesta lógica os jogos de linguagem e formas de vida seriam coisas distintas. Na segunda interpretação, o risco é considerar a linguagem como algo individual que desconsidera os aspectos culturais. Na terceira interpretação o impasse está em transformar a noção de forma de vida para outra “mais fundamental” que seria a noção “significância da vida humana”. A última interpretação gera conflito com a própria concepção de linguagem ao considerar uma linguagem comum a todos os seres humanos. Ao findar sua discussão Velloso (2003) afirma que a fim de resolver esse impasse “teremos de procurar o nosso solo comum dentro dessa própria noção”<sup>51</sup>. Marli Quartieri (2012), outra estudiosa de Wittgenstein, defende a ideia de que não poderíamos afirmar a existência de uma única forma de vida, mas diferentes formas de vida com características de diferentes culturas,

---

<sup>49</sup> WITTGENSTEIN, 2014, § 107, p.70

<sup>50</sup> VELLOSO, 2003.

<sup>51</sup> VELLOSO, 2003, p.182.

épocas e contextos. Assim, “os jogos de linguagem seriam utilizados em conformidade com as práticas de um povo”<sup>52</sup>.

Considero essa discussão bastante frutífera, fazendo-se necessário traçar algumas das linhas que irão compor a rede de escrita desta pesquisa. Corroboro com Glock ao afirmar que uma forma de vida é uma formação cultural ou social que considera a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos nossos jogos de linguagem<sup>53</sup>. Uma forma de vida não estabelece “a” inteligibilidade do mundo, mas “uma” inteligibilidade possível (peculiar àquela forma de vida) produzindo inteligibilidades diferentes<sup>54</sup>. Diante desse posicionamento considero a existência de múltiplos modelos de racionalidade ancorados em diferentes *linguagens*<sup>55</sup> que conformam o uso do termo, nesta Dissertação, de formas de vida no plural. A ideia de racionalidade, na perspectiva wittgensteiniana, estabelece a relação indissociável com as práticas sociais imbricadas nas diferentes formas de vida. Trata-se de uma “perspectiva pragmática onde não apenas os problemas, mas as suas soluções, encontram-se como um conhecimento que se dá, entre outras coisas, no *atuar* em uma forma de vida”<sup>56</sup>. Wittgenstein provoca a falência não só da fundamentação última do conhecimento, mas também do representacionismo<sup>57</sup>.

A racionalidade é produto de uma forma de vida, pois “não se pode conceber um sujeito fora da linguagem, fora de uma forma de vida, isto é, esse sujeito construído “na” e “pela” pragmática da linguagem constitui-se necessariamente a partir de relações inter-subjetivas realizadas em uma forma de vida”<sup>58</sup>. A ressalva wittgensteniana está em que não se pode conceber uma linguagem privada estabelecida no fundo *a priori* da consciência. Uma forma de vida ativa linguagens, significações, regras, usos, expressões, gestos, modos de pensar e agir. Este conjunto estabelece uma racionalidade específica com critérios de inteligibilidade sendo que “certo ou errado é o que os homens dizem; e os homens estão concordes na linguagem. Isto não é uma concordância de opiniões, mas da forma de vida”<sup>59</sup>.

---

<sup>52</sup> QUARTIERI, 2012, p. 27.

<sup>53</sup> GLOCK, 1998.

<sup>54</sup> CONDÉ, 2004.

<sup>55</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §65, p. 51.

<sup>56</sup> CONDÉ, 2004, p. 70, [grifo do autor].

<sup>57</sup> CONDÉ, 2004.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>59</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §241, p. 123.

A partir disso, é construído um sistema de referência composto pelo “entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem”<sup>60</sup> que dita os modos de atuar e interagir estabelecendo uma gramática<sup>61</sup> para os jogos de linguagem como elemento regulador das regras e aplicações dos usos das palavras. “O agir de acordo com regras não deve ser tomado como um agir uniforme; suas regras não são fixas, mas variam de acordo com a prática dos jogos que as determinam; tantos quantos forem os nossos usos possíveis da linguagem”<sup>62</sup>. Os critérios de inteligibilidade que definem o certo e o errado no interior de uma forma de vida estão atrelados aos usos e hábitos como aponta Wittgenstein:

Não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez. Não é possível uma única comunicação ter sido feita, uma única ordem ter sido dada ou entendida uma única vez, etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são *hábitos* (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica.<sup>63</sup>

Os hábitos são constituídos na e pela forma de vida e variam de acordo com as práticas sociais. “As regras gramaticais incorporam as ‘necessidades lógicas’ surgidas na prática efetiva de uma dada comunidade”<sup>64</sup>. Além disso, “o significado de uma palavra é atrelado ao seu uso na linguagem”<sup>65</sup>.

---

<sup>60</sup> GLOCK, 1998, p. 173-174.

<sup>61</sup> Segundo Condé (2004, p.175) “a gramática, para Wittgenstein, é vista como o “lugar” a partir do qual estabelecemos nossas “considerações” do mundo (I.F. §§ 47, 90, 122, 392, 401), do qual dominamos técnicas e de onde construímos a nossa ideia de racionalidade (I.F. §§ 304, 520, 528). Jogar um jogo de linguagem qualquer como “relatar um acontecimento – conjecturar sobre o acontecimento – expor uma hipótese e prová-la (...) inventar uma história e ler; representar teatro” (I.F. §23), já pressupõe sua gramática [sem ser considerada como fundamento último]”. Ressalto o uso da abreviação da obra *Investigações Filosóficas* como sendo I.F. para referenciar os parágrafos utilizados.

<sup>62</sup> SIMÕES, 2008, p. 127.

<sup>63</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §199, p. 113.

<sup>64</sup> CONDÉ, 2004, p. 96.

<sup>65</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §43, p.38.

A concepção de linguagem além de estar amalgamada com a forma de vida passa a ser não-representacional de modo que

não depende de nenhum suposto princípio transcendente a guiá-la; ela não depende de nenhum impulsionador trans-histórico, de nenhum motor metatemporal e metaespacial; ela não precisa de nenhum atrator teleológico que ficasse à espera, no futuro, para ser atingido ou realizado. É isso que quiseram dizer Nietzsche e Foucault quando dispensaram qualquer a priori, exceto o a priori histórico: nada há nem por fora, nem antes, nem para além das sequências temporais imediatas de tudo o que acontece.<sup>66</sup>

Não há uma linguagem por trás de outra linguagem que carregue consigo uma *essência*. Há apenas o que é dito constituído pelas formações históricas, políticas, sociais e culturais que oferece condições de possibilidade para dizer e compreender sobre as coisas do mundo. “O que está oculto, não nos interessa”<sup>67</sup>. Contudo, também não há o empoderamento da linguagem. O posicionamento está em operar com a linguagem a fim de “assumi-la como uma das condições de possibilidade e de existência das formas de vida, do mundo, das subjetividades”<sup>68</sup>. Desse modo, é a partir da linguagem que é possível pintar os diferentes quadros de formas de vida e proporcionar a flexibilidade para transitar, compartilhar significados, construir diálogos, viver a pluralidade das cores e vidas.

Ao propor essa concepção flexível, Wittgenstein não a deixou totalmente livre, pois, o uso da linguagem é determinado por regras intrínsecas à forma de vida que o abriga, conforme o aforismo:

podemos ver nossa linguagem como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas velhas e novas, e casas com remendos de épocas diferentes; e isso tudo circulando por uma grande quantidade de novos bairros, com ruas retas e regulares e com casas uniformes.<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p. 25.

<sup>67</sup> WITTGENSTEIN, 2014, § 126, p. 75.

<sup>68</sup> BELLO, 2010, p. 550.

<sup>69</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §18, p. 23.

O movimento é composto por regras que se abandonam, se incorporam, se misturam e reciclam os significados. De forma análoga, considero a pesca artesanal como a velha cidade em que cada comunidade pesqueira habita diferentes ruelas atravessadas por épocas e contextos variados a compor diferentes jogos de linguagem.

Mas o que são jogos de linguagem? Primeiramente, Wittgenstein faz a seguinte indagação: o que é um jogo? Propõe a observação dos jogos que temos em mente como os jogos de tabuleiros, os jogos de cartas, o jogo de bola, entre outros e então questiona o que eles teriam em comum. “*Não pense, mas olhe!*”<sup>70</sup>, afirma o filósofo. Quando se olha é possível perceber semelhanças e parentescos entre eles de modo que as semelhanças podem aparecer e desaparecer de um jogo para outro. Como, por exemplo, o jogo de xadrez em relação ao jogo de tênis, ao mesmo tempo em que mantém suas características regradas visando à vitória de um dos jogadores, perde os traços semelhantes pelos diferentes contextos, condições e instrumentos para a realização de ambos.

Os jogos, para o filósofo, apresentam uma rede de semelhanças<sup>71</sup> – em grande e pequena escala - que se sobrepõem uma às outras e se entrecruzam assim como os que “existem entre membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor de olhos, andar, temperamento, etc. E direi: os ‘jogos’ formam um família”<sup>72</sup>. Embora seja possível falar sobre os jogos e suas regras ou ainda jogá-los, é impossível cercar a definição de jogo. “Não conhecemos os limites, porque não se traçou nenhum limite”<sup>73</sup>. Por exemplo, o jogo de tênis não determina em suas regras a altura e a força empregada na bola, mas ainda assim é considerado um jogo. O termo jogo é móvel e cambiante, aciona distintas maneiras de agir, prolifera diferentes significações e linguagens que estão em movimento podendo criar e inventar novas regras. Assim, formas de vida distintas podem transitar e compartilhar significações e modelos de racionalidade ativando vários pontos de contato. “Para estabelecer um “acordo” entre diferentes formas de vida,

---

<sup>70</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §66, p. 51.

<sup>71</sup> GIONGO (2008) adjetivou o conceito wittgensteiniano de semelhanças de família com a expressão forte/fraca. Quando os jogos de linguagem estão muito próximos pode-se afirmar que há uma forte semelhança de família e quando guardam somente alguns traços semelhantes há uma fraca semelhança de família.

<sup>72</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §67, p.52.

<sup>73</sup> Ibidem, §69, p. 53.

o papel desempenhado pelas respectivas gramáticas é tão importante quanto o caráter “aberto” dos jogos de linguagem<sup>74</sup>.

O conceito de jogos de linguagem<sup>75</sup> também se apresenta de forma não limitada, mesmo sendo constituído por regras, por uma gramática. Da mesma forma, existem traços semelhantes ou ainda as semelhanças de família que aparecem e desaparecem entre diferentes jogos de linguagem. A função das semelhanças de família é interconectar as possibilidades de analogias, gramáticas e formas de vida diferentes<sup>76</sup>. Os jogos de linguagem participam de analogias ou contraposição entre si. Isso implica que não há uma caracterização de uma essência, pois os jogos de linguagem não possuem uma propriedade comum a todos, estão aparentados. Para Wittgenstein, jogos de linguagem são “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada”<sup>77</sup>. Fazem parte de jogos de linguagem o conjunto de expressões, gestos, comportamentos, fazeres peculiares de cada forma de vida. São atividades linguísticas e não linguísticas que se encontram interligadas em nossas práticas<sup>78</sup>.

Nesse sentido, é possível inferir que os entendimentos de Wittgenstein possuem aproximações com os de Foucault no que diz respeito ao posicionamento desencadeado pela *Virada linguística*<sup>79</sup> em

---

<sup>74</sup> CONDÉ, 2004, p.171.

<sup>75</sup> Segundo Glock (1998) o termo jogo de linguagem surge quando, a partir de 1932, Wittgenstein passa a estender a analogia do jogo à linguagem como um todo. Sua principal função é chamar a atenção para as várias semelhanças entre linguagem e jogos dentre elas a existência de regras. “Aprendemos o significado das palavras aprendendo a utilizá-las, da mesma forma que aprendemos a jogar xadrez, não pela associação de peças a objetos, mas sim pelo aprendizado dos movimentos possíveis para tais peças” (GLOCK, 1998, p. 225).

<sup>76</sup> CONDÉ, 2004.

<sup>77</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §7, p.19.

<sup>78</sup> GLOCK, 1998.

<sup>79</sup> A *Virada linguística* ocorreu em várias áreas do conhecimento como Filosofia, Ciência, Antropologia e Arte, meu olhar tem como foco alguns acontecimentos desencadeados pela Filosofia, enfatizando a linguagem. Já no século XIX, pensadores como Kiergaard, Freud, Marx e Nietzsche iniciaram questionamentos sobre os efeitos provocados pelo modelo de razão determinado pela modernidade. O movimento foi intensificado no século XX e desencadeou diversas problematizações acerca dos modelos tradicionais da filosofia envolvendo questões epistemológicas, éticas, estéticas e políticas. Iniciou um processo de desconstrução da própria filosofia. “O homem moderno perde novamente seu referencial” (CONDÉ, 2004, p.18), pois, enfrenta um processo de “descentramento” levando-o à crise da razão. Esta crise mostra-se,

relação à linguagem. O desprendimento de questões como “não perguntar o que é isso?” [indagar pela natureza da coisa], mas sim “perguntar como isso funciona?” são comuns aos dois filósofos<sup>80</sup>. Ambos abandonam a crença de que uma linguagem que seria capaz de representar o mundo, ocorrendo assim a desnaturalização de uma linguagem que seria universal, única a todos os indivíduos. Em outras palavras ambos “dão as costas para a busca de uma suposta razão pura e voltam-se para a análise das relações da linguagem consigo mesma e das relações entre a linguagem e o mundo”<sup>81</sup>. Apesar de estarem situados em problemáticas distintas os filósofos se interessavam pela filosofia analítica pragmática de modo a realizar a análise do significado dos enunciados diante do contexto do seu uso. Para ambos:

não é possível qualquer (tipo de) pensamento e conhecimento que não esteja sempre comprometido com a posição daquele que pensa, conhece e fala; é impossível pensar, conhecer e falar independentemente de agenciamentos, interesses, valores e forças sociais.<sup>82</sup>

Dessa forma, para Wittgenstein, é na e pela linguagem que produzimos significações sobre as coisas do mundo constituindo os diferentes jogos de linguagem que abarcam não apenas a língua, mas também as ações. Para Foucault, a linguagem é “constitutiva do nosso pensamento e, em consequência, do sentido que damos às coisas, à nossa experiência, ao mundo”<sup>83</sup>. As formas de vida são constituídas na e pela linguagem e atravessadas, a todo o momento, pelos discursos dos quais participam nas relações sociais. “Os discursos não estão ancorados ultimamente em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social, de modo a marcar o pensamento de cada época, em cada

---

principalmente, a partir da falência da ideia de fundamentação última do conhecimento, da universalidade. Segundo Condé (2004) a sociedade moderna passa a conviver com suspeitas quanto aos próprios limites e possibilidades da racionalidade, é atravessada por um movimento de estranhamento e desnaturalização do modelo até então vigente.

<sup>80</sup> VEIGA-NETO, 2011.

<sup>81</sup> VEIGA-NETO, 2011, p.90-91.

<sup>82</sup> VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p.21.

<sup>83</sup> VEIGA-NETO, 2011, p.89.

lugar e, a partir daí, construir subjetividades”<sup>84</sup>. Assim, cada sociedade possui o seu:

(...) regime de verdade, “sua política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.<sup>85</sup>

Os pensamentos foucaultianos, presentes na obra *Microfísica do Poder* (2000), têm permitido o questionamento dos “processos de verdadeirização” das “verdades” que sustentam os discursos imbricados no tecido social. Foucault entende por verdade o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”<sup>86</sup>. Para o filósofo, a verdade faz parte deste mundo, ela é produzida e produz efeitos regulados de poder, é construção histórica vinculada ao contexto cultural, social, econômico. “Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder, mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento”<sup>87</sup>. Dessa forma, não é possível falar em saberes desvinculados dos poderes, pois “é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos”<sup>88</sup>. As imbricações dos saberes e poderes permitem problematizar a politicidade do conhecimento gerando um movimento de desnaturalização de saberes que foram constituídos como verdades. Saberes estes, que muitas vezes são desvalorizados por serem concebidos como não-científicos, são “saberes sujeitados” discutidos por Foucault (1999), em sua obra *Em defesa da sociedade*, mais especificamente na *Aula de 7 de janeiro de 1976*, na qual afirma

---

<sup>84</sup> Ibidem, 2011, p.100.

<sup>85</sup> FOUCAULT, 2000, p.12.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>87</sup> FOUCAULT, 2000, p. 14.

<sup>88</sup> VEIGA-NETO, 2011, p.56.

“os saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição. Em segundo lugar, (...), eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos.<sup>89</sup>

A insurreição dos saberes trata de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia a hierarquia do conhecimento e da ciência. “Tratava-se do saber histórico das lutas”<sup>90</sup>.

O “saber das pessoas”, como chama Foucault, “não é de modo algum saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas a contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam”<sup>91</sup>. Assim, gerar visibilidade aos saberes locais é realizar a insurreição dos saberes, mas “uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa”<sup>92</sup>. Não se trata de desencavar esses saberes e recodificá-los, mas sim exteriorizá-los da margem em que se encontram, ou ainda, borrar as fronteiras entre os saberes ditos científicos e saberes não-científicos, colocando-os ao lado. Aliada a esse posicionamento, minha intenção é propor que se faça intervir os saberes dos pescadores artesanais, *Camaradas D’água*, para enfatizar as diferentes racionalidades com suas gramáticas específicas.

Próximo desse pensamento se encontra o campo de pesquisa da Etnomatemática que ativa a problematização entre os saberes da Matemática Acadêmica e os saberes matemáticos das diferentes formas de vida. Dalmazio Junior aponta que a Etnomatemática estando aliada ao posicionamento proposto por Foucault potencializa ir além do reconhecimento de “outras” matemáticas, ou ainda,

---

<sup>89</sup> FOUCAULT, 1999, p. 11-12.

<sup>90</sup> Ibidem, p.13.

<sup>91</sup> Ibidem, p.12.

<sup>92</sup> Ibidem, p.14.

(...) trabalhar a partir dessa perspectiva não é somente considerar a matemática como uma manifestação cultural como tantas outras. Não significa apenas olhar para os saberes que nunca foram levados em consideração e simplesmente ouvir as vozes que não são ouvidas ou consideradas. Antes disso, e para que isso seja insurreição e não apenas inclusão em uma lógica de conhecimento já estipulada, é necessário primeiro ‘romper’ e ‘quebrar’ com a ideia de que existe uma verdade matemática universal.<sup>93</sup>

A questão discutida não diz respeito à eliminação da Matemática Acadêmica ou a sua desvalorização, fato esse que implicaria uma contradição ao eleger outros saberes para colocar em seu lugar, mas sim suspender o seu empoderamento como uma única forma de pensar matematicamente. Nesta perspectiva, “precisamos ter em vista os pormenores dos processos; *olhar* de perto o que se passa”<sup>94</sup>.

Assim, meu olhar é lançado para alguns dos diferentes fios condutores que engendram e constituem a forma de vida dos *Camaradas D’água*. Um desses fios é composto pela atividade mais antiga da história: a pesca artesanal. Essa atividade desenhou um cenário flutuante que tem se feito e refeito ao longo do tempo, navegando por riachos, rios, lagos, lagoas e mares. Diferentes instrumentos e materiais como tarrafas, redes, canoas, caícos e remos fazem parte do universo que constitui as múltiplas identidades de pescador. A narrativa que se sobressai sinaliza para o desejo de capturar os peixes para o sustento familiar ou como fonte de renda. A atividade pesqueira suscita uma complexidade e amplitude de temas potentes para provocar diferentes perspectivas e possibilidades de pesquisa em várias áreas do conhecimento<sup>95</sup>, com o intuito de melhor compreendê-la e interagir em suas práticas cotidianas.

Olhando mais atentamente é possível encontrar outros fios presentes nos discursos que atravessam as formas de vida dos *Camaradas D’água* e compõem de um lado a ciência de Estado que está autorizada a falar sobre a pesca artesanal e de outro a ciência menor que

<sup>93</sup> DALMAZIO JUNIOR, 2011, p. 114.

<sup>94</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §51, p. 44.

<sup>95</sup> Ao realizar a consulta no Banco de Teses da CAPES, durante os anos de 2014 e 2015, pude constatar diversas pesquisas realizadas com temas envolvendo a pesca artesanal nas áreas da Educação, Educação Matemática, Antropologia, Biologia, Administração e Geografia, entre outros.

fala quem a vivência. Os conceitos de ciência maior (de Estado ou régia) e ciência menor (nômade ou de guerra), propostos por Deleuze e Guattari, discutem sobre duas concepções de ciência formalmente e ontologicamente distintas que potencializam pensar sobre como as leis da pesca artesanal se constitui em uma ciência maior e os saberes dos *Camaradas D'água* operam em uma ciência menor. O adjetivo maior ou menor não significa juízo de valor, mas sim reforça que são diferentes. “Diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia”<sup>96</sup>.

As vozes da ciência maior ecoam as definições sobre a pesca estabelecidas pela Lei Nº 11.959/2009<sup>97</sup> que regula nacionalmente as atividades pesqueiras:

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, consideram-se:

I - recursos pesqueiros: os animais e os vegetais hidróbios passíveis de exploração, estudo ou pesquisa pela pesca amadora, de subsistência, científica, comercial e pela aqüicultura.

(...)

III – pesca: toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros.

(...)

XXI – pescador amador: a pessoa física, brasileira ou estrangeira, que, licenciada pela autoridade competente, pratica a pesca sem fins econômicos;

XXII – pescador profissional: a pessoa física, brasileira ou estrangeira residente no País que, licenciada pelo órgão público competente, exerce

<sup>96</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 34.

<sup>97</sup> A Lei Nº 11.959/2009 é a lei vigente em nível nacional que regulamenta as atividades pesqueiras. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm)>. Acesso em: 27. Jan. 2015. Os *Camaradas D'água* salientaram que utilizam esta legislação, entendendo-a como normas oficiais. Além desta, referiram-se às normativas estaduais.

a pesca com fins comerciais, atendidos os critérios estabelecidos em legislação específica.

O pescador recebe além dos adjetivos amador e profissional a denominação de artesanal ou industrial conforme segue:

Art. 8<sup>o</sup> Pesca, para os efeitos desta Lei, classifica-se como:

I – comercial:

a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte;

b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial.

No âmbito desta pesquisa escolhi investigar pescadores profissionais artesanais que fazem da pesca a sobrevivência familiar e fonte de renda. Entretanto, chamá-los-ei somente de pescadores artesanais cuja denominação sofreu metamorfose durante o processo de investigação passando a ser chamados de *Camaradas D'água*.

A ciência maior regula, captura, domestica e condiciona os modos de agir e pensar na pesca artesanal ao definir, limitar e regar as temporadas de pesca, os tipos de peixes, o tamanho dos instrumentos e os locais que são permitidos. Em outras palavras, a ciência maior institucionaliza um tempo e um espaço autorizados fornecendo as condições de possibilidade para a realização da atividade pesqueira. O propósito é “fixar, sedentarizar a força do trabalho, regar o movimento do fluxo do trabalho, determinar-lhes canais e condutos, criar corporações no sentido de organismos (...)”<sup>98</sup>. Trata-se de “introduzir em todas as divisões do trabalho a distinção suprema do intelectual e

---

<sup>98</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 34.

manual, do teórico e o prático, copiada da diferença governantes-governados”<sup>99</sup>.

A pesca artesanal de cada *mar-lagoa* fica condicionada por um modelo constante, que é estabelecido pelas leis, sem considerar que os fenômenos vividos pelos *Camaradas D'água* são variáveis, pois “a busca de leis consiste em pôr constantes em evidência, mesmo que essas constantes sejam apenas relações entre variáveis (equações)”<sup>100</sup>. A ciência maior considera a multiplicidade de saberes imersa em um espaço homogêneo, fechado e fixo. Fato este que evidencia “o que é próprio da ciência régia, do seu poder teorematizado ou axiomático, é subtrair todas as operações das condições da intuição para convertê-las em verdadeiros conceitos intrínsecos ou categorias”<sup>101</sup>. Isso implica dizer que a ciência maior acaba por enquadrar os fluxos e estabelecer a universalidade das ações na pesca. Alicerçada no método científico busca estabelecer afirmações generalizáveis, por conseguinte, acaba por se constituir num modelo totalitário<sup>102</sup>.

Nesta perspectiva, o corpo político “investe em corpos humanos e os submetem fazendo objeto de saber”<sup>103</sup> e passa a exercer uma vigilância hierarquizada, contínua e funcional sobre as formas de vida investigadas. É constituído um controle normalizante que permite qualificar, classificar e punir<sup>104</sup> os sujeitos que não estiverem de acordo com as regras estabelecidas. Exemplo disto é a exigência feita no parágrafo único da Normativa do Ministério do Meio Ambiente, do Estado do Rio Grande do Sul, nº17 de 17 de outubro de 2004 de que

as redes de espera deverão ser identificadas através de bóias de coloração branca para cada região, fixadas na parte superior da rede, junto ao lacre do IBAMA.

As formas de vida dos *Camaradas D'água* são atravessadas por um poder disciplinar, uma ciência maior, que podem ou não acarretar efeitos de poder e de verdade. Embora a ciência maior capture, por assim dizer, a ciência menor e estabeleça relações de poder, é possível afirmar que existem resistências e transgressões por parte dos *Camaradas D'água* envolvendo as leis da pesca. Como linhas de fuga

---

<sup>99</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>102</sup> DUARTE; TASCETTO, 2013.

<sup>103</sup> FOUCAULT, 2013, p. 31.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 177.

buscam pela reavaliação de pontos discordes junto aos órgãos governamentais e aliam-se aos Sindicatos de Pesca<sup>105</sup>. “*A lei está mais do lado deles do que do lado de cá, do cara que depende disso mesmo. Com a fiscalização em cima está difícil de pescar*”. Trata-se de fazer intervir uma ciência menor que “não é uma simples técnica ou prática, mas um campo científico (...)”<sup>106</sup> cuja ordem e natureza se difere e se distancia da ciência maior. As “leis” são compostas pela sensibilidade, portadora de singularidades, metamorfoses, gerações, criações e afectos na própria ciência.

A ciência menor estabelecida pelos *Camaradas D’água* não se preocupa em “extrair constantes a partir de variáveis, porém de colocar as próprias variáveis em estado de variação contínua”<sup>107</sup>. As relações de poder flutuam e o regime está em perceber os fluxos dos acontecimentos de todo dia, pois a ciência menor localiza sem delimitar, cria um “espaço sem fronteiras”<sup>108</sup> e torna-se nômade. Mais do que isso os *Camaradas D’água* são constituídos por saberes e vetores de desterritorialização. “*Aprendi a pescar só olhando meu pai jogar tarrafa. Eu sempre fui curioso e fui aprendendo na escola da vida*”. Eles mesmos determinam seus trajetos costumeiros e vivem um *intermezzo* de seus saberes que não param de movimentá-los.

O entrelaçamento e o embate da ciência maior com a menor são vivenciados pelas formas de vida a partir dos acontecimentos no mundo da pesca artesanal. Um deles se refere à predominância do gênero masculino na pesca considerando a tradição de preservar a atividade na família repassando os saberes de geração em geração. “*Pai pescador, filho pescador e assim por diante*”. As mulheres<sup>109</sup> que pertencem à

---

<sup>105</sup> Cada cidade possui o Sindicato de Pesca que representa os pescadores artesanais em questões gerais junto aos órgãos governamentais. Mais informações podem ser obtidas pelo site do Sindicato de Pescadores de Florianópolis disponível em: <<http://www.sindpesca.org.br/>> e pela página Secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul disponível em: <<http://www.sdr.rs.gov.br/>>. Acesso em: 30. jan. 2015.

<sup>106</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 34.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>108</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 51.

<sup>109</sup> Gerber (2013) nos mostra, em sua tese de doutorado, que o mundo da pesca não é único e homogêneo como se parece ser. Sua investigação antropológica aborda as pescadoras artesanais no litoral de Santa Catarina com o intuito de questionar o reconhecimento e a (in)visibilidade de mulheres na pesca observando no meio de constantes (a)sujeitamentos, elas vêm se construindo

família dos pescadores, geralmente, têm como função serviços domésticos, fazer rendas de bilro, e algumas ajudam no beneficiamento, limpeza dos peixes e descasque de camarão.

Outro acontecimento, ou até mesmo exigências, é que para ser pescador é necessário possuir a regulamentação da profissão de pescador, a carteira de pescador profissional e licenças ambientais. Além disso, ter simplicidade, habilidade e persistência que são sinalizadas pelo modo de se vestir (*camiseta, bermuda, chinelo, agasalho quando frio, boné, ou pequenas variações como botas de borracha, capas de chuva e roupa de surf*), de falar (*aprendi a pescar olhando meu pai e assim fui jogando tarrafa*), de agir (*o vigia grita Canoa! Canoa! Nós saímos correndo pega a canoa e se vai. O peixe não tem hora*), a aparência das mãos e pés cansados pelo trabalho diário, sinais no rosto marcado pelo tempo e um olhar de espreita à espera de avistar um cardume que vão compondo um jogo de linguagem que se fala e age pela pluralidade e combinação dos elementos lua, vento, maré, força, equilíbrio, movimento do peixe e “sorte”.

Onde há pescadores artesanais há também redes, tarrafas, canoas e embarcações compondo um conjunto de instrumentos (ou apetrechos) que são colocados a funcionar na prática da pesca ou *arte da pesca*. Cada instrumento pode ser comparado a um “jogo” constituído por regras e,

Aprende-se o jogo assistindo como os outros jogam. Mas dizemos que é jogado de acordo com tais regras, porque um observador pode ler estas regras a partir da prática do jogo – é como uma lei natural, em cuja regência as jogadas se desenrolam. – Mas, como é que o observador distingue, neste caso, um erro dos outros jogadores de uma jogada correta? – Para isso há sinais característicos no comportamento do jogador (...).<sup>110</sup>

Com as idas a cada *mar-lagoa* pude observar como os *Camaradas D'água* “jogam” com os instrumentos de pesca e criam uma lei “natural” de se relacionar com redes, tarrafas, canoas e caícos. A relação

---

como sujeitos. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107184>. Acesso em: 16. out. 2014.

<sup>110</sup> WITGENSTEIN, 2014, §54, p. 45.

vai além de apenas considerá-los como ferramentas, utensílios, são percebidos com afectos, cuidado, zelo e até mesmo como uma extensão de seus próprios corpos.

### *As peças do jogo*

O jogo começa pelas redes de forma retangular, a rede de espera que, como o próprio nome indica, espera os peixes. “*A gente coloca a rede esticada entre duas estacas de madeiras fixadas na água, dá mais ou menos uns cento e cinquenta metros da margem do curso d’água. A malha da rede é nove para cima [tamanho mínimo de noventa milímetros]*”. Este tipo de rede é utilizado pelo *pescador-maricultor* (Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC) e pelo *pescador-caíco* (Tiroleza, Tramandaí/RS).



Figura 1: **Rede que sabe o que esperar**

Fonte: MARQUES, 1980, p. 27.

A rede de arrastão ou de cerco reúne três redes emendadas, “*são três panos de rede que a gente chama*”, contendo de “*sessenta a oitenta metros, conhecida por ser a rede que malha o peixe [enrosca o peixe], é colocada de cem a quinhentos metros adentro do mar e, com a ajuda da canoa, os proeiros [pescadores que vão à proa da canoa e direcionam os remos para ajudar a cercar o cardume] vão lançando as redes formando um cerco e depois a gente puxa para a praia*”. O tamanho da malha rede de arrastão é definido pelas leis da pesca vigente na temporada da tainha. Esta rede é utilizada apenas pelo *pescador-temporário* (Barra da Lagoa, Florianópolis/SC).

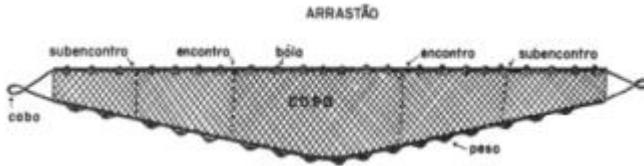


Figura 2: **Rede que arrasta tainhas.**  
 Fonte: MARQUES, 1980, p.25.

A rede de forma circular mais conhecida é a tarrafa que se parece com um funil, pois é confeccionada por meio de crescentes com variados tamanhos e pesos em toda a circunferência da malha que afundam. Após ser lançada forma “*um grande saco onde os peixes ficam presos*”. A tarrafa é utilizada, com maior frequência, pelo *pescador-tarrafa* (Barra do Tramandaí, Tramandaí/RS), por ser águas mais rasas de até dois metros de profundidade. Cabe ressaltar que a utilização das redes é estritamente definida pelas normativas legais do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) e Ministério do Meio Ambiente (MMA), assim como fiscalizadas pelos órgãos estaduais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

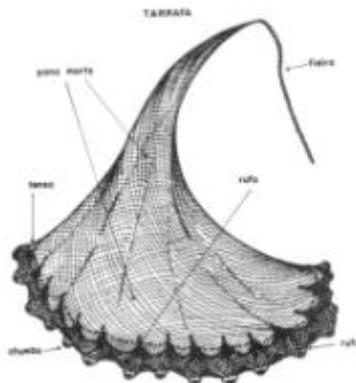


Figura 3: **Tarrafa que tarrafea a sorte**  
 Fonte: MARQUES, 1980, p. 29.

Em se tratando de embarcações, os nomes variam de região para região e, geralmente, são identificadas em sua lateral por nomes próprios. A *canoas* é utilizada na Barra da Lagoa (Florianópolis/SC), é

confeccionada com apenas um tronco de árvore adicionada de bancos que fatiam a canoa; “a parte da frente que corta a água é chamada de proa e a parte mais fina é a popa; Aqui vão sete pessoas na canoa são quatro remadores, um chumbereiro, o patrão e um mergulhador”.

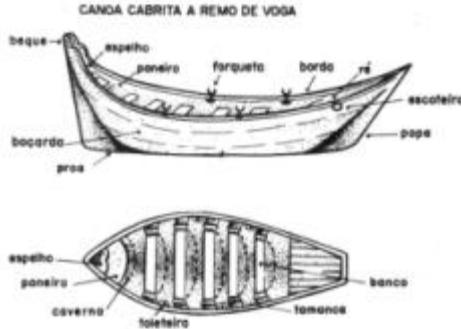


Figura 4: **Canoa de expectativas**  
Fonte: MARQUES, 1980, p. 46.

O par de remos que fica encaixado na canoa pode ser de três tipos: remo de pá (doze palmos de comprimento), remo de voga (24 palmos de comprimento), remo de pá (treze palmos de comprimento com a ponta mais abaulada). “Para entender a diferença é assim: o remo de pá é pequeno e para ficar em pé, o remo de voga é grande e para remar sentado. Mas cada um faz do seu jeito. Nós usamos o sentado na canoa”. Os remos são utilizados pelo pescador-maricultor, pescador-temporário e pescador-caíco.

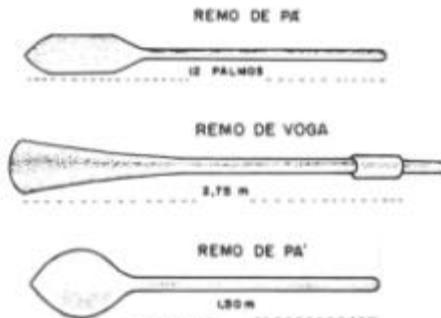


Figura 5: **Remando pela pesca**  
Fonte: MARQUES, 1980, p. 49.

A canoa à vela utilizada pelo *pescador-caíco* (Tiroleza, Tramandaí/RS), também é confeccionada com um tronco de árvore, possui apenas dois bancos, a vela é feita com bambu que sustenta o pano ou lona amarrado com cordas. “A gente usa o remo de pá pequeno e às vezes o de voga e vamos remando sentados”. O *caíco*, (utilizado também na Tiroleza- Tramandaí/RS) é feito de tábuas e tem fundo raso e chato, é usado o remo de voga e, às vezes, a vela. A canoa com motor de popa (*também chamada de embarcação apenas*) é utilizada pelo *pescador-maricultor* (Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC), confeccionada de fibra ou alumínio, possui bancos e se adiciona um motor pequeno na popa da canoa que dispensa o uso dos remos. “Quando dá maré vazante [quando a água baixa] se tira o motor e vai a remo de pá mesmo”.

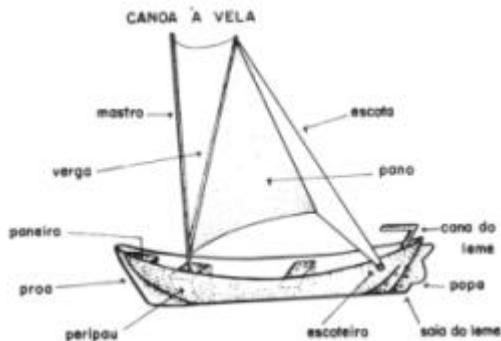


Figura 6: **Canoa ao vento**

Fonte: MARQUES, 1980, p. 46.

No entanto, esse não é o único “jogo” presente nas formas de vida dos *Camaradas D’água*. Destaco outros “jogos de saberes” que colocam a funcionar os seus corpos, os instrumentos e as regras cuja vitória é a captura do peixe. Pude perceber que há diferentes modelos de racionalidade empregados na prática da pesca que são ativados a partir de procedimentos como analisar as condições do tempo, da água, do espaço, do vento, dos instrumentos, do momento certo a lançar a tarrafa e o momento de encerrar a pescaria. A atenção dos *Camaradas D’água* a todos esses sinais evidenciam a pluralidade de saberes vividos que se espalham no fazer de todo dia.

Coloco-me a exercitar a atenção para, junto com os *Camaradas D'água*, continuar puxando fios outros que tramam suas formas de vidas e realizar um exercício sensível de escuta do *Outro*, de ver com olhos outros e sentir com o corpo todo, de experienciar outras águas, de embarcar em uma aventura cuja racionalidade matemática flutua, de viver um *presente vivo* que é constituído por sons, cores, falas, silêncios, gestos, expressões, afectos entrelaçado com a maré, o vento e a lua. Mais ainda contar *estórias-até-agora* presentes nos jogos de linguagem que emergiram e evidenciaram um fio condutor de sentido no que diz respeito ao tempo e espaço da pesca artesanal.

*Quando puxa um fio da rede...*





## *Quando puxa um fio da rede...*

Sabes navegar, tens carta de navegação, ao que o homem respondeu, Aprenderei no mar. O capitão disse, Não te aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco, Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim, Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro, Se tenho a linguagem, é como se o fosse.<sup>111</sup>

Não sou pescadora, não tenho carteira de pescadora nem licenças ambientais, mas acredito que aprendi no “mar”, descrito nesta pesquisa, um pouco mais sobre as formas de vida dos *Camaradas D’água*: suas linguagens, mais especificamente os jogos de linguagem, as expressões e gestos que por ora me pareciam estranhas e não as entendiam, os modos de pensar e agir empregados meticulosamente na prática da pesca artesanal, e, também os meus primeiros movimentos na água junto aos *Camaradas D’água* acompanhando-os em sua rotina de trabalho. Este capítulo tem como atrevimento meu apresentá-los a partir do fio teórico-metodológico que conduz a navegação sobre a inserção em cada *mar-lagoa*, a escolha pelos *Camaradas D’água*, os jogos de linguagem que emergiram e descrevem essas formas de vida.

Para subsidiar a prática investigativa fiz uso das teorizações já acionadas no capítulo *Mergulhando em outras formas de vida* que dialogam com os pensamentos de Wittgenstein, Foucault, Deleuze e Guattari. Além disso, busquei *inspirações etnográficas* no sentido de facilitar a inserção e permanência (temporária), exercitar a sensibilidade e atenção nos modos de observar e interagir, suspender os automatismos, compreender as formas de vida e, aproximar da linguagem e produção de significados dos *Camaradas D’água*. Minha intenção não é realizar uma pesquisa etnográfica<sup>112</sup> em sua totalidade e

---

<sup>111</sup> SARAMAGO, 1998, p. 26-27.

<sup>112</sup> Para Giddens (2008, p. 649), “a etnografia é muitas vezes referida como fazendo parte da investigação qualitativa, porque se preocupa mais com a compreensão subjectiva do que com dados numéricos. A etnografia também dá ao investigador mais flexibilidade do que a maioria dos outros métodos. O investigador consegue adaptar-se a circunstâncias invulgares e inesperadas e seguir as pistas que forem surgindo no processo da própria investigação”.

seguir um “método”, mas sim um “estudo do tipo etnográfico”<sup>113</sup> que possibilita a flexibilidade diante das alterações, interações e aproximações no decorrer do processo de pesquisa.

Minha *vontade de detalhes* está diretamente relacionada com a ênfase em acompanhar a navegação, os caminhos que fluem, os acontecimentos de todo dia, que produzem dados moventes e provisórios. É necessário *educar a atenção* para além do corpo praticante, sentir com o corpo todo, pois é de “dentro do processo da vida das pessoas no mundo que todo conhecimento é constituído”<sup>114</sup>. Nada mais instigante do que se permitir a aprender com o *Outro*, perceber e sentir que os *Camaradas D’água* têm uma vida lenta, desacelerada, desprendida de um tempo que corre e atropela, remete ao sossego sem acomodar-se e a um espaço que escapa da rotina e monotonia.

Trata-se do empreendimento que supõe um trabalho paciente que requer uma *atenção viva*. Mais do que realizar uma prática etnográfica - programada e contínua – é viver uma experiência etnográfica, descontínua e imprevista<sup>115</sup>. Experiência esta que potencializa a criação de um espaço de trocas, de encontros e desencontros diante da dinâmica cotidiana. Não se pode contar com uma totalidade dada, fixa, mas construir a partir da experiência – com os atores, hipóteses de trabalho e escolhas teóricas – condições para que se possa dizer algo mais do que generalizações e platitudes a respeito do que se investiga<sup>116</sup>. Esse movimento permite acionar a “escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade e ex/posição”<sup>117</sup>.

A experiência “é uma aventura e, portanto, tem algo de incerto, supõe um risco, um perigo”<sup>118</sup>, é uma saída de si para dar um passo ao encontro do *Outro*. Ao mesmo tempo,

(...) soa a infinitude. Isto é, a um tempo e a um espaço particular, limitado, contingente, finito. Soa também a corpo, isto é, a sensibilidade, a tato e a pele, a voz e a ouvido, a sabor e a odor, a prazer e a sofrimento, a carícia e a ferida, a mortalidade. E soa, sobretudo, a vida, a uma vida

---

<sup>113</sup> ANDRÉ, 1995, p. 28.

<sup>114</sup> INGOLD, 2010, p. 23.

<sup>115</sup> MAGNANI, 2009.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> LARROSA, 2011, p. 22.

<sup>118</sup> Ibidem, p. 8

que não é outra coisa que seu mesmo viver, a uma vida que não tem outra essência que a sua própria existência finita, corporal de carne e osso.<sup>119</sup>

Contudo, é em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em meus sentimentos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar<sup>120</sup>. A experiência é subjetiva, é *isso que me passa*.

Mais do que isso é ter a coragem de assumir um posicionamento mais atento com as sutilezas, delicadezas e aos silêncios. Criar “um vazio naquilo que seria já de antemão pleno de sentidos”<sup>121</sup>. Assim, para realizar uma experiência mais silenciosa e delicada dediquei-me a capturar e ser capturada pelas *águas-fotos* de cada *mar-lagoa*, que serão apresentadas posteriormente, de modo a evidenciar o que me afetou, me tocou e colocou meus pés para flutuar. A intenção foi transgredir o relógio do tempo acelerado que nos atropela e os espaços estriados para simplesmente parar para olhar, criar um tempo de espera assim como fazem os *Camaradas D’água, demorar-se nos detalhes*, “aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”<sup>122</sup>.

Pude experienciar um *presente vivido* composto de muitos *presentes encaixados* nas malhas emaranhadas da pesca artesanal para além da representação, ilustração e da identidade cultural. “A grande dificuldade reside, justamente, em sermos capazes de ver aquilo que já está diante de nossos olhos, pois perdemos, por assim dizer, a capacidade de olhar”<sup>123</sup>. Em outras palavras, uma dificuldade em “esvaziar as imagens que nos habitam e que nos deixam pálidos de tanto”<sup>124</sup>. Ao realizar este exercício sensível com as *águas-fotos*<sup>125</sup> percebi que ao mesmo tempo em que as fotografias conversam entre si elas também dialogam conosco. Ao passo que o jogo está na relação de

---

<sup>119</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>120</sup> LARROSA, 2011.

<sup>121</sup> GUIMARÃES, 2015, p. 58.

<sup>122</sup> LARROSA, 2004, p.160.

<sup>123</sup> MORENO, 1985, p.74.

<sup>124</sup> GUIMARÃES, 2015, p.63.

<sup>125</sup> Sobre este assunto ver: CARVALHO, Juciara Guimarães; DUARTE, Claudia Glavam. *Diálogos entre Imagem, Sujeito Pescador Artesanal e Sujeito Pesquisador em Etnomatemática*. In: ALEXANDRIA, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.8, n. 2, p. 107-122, 2015.

que quando olhamos para a fotografia ela também nos olha e elas mesmas se olham entre si. Desse modo,

não procurarei saber a que servem as imagens e por que existem, e sim como elas existem, como vivem, como nos fazem viver. Ou ainda, quais são suas maneiras de nos fazer pensar? E chegar, desse modo, a desvendar algo da maneira como a imagem nos provoca a pensar, nos convoca a pensar.<sup>126</sup>

Isso implica que “toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar”<sup>127</sup>.

As *águas-fotos* foram consideradas como sendo um dispositivo que carrega consigo as variáveis *saber*, *poder* e *subjetivação* e, tem por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de brecha, de fissura, de fractura que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar umas nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento<sup>128</sup>. São redes soltas que potencializaram esta experiência e aventura de pesquisa. Diante disso, passo a “jogar” um jogo de linguagem metodológico composto pelas misturas de *vontade de saber* e sensações que se fizeram durante o flutuar da investigação.

Minha “pescaria” teve início em maio de 2014 nos bairros de Santo Antônio de Lisboa e Barra da Lagoa (ambos em Florianópolis/SC) e no mês de outubro de 2014 nos bairros Tiroleza e Barra do Tramandaí (ambos em Tramandaí/RS). Tive por intenção, naquela época, fazer a sondagem da disponibilidade dos pescadores artesanais para realizar a pesquisa. Nas idas a cada *mar-lagoa*, pude ir me aproximando das formas de vida investigadas e me inserindo em seus jogos de linguagem. Cada vez mais, aumentava meu desejo de “mergulhar” em uma racionalidade matemática outra gerando visibilidade a diferentes saberes presentes na prática da pesca. Além disso, perceber os nuances culturais, as misturas, as impurezas e os afrouxamentos de laços entre a cultura e o “lugar”<sup>129</sup>.

---

<sup>126</sup> SAMAIN, 2012, p.21.

<sup>127</sup> Ibidem, p.22.

<sup>128</sup> DELEUZE, 1996.

<sup>129</sup> HALL, 2003.

Minha aproximação se deu de forma tranquila, pois já estava um pouco familiarizada pela realização da *experiência etnomatemática* anterior, mas também desconfortável por estar em um meio predominantemente masculino e pelos deslocamentos provocados diante da escolha por pesquisar em diferentes lugares. Aos poucos, fui me sentindo a vontade pela receptividade, respeito e cuidado com que os pescadores artesanais tiveram comigo. Percebia o entusiasmo deles para relatar sobre suas vivências e saberes, mostrar seus instrumentos e ensinar a manipulá-los e até mesmo valorizar suas culturas. Estes encontros se constituíram como um “jogo” que envolvia “o se acostumar um com a presença do outro”, ou seja, foram momentos em que eu como sujeito pesquisadora ia me acostumando com as formas de vida investigadas e outros momentos em que os pescadores artesanais se acostumavam com a minha presença.

Nas idas ao *mar-lagoa*, escutei muitos comentários dos pescadores artesanais a respeito do tempo. Frases como “está bom (forte)” e “está ruim (fraco)” eram recorrentes durante minha estada com eles. No início fiquei um pouco confusa, perdida ao tentar entender o que significava bom ou ruim, olhava para o céu, mas sem muito compreender. Aos poucos, fui entendendo que se tratava de expressões que se remetiam a pesca e não ao clima<sup>130</sup>. Tempo bom para a pesca, geralmente se refere à quantidade de peixes pescados que pode remeter aos períodos de calor em que a água está aquecida e isso faz com que os peixes migrem e entrem nas lagoas ou ainda com a chegada dos cardumes de tainha, considerada a grande safra, que ocorre em períodos mais frios em que buscam águas mais quentes. O tempo ruim é definido quando a pesca está fraca em que se lançam as redes ou tarrafas e por dias não se pega nada. Esse momento difícil é marcado com o olhar triste dos *Camaradas D’água* esperando o tempo melhorar novamente.

---

<sup>130</sup> Os autores Ingold e Kurttila (2000) apresentam a discussão relacionada ao conhecimento tradicional oriundos da prática, das experiências de vida específica de um povo em contraposição ao conhecimento científico. Evidenciam a expressão utilizada pelos Sami, povos da região Norte da Finlândia, que usam a expressão *weather* (tempo) para designar o calor ou frio, época de colheita, tempestade obedecendo ao ciclo das estações. Em contraposição, a expressão *climate* (clima) utilizada pelos cientistas que diz respeito a variáveis que são medidas, como temperatura, precipitação e pressão atmosférica. Cabe enfatizar que não se trata de fazer juízo de valores, mas evidenciar o conhecimento que vem da prática. Numa leitura wittgensteiniana, chamaríamos de jogos de linguagem da ciência e os jogos de linguagem de uma forma de vida específica, por exemplo, os Sami.

A regra da pesca é que “*não há regra um dia pesca bastante, outro dia nada*”.

Minha chegada a cada *mar-lagoa* provocava inquietação e preocupação aos *Camaradas D'água*, pensavam que eu fosse jornalista, funcionária do IBAMA ou da Secretaria da Pesca. Quando me apresentava e falava que era para realizar uma pesquisa com eles, logo diziam: “*Ah você é da Biologia ou Agronomia ou Ambiental.*” Ao saber que se tratava de uma pesquisa voltada para a Educação Matemática eles se mostravam espantados. Quando eu os indagava sobre a relação entre a matemática e a prática da pesca, eles respondiam que não reconheciam a matemática no seu cotidiano, a única relação que faziam se referia à venda dos peixes. Apenas faziam comentários sobre a vivência na escola e a lembrança que sobressaltava, mais fortemente, era sobre a tabuada que memorizavam.

Situada nesse lugar, que é ao mesmo tempo conhecido e desconhecido, problematizado e re-problematizado e, considerando que cada *Camarada D'água* é um “sujeito sensível, aberto, vulnerável e ex/posto, é um sujeito aberto a sua própria transformação”<sup>131</sup>, tive como suporte um roteiro de entrevista “aberto” e mais do que fazer perguntas pedia-os que me falassem *sobre*: a aprendizagem na e da pesca, a passagem pela escola e as aulas de matemática, o gosto pela pesca, os acontecimentos da pesca artesanal, os saberes obtidos pela observação da maré, do vento, da lua e até mesmo do peixe, suas relações com os sindicatos e órgãos governamentais responsáveis pela pesca, a organização, medição e divisão do tempo e do espaço. Além disso, estava “aberta”, receptiva, às narrativas *sobre* algo inesperado, imprevisível, não questionado que emergisse em nossas conversas. Ao mesmo tempo, estava ex/posta, também, às perguntas que eles faziam sobre de onde eu vinha, o que queria ali, o que estudava, se pretendia ser professora e se gostava do *mar-lagoa*.

As falas dos *Camaradas D'água*, e alguns dos acontecimentos de cada *mar-lagoa*, foram gravados em áudio e vídeo, capturadas por fotografias e registradas no diário de campo. Esse material potencializou observar, escutar, re-viver momentos, necessários ao processo de escrita e transcrição, cuja memória exigia uma chance para a repetição, a compreensão das falas ligeirinhas pedia um ritmo pausado, a atenção requeria ir além daquilo que conseguia sentir e capturar. Assim, minha extensão corporal ou “vestimenta” foi composta por um gravador pendurado ao pescoço, câmera fotográfica no bolso, caderno de capa

---

<sup>131</sup> LARROSA, 2011, p. 7.

vermelha e caneta a postos nas mãos, e a bolsa com equipamentos de “primeiros socorros” como casaco, guarda-chuva, meias, protetor solar, repelente, água, barrinhas de cereais e alguma fruta para roer durante o caminho.

Colocava-me em espreita a observar seus gestos, olhares, expressões, desenhos explicativos feitos na areia para conseguir participar de seus jogos de linguagem, assim como exercitar a atenção ao olhar para a água, redes e barcos, sentir o vento bagunçar meu cabelo indicando se era *nordestão* e viver os instantes intensos que potencializavam meu pensamento. Sentir a sensação de prazer, medo, alegria e coragem que vibravam em meu corpo de *pesquisadora-pescadora*, pois estava com meus pés na água, na areia, ou flutuando de um *mar-lagoa* a outro e, o único “colete salva-vidas” era viver *o presente vivido* no “*aqui*” e no “*agora*”. Diante desse emaranhado e do privilégio em realizar a investigação em lugares que me deixei ficar, apresento os movimentos e encontros realizados com os sujeitos de pesquisa: o *pescador-maricultor* (Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC), o *pescador-temporário* (Barra da Lagoa, Florianópolis/SC), o *pescador-tarrafa* (Barra do Tramandaí/RS) e o *pescador-caíco* (Tiroleza, Tramandaí/RS), os quais escolhi e fui escolhida por eles para ir em busca da Ilha desconhecida.

Vale ressaltar que o critério de escolha pelos sujeitos de pesquisa foi o fato que eles mesmos expressavam uma *vontade de contar* sobre suas vivências e a pesca artesanal. Percebi que nem todos os pescadores artesanais têm a disponibilidade e afetividade para se ex/por e parar, mesmo que momentaneamente, o trabalho para fornecer explicações. A aproximação com o *pescador-maricultor* foi motivada pela *experiência etnomatemática* anterior. O *pescador-temporário* assim que me viu na praia veio ao meio encontro se prontificando a conversar. Tanto o *pescador-tarrafa* quanto o *pescador-caíco* consideraram o fato de eu vir de longe (Florianópolis, SC) para conversar com eles, em Tramandaí/RS e assim se mostraram solícitos a fornecer explicações. Por outro lado, percebi que embora um pescador artesanal de cada *mar-lagoa* possa não dar conta da representatividade, ele é composto pela *pluralidade de “eus-pescador”*, vive o misto, o impuro de ser coletivo sem ser grupo, ou seja, os *Camaradas D’água* participam do respectivo jogo de linguagem de cada mar-lagoa, mas agem na sua individualidade.

## *Um cantinho, um pescador-maricultor*

Em uma manhã ensolarada com um vento agradável, no mês de maio de 2014, fui ao encontro de um pescador artesanal, já conhecido por mim na realização da *experiência etnomatemática* anterior, no bairro de Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis/SC. Durante o caminho, eu seguia ansiosa e me questionava se o *pescador-maricultor* aceitaria participar da pesquisa, ao mesmo tempo em que meus olhos disparavam para perceber todos os detalhes do bairro, do cantinho e dos ranchos onde ficam os pescadores. Chegando ao rancho já avistei o *pescador-maricultor* vestido com uma bermuda, camiseta, avental azul e botas de borracha. Como percebi um olhar amistoso fui ao seu encontro. Quando me apresentei e falei sobre a pesquisa, o *pescador-maricultor* (63 anos) me reconheceu e se mostrou solícito a participar, ou melhor, me deixar participar de seu jogo de linguagem. “*Penso que o conhecimento tem que ser passado. Eu sempre fui curioso e fui aprendendo na escola da vida*”. Então, parou o que estava fazendo e puxando uma cadeira me convidou para sentar e começamos a conversar. Tive a sensação que eu era uma visita que estava ali, pois o *pescador-maricultor* me deu atenção, ofereceu café, e começou a contar sobre a difícil situação que os pescadores artesanais dos três ranchos ali situados estavam enfrentando. “*Hoje pro pescador tá difícil passamos no início desse ano por um incêndio aqui nos ranchos, perdemos muitas coisas, documentação, material, um prejuízo danado. Daí os órgãos vieram aí, mas até hoje nada. Fica difícil trabalhar. Faz dias que não saio para pescar, nem nas ostras ali eu fui. Estragou o motor da embarcação, tá difícil*”. Percebia o seu desabafo e que a situação não estava das melhores, mas mesmo assim o diálogo continuou.

O *pescador-maricultor* começou a pescar aos oito anos de idade acompanhando seu pai que dizia “*se já sabe falar e andar, já pode trabalhar. Por aí dá para perceber que desde cedo pegava peixe, camarão, siri para ajudar em casa, para ter o que comer. Aprendi a pescar olhando meu pai e assim fui jogando tarrafa até ir pegando o jeito. E depois de um ponto já ia na embarcação com rede pequena. Não tem escola que ensine a gente vai fazendo até dá certo. A necessidade faz com que se aprenda*”. Sua mãe era professora dos anos iniciais, mas pouco pode aprender com ela. “*Minha mãe conferia as lições de casa e ficava de olho pra eu e meus irmãos se comportar na escola. Cedinho ia pra aula, vinha em casa comia um pirão com farinha e quando tinha um peixe alguma coisa e logo ia ajudar o pai na pesca e*

*na produção de farinha. Não demorou muito eu só fiquei na pesca. Ainda mais que minha mãe morreu cedo com trinta e três anos. Aí a gente teve que se virar”*.

O pescador artesanal vai crescendo no mundo da pesca e “*tomando gosto*” por essa prática. “*Eu até ia para escola, mas gostava mesmo era de tá na água. A gente vai pegando o jeito e nunca mais pára. Fiz a escola técnica de eletricista, trabalhei um pouco, mas não largava a pesca. Depois mesmo virei só pescador artesanal como era o meu pai*”. Em alguns momentos ressaltava que é uma pessoa muito curiosa e que busca o conhecimento seja em cursos, perguntando a outros pescadores, visitando outras colônias de pesca e até mesmo acompanhando o avanço tecnológico na pesca. “*De primeiro as redes eram feitas de tucum (a gente tirava uma parte da árvore e fazia o fio), não existia nylon. Hoje tá bem mais fácil a pesca, mas também as exigências ambientais e do governo pioraram*”.

A pesca na região foi passando por dificuldades, “*parece que cada ano diminui*”, foi então que na década de oitenta os pescadores artesanais juntamente com “*pesquisadores da universidade*”<sup>132</sup> implantaram o cultivo de ostras como uma segunda fonte de renda aos que dependiam somente da pesca. Fato este que motivou a escolha em chamá-lo de *pescador-maricultor* por se identificar tanto como pescador artesanal que pesca linguado, corvina, tainha e camarão, portador da carteira profissional e das licenças ambientais, como também maricultor registrado e dono de um lote de ostras.

Em uma passagem das idas ao mar-lagoa, estava eu conversando com o *pescador-maricultor* quando chegou um comprador de ostras perguntando o que eu estava fazendo ali. Prontamente, ele respondeu “*essa é minha aluna da universidade, ela tá aqui aprendendo sobre a pesca, agora eu sou o professor dela*”. Percebi a alegria na sua fala em responder ao comprador e a importância dada a minha presença ali. Do mesmo modo, fiquei surpresa ao me deparar com diferentes posições de sujeito pesquisadora e sujeito aluna, onde o professor *pescador-maricultor* tem muito a ensinar sobre seus modos de agir e pensar. Além disso, mesmo sem querer, faço a troca ao me referir a pesquisadores e pescadores pela pronuncia semelhante. Afinal, pesquisador é pescador e pescador é pesquisador.

---

<sup>132</sup> Os “*pesquisadores da universidade*” chamados assim pelo *pescador-maricultor* se refere aos pesquisadores em Biologia Marinha da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O pescador-maricultor pede licença às águas não apenas como forma de “*respeito a Natureza para retirar dela o seu sustento*”, mas como autorização para ali marcar o pedaço de chão, que é água. Dito de outra forma, existe a necessidade de dividir as águas, “*para que todos tenham a oportunidade de trabalhar sem conflitos*”. A primeira divisão trata de dividir a área permitida para a pesca artesanal, até três milhas<sup>133</sup> a partir da praia, entre os pescadores-maricultores. “*Geralmente cada um sabe o seu lugar e as embarcações têm iluminação ou a gente deixa as bóias que ficam acesas durante a noite sinalizando que ali tem alguém pescando. Vou saindo para fora, dá para ver que a água muda de cor, fica mais clara então ali é o ponto. Fora isso, a gente vai olhando as encostas, as distâncias em relação aos barcos de passeio vai tendo uma base*”.

A segunda divisão se realiza nas áreas de cultivo de ostras divididas em lotes, pois “*cada um de nós aqui tem que passar pela licitação para ter direito a um lote. Fica mais ou menos uns duzentos metros da praia e teria que ser iluminado para não ter roubo a noite. Tem uns que não respeitam*”. Os lotes, situados na água, são abertos de forma retangular (“*setenta metros de comprimento por quarenta metros de largura*”) formando corredores internos contornados com estacas de madeira. Na cobertura dos lotes também feita com estacas ficam penduradas aproximadamente quinze lanternas, parecidas com cestos, que armazenam as ostras. Cada lanterna tem “*cinco andares com cinquenta centímetros de roda. Dá perto de quinhentas ostras por lanterna*”. Essa organização me chamou a atenção, pois as estacas estão enfileiradas com aproximadamente as mesmas distâncias entre si, as lanternas são devidamente arranjadas preservando a distância entre uma e outra. Ademais, “*aqui o sustento tá garantido tem a ostra que é só levar para terra e nos dias difíceis se tarrafear aqui em baixo pega um peixe e outro*”.

Em uma das idas ao mar-lagoa recebi o convite do pescador-maricultor para acompanhá-lo na retirada de uma lanterna do lote para ser levada à terra. Mesmo sendo este um convite inesperado, que tiraria meus pés do chão, me permiti experienciá-lo. Ele seguiu remando para realizar essa tarefa, e falava sobre a dificuldade enfrentada pela pesca artesanal: “*A questão é que a pesca da tainha tem diminuído muito, a gente fica preocupado, é muita exigência da fiscalização por causa da defesa, malhas permitidas, mas ninguém vê a preservação da espécie e*

<sup>133</sup> A milha marítima ou náutica é uma unidade de medida de comprimento ou distância utilizada em meios marinhos. Uma milha marítima tem 1.750 metros.

*meio ambiente. Hoje só o industrial é ouvido, ele dá mais lucro para o governo (...). É muita cobrança e pouca ajuda ao pescador pequeno”.*

Em meio as falas do *pescador-maricultor*, o balanço da embarcação, o meu despreparo em me equilibrar, tirar fotos, gravar sua fala e os caminhos flutuante das lanternas, ao longo de nossa conversa, fui observando que o tema que emergia, de forma recorrente, se relacionava com a questão do tempo, seja ele destinado à pesca ou ao cultivo de ostras, e do espaço para a pesca, ou seja, a divisão das águas. Assim, diante das condições de possibilidade que foram emergindo ao longo das idas ao *mar-lagoa*, o foco de minha investigação nessa forma de vida se encaminhava para a análise dos saberes relacionados às questões de tempo e espaço na prática da pesca. Além disso, as questões sociais, ambientais e políticas da pesca artesanal também atravessaram as falas possibilitando afirmar que a racionalidade – modos de pensar e agir - do *pescador-maricultor* está atrelada por esses atravessamentos. Momentos como este me inspiraram para prosseguir remando, mesmo que por águas ainda desconhecidas.

As idas ao *mar-lagoa* foram mais intensas durante o período da pesca da tainha, entre os meses de maio a julho dos anos de 2014 e 2015 e geralmente ocorriam no período da manhã durante a semana. Quando chegava ao rancho o *pescador-maricultor* observava que ele ora estava trabalhando no beneficiamento das ostras, envolvido com a venda dos peixes e ostras ora estava organizando seus petrechos de pesca. O sinal para identificar se ele estava por ali era a presença do rádio ligado, a cafeteira em cima da mesa e uma proteção de madeira na porta, que indicava que o rancho estava aberto. Algumas vezes, eu sentava por ali mesmo e ficava esperando pelo *pescador-maricultor*, sabia que ele não estaria muito longe. Nesses momentos aproveitava para registrar algumas sensações, observar o movimento da água e pensar sobre nossas conversas.

Nossas conversas, na maioria dos dias, eram ritmadas pelas propagandas no rádio – silenciadas quando se tratava da notícia esportiva - e pelas batidas do facão utilizado para beneficiar as ostras. “*Pá- pá- pá, pá, pá, pá, o que mais você quer saber?*”, perguntava-me o *pescador-maricultor*. Em alguns momentos continuava fazendo seu serviço e ia me explicando sobre as marés, as ostras e a pesca, mas também tinha dias que parava o que estava fazendo para oferecer-me um café cheiroso e “*ensinar-me sobre a pesca*”.

## *Um patrão, um pescador-temporário*

Em uma tarde nublada e um vento gelado, no finalzinho do mês de maio de 2014, fui experienciar as águas da praia Barra da Lagoa a procura do grupo de pescadores artesanais chamado Saragaço que noticiava uma grande captura de tainhas. No caminho eu me sentia curiosa e questionava como seria minha aproximação a esse grupo e como os pescadores iam me receber, pois se tratava de um lugar até então estranho. O mesmo vento que bagunçava os meus cabelos soprava aos pescadores sobre a minha presença ali. Foi então que o *pescador-temporário* (52 anos), patrão desse grupo, veio ao meu encontro perguntando o que eu queria.

Fui muito bem acolhida pelo patrão e pelos outros pescadores que estavam reunidos no rancho. Eles ficaram um pouco agitados, no início, pensaram que eu era jornalista ou pesquisadora da área de Biologia ou Agronomia, quando falei que a pesquisa era voltada para a Educação Matemática eles se olharam com espanto, *“aqui nunca veio alguém da matemática, a gente tá acostumado a dar entrevista e depoimento para trabalho e pesquisa. Eu mesmo sempre falo a mesma coisa para todos”*. Nesse momento, em tom de brincadeira, falei para o *pescador-temporário* que queria então que ele falasse sobre o que ainda não tinha dito. Rebatendo a provocação ele disse que eu teria que ter muita paciência, *“porque na verdade na pesca aqui, a gente enfrenta muita dificuldade. Tinha ano que era tainha direto agora tá muito pouco. A fiscalização ambiental, só ajuda os pescadores industriais. Pro pequeno assim que nós, de temporada, tá difícil”*.

Aos poucos, fui conseguindo captar os detalhes. Percebi que o *pescador-temporário* vestia uma bermuda, blusa feita com o material de surf, boné, usava chinelo e em suas mãos estava o rádio de comunicação que fazia parte de sua vestimenta. O rádio era utilizado para a comunicação entre o patrão e o vigia que fica numa região mais alta da praia para avisar a chegada do cardume de tainhas. Ao mesmo tempo em que o *pescador-temporário* falava sobre suas experiências, ele ficava atento a qualquer movimento na praia ou dos pescadores. Em alguns momentos, sentia que estava atrapalhando o trabalho dele, mas ainda assim foi possível estabelecer um diálogo. O *pescador-temporário* me contava de suas vivências: *“comecei a pescar com nove anos de idade com meu pai. A pesca sempre fez parte da minha vida, a família toda*

*viveu e cresceu da pesca. Minha mãe sempre acompanhou a gente na pesca, ela que preparava o pescado”.*

Em relação à escola, o *pescador-temporário* estudou até a quarta série, mas sempre que podia estava na praia, “*no agito, queria saber se tava dando peixe que eu já ia junto*”. Tempo depois voltou a estudar e concluiu o ensino médio. “*O estudo faz falta, a pesca já foi melhor. Hoje é só na temporada, o resto a gente tem que sobreviver de outra maneira*”. O tipo de pesca realizada pelo grupo é sempre em grande quantidade de peixes, isso implica no fato de que o grupo só se reúne na temporada, mais especificamente na temporada da pesca da tainha. Com isso, escolhi chamá-lo de *pescador-temporário*, pois o restante do calendário ele se envolve com o Sindicato da Pesca para buscar melhorias para os pescadores artesanais. “*Só na temporada da tainha, depois o grupo se dispersa uns vão pescar em outros lugares, ficam envolvidos com o Sindicato da pesca, vão trabalhar em outra coisa, ou vão na pesca industrial. Viver só da pesca hoje tá difícil*”.

Nas idas ao *mar-lagoa*, pude observar que “*a pesca é uma espera. Não é todo dia, varia o tempo, lua, vento, maré*”, pois o *pescador-temporário* andava de um lado para o outro se mostrando ansioso. Os outros pescadores aguardavam no rancho jogando baralho para o tempo passar, mas sempre em estado de prontidão. De repente, surge uma agitação, o rádio toca e o vigia avisa que tem um Jet Ski passando por ali. Os pescadores ficaram irritados, pois o uso é proibido nesse período por espantar o cardume. Nesse momento, eu lamentei não ter sido o melhor aviso, ou seja, a aproximação do cardume. Queria presenciar a organização e a retirada das redes de cerco ou arrastão do mar, mas o “*peixe não tem hora*” e pelo visto eles não resolveram aparecer para mim.

“*A temporada da pesca tainha é a grande safra, aguardada pelos pescadores artesanais, todo mundo quer participar. Então nós dividimos as parelhas (grupos de pescadores com um patrão) e marcamos no mar com uma estaca de madeira com uma bandeira para que todos tenham a oportunidade de pegar o peixe (...). A bandeira é preta é feita com o material do guarda chuva que é resistente só por isso, a cor não importa*”. A ‘divisão do mar’<sup>134</sup> ocorre para distribuir a área que cada *parelha* pode pescar. O grupo Saragaço é formado por

---

<sup>134</sup> A divisão do mar acontece, também, pelo calendário que define a temporada de pesca dividindo as atividades entre pescadores artesanais, surfistas e o uso de Jet Ski. Esse fato já gerou muitos conflitos na praia, mas estão sendo atenuados com o passar do tempo.

pescadores nativos de diferentes idades (de vinte a setenta anos) e por outros pescadores que se juntam ao grupo nessa época. A maioria deles é sindicalizada e possuem carteira de pescador. *“Sou Mané, manezinho, duas vezes, mané da ilha e Mané da barra né. Mais Mané que eu é difícil. Mas tem os outros Mané que são daqui também, claro. Mas eu sou Mané, manezinho, e é um orgulho. Chamar de manezinho é um orgulho, porque muita gente vem de fora e quer ser manezinho”*.

O nome do grupo remete a agitação, o ‘corre-corre’ deslizando a canoa para o mar e ao fato que a pesca é vista como uma festa. O bairro todo fica envolvido na temporada aguardando notícias da captura dos cardumes. *“Isso aqui é coisa circular, né. Uma canoa dessa tem no mínimo cem anos, é da época de bisavô, de avô, é coisa de longe. A Barra chegou a ficar de 1990 a 2004, mais ou menos uns quatorze, quinze anos sem rede na praia. Tinha, tinha, tinha de repente acabou e aí ninguém mais se interessou, ficou uns quinze anos. Ai depois nossa galera do Saragaço, ah vamos fazer, vamos criar de novo. E agora, acho difícil terminar né, porque tem bastante lei que protege, acaba sendo tombado pelo patrimônio, já virou cultura”*.

Atualmente o grupo é formado por *“três vigias que ficam na região mais alta da praia para observar a chegada do cardume quando forma a manta, que é uma mancha no mar, e avisar para o grupo (antes eles abanavam um pano branco e a gente entendia que era para colocar a canoa n’água, hoje é tudo por rádio); sete pessoas vão na canoa sendo que quatro são remadores (que tem que remar acompanhando o gingado do mar), um chumbereiro (que deve jogar a rede na água), o patrão (que tem que remar para dar a direção certa para a canoa cercar o cardume e se preocupar para a canoa não virar) e um mergulhador (se joga para arrumar a rede para as tainhas não escapar). Os demais ajudam a puxar a rede do mar com peixes e tem outra função importante que é o cozinheiro, sem ele o grupo fica de barriga vazia”*.

Há também a divisão dos peixes que é realizada em duas partes. Cada parte é chamada de *quinhão* sendo que uma das partes é dividida entre os vinte e sete donos ou proprietários e a outra parte é dividida entre os trinta e três pescadores. A divisão tem por variável a função e tempo de permanência do pescador. Alguma quantidade dos peixes também é doada para moradores do bairro que presenciam a retirada dos peixes. Isso evidencia que essa prática, mesmo na pesca em que o grupo de pescadores artesanais tem o objetivo de retirar do mar o sustento da família, está permeada de relações de poder, hierarquias e segregação social.

Nos momentos de pausa em que o *pescador-temporário* está na praia esperando seu chamado ao mar, procuro investigar qual a racionalidade matemática colocada a operar em um tempo de espera e como dividem um espaço movente. Foi só com as idas ao *mar-lagoa* no ano de 2015 que pude presenciar a captura de um lance de tainhas e o movimento dos *pescadores-temporário* diante desse acontecimento. Se há tainha na rede, tem tainha na brasa. Essa foi minha leitura de uma manhã tímida e nublada, dia em que fui ao encontro do *pescador-temporário* para produzir os dados provisórios e me surpreendi com o convite para almoçar junto com eles no rancho. Foi um momento singular, pois ali estavam reunidos para celebrar um dia de pesca. Pude perceber como acontece a organização do grupo, o comportamento entre eles e o assunto de que falavam. Os *pescadores-temporário* me receberam bem e ficamos conversando sobre o maior lance que foi registrado no ano de 2009 com treze toneladas de tainhas de uma vez só. *“Depois veio dando uma caída e nesse ano de 2015 melhorou, pegamos umas doze toneladas. A princípio deu mais peixe ou tem mais peixe, mas também porque foi liberado menos licença de pesca e também a praia teve a vantagem de começar quinze dias antes. Ano passado começava dia quinze de maio e esse passou para dia primeiro”*.

As mudanças de um ano para o outro também interfere na formação do grupo. *“Aqui é como se fosse um time de futebol. Sempre acaba o ano troca dois ou três, sempre troca. Esse ano [2015] entrou um diferente. Ano que vem tão prevendo dois ou três diferentes, entendesse? Como se diz parece time de futebol, aí esse ano um senhor já se machucou, aí já contratamos um cara pro ano que vem mais novo. Então é assim, troca dois, três ou troca um e tem sempre aqueles que já são titular né. A maioria do pessoal da canoa já é titular né”*.

### *Um olhar atento, um pescador-tarrafa*

Chegava o mês de outubro de 2014, momento tão esperado por mim, o encontro com os pescadores artesanais de Tramandaí/RS. Sentia um frio na barriga por me aventurar em outros lugares e com diferentes pescadores. No caminho avistei a sinalização que indicava a Estrada do Mar, o portal da cidade combinando com os monumentos e orelhões na praça principal em forma de peixe. Em uma tarde ensolarada e com vento forte depois de ter uma indicação do presidente do Sindicato da

Pesca, procurei por um pescador de tarrafa, como eles dizem, que estava na beira da praia em posição de lançar sua tarrafa. Com alguns passos, encontrei o *pescador-tarrafa* (50 anos) que vive da pesca e prontamente começou a conversar comigo. Os demais ficaram com olhar desconfiado, pois pensaram que eu era funcionária do IBAMA ou de algum órgão do governo. Quando falei que estava ali para desenvolver uma pesquisa, eles se tranquilizaram e voltaram a pescar. Fui muito bem recebida e logo já se acostumaram com a minha presença.

O *pescador-tarrafa* em tom de brincadeira disse que se eu quisesse já podia começar a pescar, era só providenciar a tarrafa. *“Aqui na Barra é assim, sabendo tarrafear, e não estorvando os outros, têm lugar para todos. Mas, cada um pra si, o boto entra aí e cada um se vira como pode, cada um se defende. Cada um chega e vai onde tem que achar que tem que ir. Às vezes tem uns que são mais educados que respeita o outro conforme o peixe é de entrada fica na frente aí a gente troca faz tipo um rodeio, quando é conhecido e se respeita, a gente faz assim. Agora quando tem um que vai lá na frente e fica lá e não sai. Assim vai, quando tem respeito é assim quando não tem respeito, não tem. Hoje, por exemplo, cheguei às seis da manhã e já tava cheio de pescadores. Vou ficar até mais tarde para ver se pego, mas até agora nada. Os botos não vieram para ajudar a gente, eles mostram onde tá o peixe”*.

Filho de pescador, ele orgulhosamente afirmava: *“Acho que desde a barriga da mãe, já vivia da pesca. Quando criança já tava aqui pescando, mesmo sem saber direito. Aprendia olhando os outros fazerem. Meus filhos não seguiram na pesca (é muito difícil), eles não estão acostumados”*. O *pescador-tarrafa* contou que na sua infância enfrentavam dificuldades, por isso largou a escola e foi ajudar seu pai na pesca. Dependendo da temporada saíam juntos para pescar pelas regiões vizinhas que rendia um pouco mais. *“Ficávamos dias e dias sem vim em casa. Notícia mesmo só pelos conhecidos que apareciam. Mas quando a pesca era boa, a gente ficava bem”*. Comentou que pouco se lembrava da escola, a tabuada era a lembrança mais forte, pois seus pais a perguntavam como tarefa de todos os dias.

Nas idas ao *mar-lagoa*, o *pescador-tarrafa* me explicou que primeiro é necessário treinar o olho para ver quando o peixe passa, *é um olhar atento*, como se posicionar para lançar a tarrafa e desabafou: *“o pescador sofre, fica no tempo, pega sol e chuva, eu mesmo to com problema no joelho por causa da tarrafa, outros aqui estão com problema na pele por não se cuidar do sol. É um trabalho difícil e o ganho é pouco. Mas a gente tá acostumado com isso, desde sempre*

*trabalha com isso. Só olha para o tempo e pra água já sabe se vai pegar peixe ou não*". Nem sempre é possível ver o peixe passar, tem dias difíceis que não pega nenhum peixe ou dias de tempo ruim e o trabalho não cessa. Ele fica em casa consertando tarrafa, pega um serviço como pintor, construtor, ajuda um parente ou vizinho que estiver precisando, *"a gente faz de tudo um pouco"*. Escolhi chamá-lo de *pescador-tarrafa* porque faz de sua tarrafa um membro e extensão do próprio corpo.

Com os primeiros encontros com os *pescadores-tarrafa* pude vivenciar um pouco de suas formas de vida, conhecer seus instrumentos e suas práticas, seus modos de falar sobre a pesca, implicações dos órgãos governamentais e atravessamentos sociais. Assim como, presenciar, durante as idas ao *mar-lagoa* no ano de 2015, como o *pescador-tarrafa* se comporta com a chegada do boto, ou seja, como acontece a pesca com a presença ou ausência do boto. *"Se tem Jet-Ski espanta o boto, tanto faz no verão ou no inverno, ele sente a turbina e ele já tá respirando e vai descendo e descendo e pronto, vai embora. No verão os botos vêm aqui, vêm uns dois, três botos quando vem é de manhã cedinho, cinco horas da manhã até umas oito horas, sete meia. Depois não vem mais nenhum boto. Se vim só no outro dia ou senão quando troca o vento e entra o vento sul, entendeu? Dá uma mexida no mar e ele aparece. Tem também a prancha de surf, mas não estraga porque o boto respira. Tu vê, que o boto dá corridão nos surfistas, o boto respira, tem surfista que tem medo e sai de perto. O boto não faz mal. O que estraga o boto é o Skit-surf, a pandorga e o Jet-Ski, esses aí estão afugentando tudo. Não fica nem peixe pequeno"*.

O *pescador-tarrafa* afirmou que na ausência do boto costumam perceber o vento para auxiliar na pesca, mas parece que nem o vento está querendo "falar". *"Antigamente, se tinha vento minuano tinha peixe. Hoje tá tudo mudado pode ter qualquer tipo de vento pode dá peixe. Mas o vento minuano e nordestinho é bom para a pesca. A gente deduz mais ou menos tira uma base ah, o tempo tá bom. Aí conforme o vento que deu, as trocas de águas a gente já sabe se pode dar umas tainhas. Mas igual a gente vem igual né porque pode pegar. O peixe é assim não tem hora, de uma hora para outra ele vem. Não tem, não tem, mas uma hora ele aparece"*.

Pude perceber que mesmo não tendo uma organização específica de se posicionar para lançar as tarrafas os pescadores se arranjam de forma estratégica, pois eles deixam espaços livres tanto para o outro pescador que está próximo quanto para que o peixe que escapa das tarrafas anteriores passe em direção a sua. Assim, é possível afirmar que existe um modelo de racionalidade que divide o espaço da pesca e

por sua vez o tempo, pois eles não jogam as tarrafas simultaneamente. Cada *pescador-tarrafa* fica atento a *corrida do peixe* para então jogar a tarrafa e outro pescador fica em espreita olhando se corre o peixe para ele também.

### *Uma dança entre balizas, um pescador-caíco*

Numa manhã ensolarada e com vento forte, fui ao Sindicato da Pesca e encontrei o presidente e um *pescador-caíco* conversando. Ao falar que estava ali para desenvolver uma pesquisa fui apresentada ao *pescador-caíco* (62 anos) nativo, aposentado e filho de pescador. “*Sempre vivi da pesca, a gente tá acostumado desde pequeno com a lida. Criei meus filhos tudo da pesca e nunca me faltou nada*”. Ele frequentou somente os anos iniciais da escola. “*Na época tinha que ajudar em casa, só ia na escola se sobrasse tempo e como não sobrava, não continuei na escola. A escola era até um descanso, a gente se distraía*”. Apesar de dizer ser um pouco tímido, se mostrou solícito a conversar sobre suas experiências na pesca e ajudar na minha pesquisa, já que eu tinha vindo de tão longe.

O *pescador-caíco* destacou as dificuldades enfrentadas pela pesca no bairro Tiroleza. “*É muito pescador para pouco peixe. E ainda a gente tem aqui a fiscalização que mais prejudica do que ajuda. Quem faz as leis não são os pescadores. Vem o veranista que só pesca quando tem peixe depois vai embora, não vive da pesca que nem nós*”. Percebi que mesmo com o apoio do Sindicato da Pesca os conflitos com as normativas não amenizam. Segundo o *pescador-caíco*, os pescadores não têm força. “*O cara não pode usar uma jaqueta de couro, um tênis de marca que eles pensam que a gente não é pescador. Acham que tem que estar mendigando. Só dão voz para os industriais que dão mais lucro*”.

Para completar a renda e “*para não tá parado*” os *pescadores-caíco* acabam trabalhando em outros lugares. Quando a pesca está ruim, ou ficam dias sem pescar esperando pelo rodízio criado entre eles, “*o jeito é pegar um servicinho, eu conserto as redes e tarrafas, faz um reparo e outro no caíco, dá uma arrumada no rancho, até mesmo faz um bico de pintor ou construtor o que ir aparecendo. A gente faz de tudo um pouco*”. Assim, escolhi chamá-lo de *pescador-caíco* pelo zelo empregado na sua relação com o caíco.

Uma das passagens das idas ao *mar-lagoa* que me tocou, foi acompanhar o *pescador-caíco* para “colocar as redes nas balizas organizadas para que todos tenham oportunidade de pescar”. Nesse dia, ele vestia uma jaqueta de nylon, bermuda, chinelo e boné. Foi então que me ofereceu uma jaqueta para me proteger do vento. Na medida em que o caíco avançava e ele ia conversando comigo: “coloca a touca para não se molhar”. A preocupação dele comigo me fez pensar que a prática investigativa se faz coletivamente e simultânea. Ao mesmo tempo em que eu observava o *pescador-caíco*, ele também me observava.

Nessa oportunidade, ao acompanhar o *pescador-caíco* e seu ajudante, em uma ida ao *mar-lagoa*, com a tarefa de colocar a rede de espera na baliza de número um, pude perceber a dança de *caícos* se aproximando das balizas. O ritmo é conduzido pelos movimentos dos ponteiros do relógio que marcam às dezoito horas<sup>135</sup>, no horário de verão, em que vários *caícos* começam a se deslocar em direção a baliza. Apesar de no máximo enxergar a próxima baliza, os pontos de referência são as torres submersas da Central Estadual de Energia Elétrica que ficam paralelas. Assim, a última baliza se refere à oitava torre. Fiquei curiosa ao entrar nessa dança para investigar a organização das balizas, a determinação da distância, a fixação da rede de espera e a divisão dos espaços entre cada baliza. Foi uma experiência compartilhada, pois o *pescador-caíco* nunca tinha levado alguém junto em seu *caíco* com o propósito de uma pesca-pesquisa.

O *pescador-caíco* aflito me contou que estava há dois dias sem sair para pescar na lagoa, porque estava esperando entrar no rodízio. “Rodízio aqui para nós é passar pelas balizas numeradas, aí é feito o sorteio entre os pescadores artesanais que sempre participam e alguns novos que querem participar. As balizas são estacas de madeiras fincadas na água, geralmente bambu que a gente pega no mato, elas são numeradas, tá sendo de um a trinta e dois. De uma baliza para a outra tem uns oitenta metros, então a gente pode colocar até duas redes de espera de cem metros porque a rede fica curva. A malha é noventa milímetros. No sorteio é colocado os números num saco. Cada pescador sorteia um número no caso até a quantidade que tá ali. Como as balizas vão até trinta e dois se tiver mais pescadores vão ter que esperar até chegar a sua vez. O rodízio é de trás para frente 32, 31, 30,..., 1. Porque

---

<sup>135</sup> O horário e o local adequado para colocar as redes de espera são determinados pela Normativa do Ministério do Meio Ambiente, do Estado do Rio Grande do Sul, nº17 de 17 de outubro de 2004.

*aí todos têm chance de pegar peixe. Quanto mais vem para frente mais peixe pode pegar”.*

“*Pescador é senhor do tempo e do vento*” resumiu um pescador-caíco ao me explicar sobre os tipos de vento relacionados à pesca: “*nordestão* (nordeste forte), *suli* (sul), este, *lestada* (leste), *rebojo* (mudança repentina de vento), *terral* (vento que sopra da terra em direção ao mar). Ao escutar suas explicações buscava identificar e relacionar os diferentes tipos de vento quando os sentia bagunçando meu cabelo ou deixando a sensação de frio. Os pescadores artesanais de Tramandaí/RS afirmam se “*tem vento, tem peixe*”. Desse modo, as mudanças sutis que o vento faz indicam o momento para sair para pescar ou não, que tipos de peixes os ventos trazem e os perigos que podem encontrar.

Ao puxar os fios da rede que compõe a forma de vida de cada *Camarada D’água* deparai-me com a singularidade que o tempo e o espaço são vivenciados em cada *mar-lagoa*. Isso ativou o desejo de participar dos jogos de linguagem que os envolvem e *vontade de detalhes* para seguir a aventura desta navegação no que diz respeito a: o que é tempo e espaço? São únicos? Como eles funcionam? Mais especificamente, como funciona o tempo e o espaço nos jogos de linguagem dos *Camaradas D’água*? São semelhantes?

*As ondas do tempo e do espaço*





## AS ONDAS DO TEMPO E DO ESPAÇO

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado.—*Mas vocês vão aonde?* Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem. — *Voltamos antes de um agorinha*, respondia. Nem eu sabia o que ele perseguia. Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. (...). O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.<sup>136</sup>

Esse capítulo tem como objetivo remar em direção às ondas do tempo e do espaço de modo a conduzir às águas temporais e espaciais que foram, e continuam sendo, objeto de estudo de diversos pesquisadores pautados por diferentes concepções. A *novidade de viver* dos homens aliada a necessidade decorrente de suas práticas sociais e/ou culturais fez com que emergisse a determinação desses conceitos. Desde as sociedades mais antigas, o tempo e o espaço eram considerados uma regulação social pertencente à sensibilidade humana, sejam eles vivenciados pelos acontecimentos biológicos, físicos, sociais ou culturais. Nesse sentido, busco, mesmo que de modo sucinto, tatear como o tempo, e mais adiante o espaço, foi sendo determinado e os efeitos por ele provocados, evidenciando os deslocamentos de pensamento realizados. Dito de uma outra forma, proponho uma digressão a tempos remotos e volto “*antes de um agorinha*” para pensar as ondas do tempo e do espaço na contemporaneidade. Além disso, pretendo, posteriormente, tecer considerações sobre como os conceitos tempo e espaço estão presentes em jogos de linguagem entre os pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS.

---

<sup>136</sup> COUTO, 2012, p. 9.

*Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha. E eu lhe imitava. – Sempre em favor da água, nunca esqueça! Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça.<sup>137</sup>*

Inspirada no conto de Mia Couto (2012) intitulado *Nas águas do Tempo* e, considerando a advertência feita pelo *velho* de seguir “*em favor da água*”, recorrerei em favor de uma escolha teórica como fio condutor, uma direção possível, ao buscar os pensamentos de Platão, Aristóteles, Kant, Newton, Einstein, Bergson e Deleuze<sup>138</sup> envolvendo o tempo e, posteriormente o espaço. Contudo, não pretendo considerar os sentidos atribuídos a esses conceitos como um processo linear, sem fissuras e transgressões, mas entendê-los como condições de possibilidade emergentes a partir de regimes de saber/poder de cada época. Nesta perspectiva, os processos de determinação do tempo são marcados por numerosos retrocessos, desvios e ziguezagues, e, portanto, não têm fim, ou antes, não têm começo<sup>139</sup>. Assim, não busco construir juízos de valor entre uma concepção e outra.

O que é o tempo? Como ele funciona? Santo Agostinho, em *Confissões*, questiona:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam.

---

<sup>137</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>138</sup> A partir de leituras e estudos realizados quero ressaltar que minha escolha pelos pensamentos de Platão, Aristóteles, Kant, Newton, Einstein, Bergson e Deleuze foi motivada pelos encontros de suas contribuições envolvendo diretamente os conceitos tempo e espaço, pois se debruçaram na problematização da natureza e a mensurabilidade de cada um dos conceitos. A metamorfose provocada por esse fio condutor me ajudou a pensar e entender o tempo e o espaço da pesca artesanal proposta nessa pesquisa. Contudo, estudiosos como Santo Agostinho, Heráclito, Arquimedes, Aquino, Galileu, Heidegger e outros nomes também se dedicaram a discutir sobre esses conceitos que dão abertura a outras possibilidades de pensar o tempo e o espaço.

<sup>139</sup> ELIAS, 1998.

O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.<sup>140</sup>

Embora a noção de tempo possa parecer familiar e ser considerada como um saber único, inquestionável, naturalizado por nossas vivências e, portanto, universal, não se tem uma definição única<sup>141</sup>. O tempo pode ser pensado, vivido e sentido de diferentes formas. Numa linguagem wittgensteniana, é possível afirmar que se têm diferentes jogos de linguagem envolvendo esse conceito, ou ainda, diferentes usos lhe são atribuídos ao longo da história. Nesse sentido, o tempo é uma convenção social que está imbricada na produção de conhecimento e sua aprendizagem inicia desde quando criança com as primeiras experiências, a saber: o tempo de dormir, de comer, de andar, de falar, de ir à escola, de brincar, das horas do relógio, dos dias do calendário, de “*antes de um agorinha*” e um “*pedacito de tempo*”.

Embalada por esse pensamento provocativo de estudar os diferentes ritmos que regeram e regem o tempo, e, posteriormente, pesquisar a “*onda cá*” e “*onda lá*” que “tiquetaquecam” o tempo da pesca artesanal fui afetada pela seguinte sensação:

(...) me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar o pé em terra não firme. – *Nunca! Nunca faça isso!* O ar dele era de maiores gravidades. Eu jamais assistira a um semblante tão bravo em meu velho. Desculpei-me: que estava descendo do barco mas era só um pedacito de tempo. Mas ele ripostou: - *Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.*<sup>142</sup>

Lanço mão de minha aventura ao espreitar os pântanos que se criam nas problematizações envolvendo o tempo. Com meus pés não firmes em terra, e aqui o trocadilho é proposital, recorro às interlocuções com os diferentes modos de pensar o tempo propostos pelos gregos. Início essa

---

<sup>140</sup> AGOSTINHO, 1999, p.243-244.

<sup>142</sup> Corroboro com Elias (1998, p. 11) “O tempo não se deixa guardar comodamente numa dessas gavetas conceituais onde ainda hoje se classificam, com toda a naturalidade, objetos desse tipo”.

<sup>142</sup> COUTO, 2012, p. 11-12.

abordagem considerando o pensamento de Platão com o *tempo-eteridade*.

Platão (427-348 a.C.) apresenta teorizações sobre a origem e a formação do mundo natural envolvendo, sobretudo, a questão de como o tempo é gerado. Na obra *Timeu*, o filósofo evidencia a distinção entre o mundo físico (mutável e objeto de sensação irracional ou irreal) e o mundo natural (imutável no qual o objeto é apreendido pela razão). Platão estabelece a distinção entre o mundo do “*ser*” que é fundamental, eternamente o mesmo, formado pelo *mundo das ideias*– apreensível apenas pela inteligência utilizando a razão – e, o mundo do “*não ser*” formado pelas sensações que por sua vez são irracionais e irreais. Considera também as relações entre corpo e alma inferindo ser a alma que participa da racionalidade e da harmonia e, portanto, “é a melhor das coisas geradas pelo melhor dos seres inteligentes gerados eternamente”<sup>143</sup>. A constituição da alma como sendo tudo aquilo que tem forma corporal permite que ela se estenda em todas as direções, desde o meio até a extremidade do céu, que possa girar em si mesma como forma de vida incessante e dotada de pensamento.

Com base em suas observações, Platão afirma que o tempo nasceu quando um ser divino estruturou o caos primitivo, um rito de ordem, evidenciando uma origem cosmológica. “Para que o tempo surgisse, foram gerados o sol e a lua e mais cinco astros, que receberam a designação de planetas, a fim de delimitarem e resguardarem os números do tempo”<sup>144</sup>. O tempo é medido pelo movimento dos corpos celestes fato esse que implica o pertencimento do tempo ao mundo físico, o mundo das sensações, que possibilitou a constatação dos movimentos espaciais dos planetas e a ideia de uma existência cíclica. Platão descreve minuciosamente o processo de criação e como os elementos foram colocados em movimento de modo racional, a saber,

(...) o deus suspendeu uma luz no segundo circuito a contar da terra, à qual chamamos agora mesmo sol, a fim de que todo o céu brilhasse ainda mais, e de que todos os seres vivos aos quais isso convém participassem no número, aprendendo a conhecê-lo pelas órbitas do Mesmo e do semelhante. E foi assim, e por estas razões, que foram gerados a noite e o dia, o circuito do único movimento circular; o mês, quando a lua apanha o

<sup>143</sup> PLATÃO, 2003, 37a, p. 75.

<sup>144</sup> PLATÃO, 2003, 38c, p. 77.

círculo do sol, depois de ter completado o seu próprio círculo; e o ano, quando o sol completa o seu próprio círculo.<sup>145</sup>

A temporalidade platônica suscita que a compreensão do tempo é subjetiva, “se move na ordem sensível”<sup>146</sup>, estabelecendo diversos tempos particulares em harmonia com o tempo do universo em uma associação cíclica e sucessiva.

“O tempo foi, pois, gerado com o céu, a fim de que, tendo sido gerados simultaneamente, também simultaneamente fossem dissolvidos, se alguma vez conhecerem a possibilidade de dissolução”<sup>147</sup>. Para Platão, o tempo e o céu foram constituídos a partir da natureza eterna para que fossem uma cópia semelhante da eternidade na medida em que se dissolve ao longo de sua realização. Seu pensamento foi fortalecido ao considerar que o alinhamento dos planetas implicava em um ciclo dado pela repetição de suas posições no céu e, que a mesma repetição ocorria com os acontecimentos do universo de acordo o ciclo anterior. Antes de o céu ter sido gerado não existiriam, por assim dizer, os dias e noites, os meses e os anos como partes do tempo, que se repetem dentro de um ciclo contínuo. A partir dessas observações, Platão define o conceito de *eternidade* como a única categoria de tempo possível numa espécie finita, porém ilimitada. O tempo está atrelado ao movimento do céu e ao número como relata em uma das passagens mais conhecidas de *Timeu*, o tempo é a “imagem móvel da eternidade”<sup>148</sup>.

Para descrever as danças destes astros, os seus choques uns com os outros, os recuos e as aproximações dos respectivos círculos uns em relação aos outros, quais são os deuses que se colocam diante uns dos outros nas suas conjunções, e quantos se colocam em lados opostos seria um trabalho fatigante e em vão se não estivesse diante dos olhos uma imitação destes movimentos, uma cópia da natureza eterna. Nesse sentido, é possível afirmar que Platão não se preocupou em estabelecer a relação de que o tempo é movimento ou que o movimento é tempo, mas sim na coexistência de ambos que podem ser percebidos, pelas sensações, de forma uniformemente rápida ou lenta. No entanto, acrescentou que

---

<sup>145</sup> Ibidem, 39b-c, p.78-79.

<sup>146</sup> Ibidem, 38a, p. 77.

<sup>147</sup> Ibidem, 38c, p. 77.

<sup>148</sup> Ibidem, 37d, p. 76.

o movimento não consente de modo algum em existir na uniformidade. Com efeito, é difícil, e mais ainda impossível, existir aquilo que é movido sem aquilo que se move, ou aquilo que move sem aquilo que é movido; não pode haver movimento sem estes, e é impossível que eles sejam alguma vez uniformes.<sup>149</sup>

O universo proposto pelo filósofo apresenta o movimento circular num constante retorno que tende a voltar-se sobre si mesmo sem deixar subsistir espaços vazios tanto no presente quanto no futuro.

O passado, presente e o futuro também são partes geradas do tempo que, na perspectiva platônica, são utilizados de forma incorreta à substância eterna, pois é esquecida sua natureza. “Dizemos que foi, que é e que será, quando “é” é a única expressão que se lhe aplica com verdade, enquanto “era” e “será” são expressões que convêm àquilo que se gera e se move no tempo – porque são ambos movimentos”<sup>150</sup>. Além disso, são formas do tempo que imitam a eternidade e giram em círculos segundo um número. Platão, no entanto, atribui ao presente o caráter de ser àquilo que permanece sempre, sem se mover, como efeito de verdade. Mesmo que o tempo passe não se aplica tornar-se mais velho ou mais novo nem ter sido gerado no passado, nem ser gerado agora, nem vir a ser no futuro, mas ser o que se é no presente.

Isso implica nos dois gêneros de ser<sup>151</sup> propostos por Platão em que o primeiro deles foi considerado a forma do paradigma (Modelo), sendo inteligível, eterno, imutável e invisível e, que assim não “recebe em si mesma outra coisa vinda do outro, nem ela própria vai para outro”<sup>152</sup>. Já o segundo, é como uma imitação do paradigma (cópia do Modelo) que é sensorial, gerado, móvel, visível e, “se gera em certo lugar e de novo perece nele, e é captado pela opinião, juntamente com a sensação”<sup>153</sup>. Contudo, o filósofo considera conveniente dividir o universo de forma mais ampla introduzindo um terceiro gênero: o espaço, que é considerado como um “receptáculo e a mãe de todas as gerações”<sup>154</sup>. A natureza do espaço foi comparada com o trabalho de um ouvires, a saber: “se alguém modelasse todas as coisas em ouro e não

---

<sup>149</sup> PLATÃO, 2003, 57e, p.107-108.

<sup>150</sup> Ibidem, 38a, p.77.

<sup>151</sup> PLATÃO, 2003.

<sup>152</sup> Ibidem, 52a, p.98.

<sup>153</sup> PLATÃO, 2003, 52b, p.99.

<sup>154</sup> Ibidem, 49a, p.93.

cessasse de transformar cada uma delas em todas as outras; mostrando-lhe alguém uma delas e perguntando-lhe o que é, a resposta mais segura, no que é verdade diz respeito, seria que é outro”<sup>155</sup>. O mesmo ocorre com o espaço, pois permanece invariante, recebe sempre todas as coisas e nunca, seja em que circunstância for, toma qualquer forma semelhante a qualquer coisa que entram nela.

O espaço é amorfo, indeterminado, passivo e desacompanhado de sensações, porém é também dinâmico ao apresentar algo de vivo distanciando-se de uma concepção estática de espaço. “É uma massa moldável, que recebe todas as coisas, sendo movida e recebendo a forma dessas coisas e, por causa delas, parecendo ora uma coisa, ora outra”<sup>156</sup>. Dessa forma, o que entra ou sai do espaço são imitações das entidades eternas, podendo ou não ser semelhantes, que por sua vez geram movimentos diante do espaço que os abriga e, participa do inteligível da maneira mais embaraçosa e complexa. No entanto, não existe a possibilidade de que uma coisa seja simultaneamente a mesma coisa e duas coisas diferentes. Isso acontece porque o espaço platônico só é “captável por meio de um certo raciocínio bastardo”<sup>157</sup>, é um *fantasma sempre fugitivo*, em que somente as ideias são objetos do raciocínio autêntico, ou seja, o espaço não é *sensível*, não podemos senti-lo, vê-lo ou até mesmo tocá-lo, mas podemos apreendê-lo pelo intelecto.

A espacialidade se constitui “como num sonho afirmando que é de certa maneira necessário que todo o ser esteja em certo lugar e ocupe um certo espaço, e que aquilo que não está na terra nem no céu nada é”<sup>158</sup>. Portanto, nos situamos diante do receptáculo do devir no qual “aquele que se gera, aquele no qual se gera e aquele à semelhança do qual nasce aquele que se gera”<sup>159</sup>. Cabendo assim, a comparação, feita por Platão, do receptáculo a uma mãe, do Modelo a um pai e a natureza que está entre os dois a um filho. O espaço não é apenas onde aparecem e desaparecem os objetos sensíveis, mas como sendo um lugar, um local por si próprio, diferente das formas inteligíveis e das formas sensíveis, que escapa a toda designação única e inequívoca. Só é possível falar de espaço utilizando imagens e metáforas. Em outras palavras, o espaço é *geometricamente indeterminado*, pois se mostra como uma realidade

---

<sup>155</sup> Ibidem, 50b, p.95.

<sup>156</sup> Ibidem, 50c, p. 95.

<sup>157</sup> Ibidem, 52b, p.99.

<sup>158</sup> Ibidem, 52b, p.99.

<sup>159</sup> Ibidem, 50d, p. 96.

mais complexa do que um puro sistema de relações geométricas estáticas.

Trata-se de um espaço não vazio, homogêneo, que embora seja isento de qualidades próprias há sempre os objetos e seus processos, ou ainda *coisas sensíveis*, que o preenche, geram um aspecto e colocam-no em movimento. “O circuito do universo, que engloba os gêneros, sendo circular, tende naturalmente a voltar-se sobre si mesmo, condensando todas as coisas, e não deixando subsistir nenhum espaço vazio”<sup>160</sup>. O espaço platônico permanece sem forma, constante e invariável, se apresenta de forma inerente ao mundo sensível de modo que suas propriedades não são captáveis pelo pensamento puro. Fato este que evidencia o distanciamento e a diferenciação radical entre o espaço e o tempo, pois, o espaço é eterno sobre si e não se insere como cópia de nenhuma forma ideal já o tempo é a imagem em movimento da eternidade.

Diante do pensamento de Platão e demais filósofos gregos da época, ao considerarem o movimento realizado pelos acontecimentos, definiram o tempo *cronos*<sup>161</sup> como sendo a continuidade de um tempo sucessivo, ou seja, um tempo passível de ser numerado segundo os astros como o Sol, a Lua e as estrelas, ou ainda, pelos dias, meses e anos. O tempo *cronos* é conhecido pela exatidão do relógio e do calendário que apontam sua linearidade e inflexibilidade presentes em nossas experiências. “O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico”<sup>162</sup>. Nesse sentido, os relógios e calendários “passam então a representar estruturas recorrentes no interior de um devir que não se repete”<sup>163</sup> atestando assim, seu caráter simbólico.

Cabe salientar que existiram civilizações antigas que não faziam uso de relógios e calendários para se situarem no tempo. No entanto, utilizavam outras unidades de referências como o uso do “quando”. Por exemplo, o nascimento de uma criança se deu [“quando”] na última

---

<sup>160</sup> PLATÃO, 2003, 58a, p. 108.

<sup>161</sup> “O nome do antigo deus Cronos era também uma das expressões usadas para designar o “tempo”. Que um deus tenha dado nome a esse conceito não pode deixar de ser significativo, no desenvolvimento da determinação do tempo pelo homem. Podemos afirmar que a atividade de determinação do tempo e do conceito de tempo são inseparáveis da representação geral que os homens têm de seu universo e das condições em que vivem nele” (ELIAS, 1998, p. 141).

<sup>162</sup> ELIAS, 1998, p. 17.

<sup>163</sup> Ibidem, p.10.

forte nevasca. Ou ainda, utilizavam noções associadas ao Sol, à Lua, aos ventos e as marés, ou demais referências que possibilitavam satisfazer suas necessidades. Isso não exclui a possibilidade de ainda existir grupos de pessoas<sup>164</sup> que utilizam essas unidades de referências para determinar o tempo, podendo ou não estar ligadas ao uso de relógios e calendários<sup>165</sup>.

Além disso, existe um segundo tempo chamado *aion* que constitui a intensidade do tempo da vida humana, está fora do tempo, não pode ser numerável nem sucessivo. Tempo da descoberta, da criação, da inspiração, da intensidade de um instante e do movimento. É um *tempo-sem-tempo*. E por fim, o tempo *kairós* que designa o tempo do momento, da oportunidade, da temporada, da decisão e da atitude<sup>166</sup>. Isso implica dizer que os gregos consideravam a existência de temporalidades outras que atravessavam os acontecimentos. Nesta perspectiva, “o tempo da vida não é apenas questão de movimento numerado e que esse outro modo de ser temporal parece com o que uma criança faz. Se uma lógica segue os números, outra brinca com os números”<sup>167</sup>.

O filósofo Aristóteles (384-322 a.C.), aluno de Platão, realizou alguns deslocamentos apresentando inferências sobre os conceitos de tempo e espaço. Em *Física IV (1953)*, Aristóteles escreve um tratado que discute sobre os pressupostos do movimento envolvendo o lugar, o vácuo e o tempo. Nesse momento, dedico-me a olhar a questão do tempo a partir de sua máxima “o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois”<sup>168</sup>. Em outras palavras, o filósofo considera o tempo não como sendo o movimento, nem tampouco pode existir na sua ausência, mas sim como uma relação de sucessão contínua em que o movimento está *em potência*, o antes e o depois, necessitando de uma alma<sup>169</sup> com a capacidade de contar. Desse modo, “não só medimos o

---

<sup>164</sup> Essa possibilidade ativa minha *vontade por detalhes* em perceber como esse fato poderia ou não funcionar na prática da pesca artesanal, ou seja, evidenciar quais recursos são utilizados para marcar o tempo e suas relações com o espaço.

<sup>165</sup> ELIAS, 1998.

<sup>166</sup> LIDDELL; SCOTT, 1996 apud KOHAN 2007, p.86.

<sup>167</sup> KOHAN, 2007, p.86.

<sup>168</sup> ARISTÓTELES, 1953, Book IV, 220a, 25 [tradução minha]. Versão original: “It is clear, then, that time is ‘number of the movement in respect of the before and after’, and is continuous since it is an attribute of what is continuous”.

<sup>169</sup> Segundo Puente (2001, p. 226), “é interessante observar que, após ter analisado a importância da alma na determinação do tempo, Aristóteles começa

movimento pelo tempo, mas também o tempo pelo movimento, porque eles definem um ao outro”<sup>170</sup>. O tempo implica o movimento.

Aristóteles não considera mais a unidade de medida dada pelas revoluções completas dos astros (os dias, meses e anos), mas sim o instante inextenso, permitindo medir toda e qualquer parte dessas revoluções, incluindo as infinitamente pequenas<sup>171</sup>. Nesse sentido, é definido um conceito próprio de *contagem do tempo* na medida em que existe movimento e portanto, *há um número para cada um*. Isso implica que o tempo possui domínio próprio que vai além do movimento, ou seja, “tempo é em *si mesmo* o simples movimento, enquanto a *contraposição do ser ao nada*. Só há tempo se *algo acontece*, e é a *esse nível* que se dá o acontecer”<sup>172</sup>. Portanto, “Aristóteles faz do movimento o sujeito do tempo: é o *acontecer contínuo* do movimento que se conta como *antes, agora e depois*”<sup>173</sup>, ou seja, que determina o passado, presente e futuro.

O tempo está em toda parte e junto de todas as coisas, é algo de comum, universal e único. Muito embora, não seja possível identificá-lo e analisá-lo particularmente, pois trata-se de “um conceito necessariamente implícito na compreensão do processo do devir”<sup>174</sup>. Para Aristóteles, existe dois modos de perceber o tempo em que primeiro considera-se o tempo em sua totalidade e no segundo modo um intervalo desse tempo infinito. Isso implica que uma parte do tempo continua sendo tempo, mais precisamente, um intervalo de tempo voluntariamente delimitado, ou seja, “o tempo pode ser pensado quer como infinito, quer como finito”<sup>175</sup>. Ao pensar a infinitude do tempo o *agora* deve ser pensado não mais como um dos limites que determinam um intervalo temporal, mas sim como um limite único e indivisível que conecta incessantemente o passado e o futuro.

“Quando pensamos em como os extremos diferentes a partir do meio e da mente que pronuncia são dois *agoras*, um antes e um depois, é

---

imediatamente a se perguntar de que tipo de movimento o tempo é número, como se quisesse buscar um critério mais objetivo para a determinação do tempo”.

<sup>171</sup> ARISTÓTELES, 1953, Book IV, 220b, 15 [tradução minha]. Versão original: “Not only do we measure the movement by the time, but also the time by the movement, because they define each other”.

<sup>171</sup> REIS, 1996.

<sup>172</sup> Ibidem, p.195, [grifos do autor].

<sup>173</sup> Ibidem, p.196, [grifos do autor].

<sup>174</sup> PUENTE, 2001, p. 130.

<sup>175</sup> Ibidem, p. 124.

então que dizemos que há tempo”<sup>176</sup>. O tempo delimitado pelo *agora* é o tempo e, caso não percebamos a diversidade de pelo menos dois *agoras* distintos entre si será impossível perceber o intervalo de tempo por esses dois *agoras* e, por conseguinte, não haverá tempo para nós<sup>177</sup>. Assim, o tempo aristotélico acontece no presente, pois “só presente existe de fato; o passado e o futuro, não sendo presentes, não existem efetivamente. Em outras palavras, é-lhes negado o próprio ser”<sup>178</sup>. Nossa percepção capta a existência de um presente contínuo, um eterno *agora*.

O conceito de tempo proposto por Aristóteles é inerente à física, uma vez que “*o tempo é a medida do movimento e do repouso*”<sup>179</sup>. Nem tudo o que está no tempo se tem de mover, já que o tempo não é um movimento, mas o número do movimento. O que está em repouso pode ser também o número do movimento porque nem tudo o que está imóvel existe em repouso, mas somente o que está privado de movimento pode ser movido por natureza. Além disso, “o movimento pode ser dito lento ou rápido enquanto são determinados em relação ao tempo, pois rápido é o que se move muito em pouco tempo e lento o que se move pouco em muito tempo”<sup>180</sup>. Para o filósofo, “do tempo não se pode dizer que é lento ou rápido, mas apenas que é, enquanto contínuo, longo ou breve e, enquanto número, muito ou pouco”<sup>181</sup>.

Nesse sentido, *ser no tempo*, segundo Aristóteles

---

<sup>176</sup> ARISTÓTELES, 1953, Book IV, 219a, 25[tradução minha]. Versão original: “When we think of the extremes as different from the middle and the mind pronounces that 'nows' are two, one before and one after, it is then that we say that there is time, and this that we say is time”.

<sup>177</sup> PUENTE, 2001.

<sup>178</sup> PUENTE, 2001, p. 125.

<sup>179</sup> ARISTÓTELES, Book IV, 221b, 20[tradução minha]. Versão original: “(...) while time is the measure of motion and rest”.

<sup>180</sup> *Ibidem*, 218b, 10-18 [tradução minha]. Versão original: “Now (a) the change or movement of each thing is only in the thing which changes or where the thing itself which moves or changes may chance to be. But time is present equally everywhere and with all things. Again, (b) change is always faster or slower, whereas time is not: for 'fast' and 'slow' are defined by time - 'fast' is what moves much in a short time, 'slow' what moves little in a long time; but time is not defined by time, by being either a certain amount or a certain kind of it”.

<sup>181</sup> *Ibidem*, 220b, 1-5[tradução minha]. Versão original: “It is clear, too that time is not described as fast or slow, but as many or few and as long or short. For as continuous it is long or short and as a number many or few, but it is not fast or slow - any more than any number with we number is fast or slow”.

é ser afectado pelo tempo, e assim costuma-se dizer que o tempo deteriora as coisas, que tudo envelhece pelo tempo, e que o tempo faz esquecer, mas não se diz que se aprende pelo tempo, nem que pelo tempo se chega a ser jovem e belo; porque o tempo é, por si mesmo, mais precisamente, causa da destruição, já que é o número do movimento, e o movimento faz sair de si o que existe.<sup>182</sup>

O tempo cumpre apenas a função de “cronômetro” do movimento e é o próprio movimento que faz envelhecer e trans-formar as coisas. Assim, *ser no tempo* nada mais é do que ser medido pelo tempo infinito que o circunscreve, ou seja, “ser a medida de um certo movimento ou repouso, pois daquilo que não se encontra em movimento ou em repouso não se pode dizer que se encontre no tempo”<sup>183</sup>, é ser atravessado pelo movimento circular e contínuo das coisas do mundo como as revoluções dos astros, o tique-taque dos relógios, o correr dos calendários e os nuances que o sol, lua, maré e ventos que nos ditam. Em outras palavras, *ser no tempo* é ser quem somos quando há o movimento das coisas e quando as movimentamos. Há um acontecimento. “Ser no tempo não é meramente ‘ser quando o tempo existe’, bem como ser no movimento ou ser no lugar não é apenas e tão somente existir quando o movimento ou o lugar existem”<sup>184</sup>.

A temporalidade está intrínseca ao constatar que o *ser no tempo* pode também ser compreendido, no senso comum, como o ser daquilo que é afetado de algum modo pela ação do tempo<sup>185</sup>. Ao considerar o tempo como sendo um número a expressão aristotélica *ser no tempo* é compreendida de dois modos:

- a) ser como algo do tempo, donde é lícito dizer, por exemplo, que o agora e o anterior-posterior [antes e depois] estão no tempo (tal qual o par e o ímpar estão no número), e b)

---

<sup>182</sup> Ibidem, 221a, 30 [tradução minha]. Versão original: “A thing, then, will be affected by time, just as we are accustomed to say that time wasted things away, and that all things grow old through time, and that there is oblivion owing to the lapse of time, but we do not say the same of getting to know or of becoming young or fair. For time is by its nature the cause rather of decay, since it is the number of change removes what is”.

<sup>183</sup> PUENTE, 2001, p.27.

<sup>184</sup> Ibidem, p. 235.

<sup>185</sup> PUENTE, 2001.

ser no tempo como as coisas estão no número, isto é, assim como as coisas possuem um número (aqui e talvez possamos pensar no número como representante da categoria da quantidade enquanto tal; logo, dizer que as coisas possuem um número é dizer que possuem uma determinação quantitativa qualquer), elas também possuem um tempo, ou seja, um número de seu movimento ou mudança.<sup>186</sup>

As coisas também estão no tempo, pois também são envolvidas por ele e, para Aristóteles, ser envolvido pelo tempo é poder conceber um tempo infinito.

Existem infinitas possibilidades de *ser no tempo* ou ainda vários tipos de movimento<sup>187</sup> ou mudança, mas o tempo continua sendo um só capaz de numerá-los. “O tempo é o número do movimento enquanto tal e não de um único tipo de movimento”<sup>188</sup>. Caso ocorram simultaneamente diferentes tipos de movimento, um mesmo intervalo de tempo é a determinação numérica universal de diferentes espécies de movimento. Se forem não simultâneos, mas sucessivos, o tempo pode ser o mesmo se o seu número também for<sup>189</sup>. O movimento circular uniforme garante a não-arbitrariedade do tempo envolvida em uma mensuração objetiva que estabelece uma métrica universal e uma respectiva unidade de tempo.

Além disso, o movimento foi agente de mudança que impulsionou o pensamento de Aristóteles ao considerar que as coisas se locomovem causando o questionamento de onde elas estão e para onde vão e, conseqüentemente sobre a existência de espaço ou lugar em que as coisas estão inseridas<sup>190</sup>. Embora o filósofo reconhecesse o espaço platônico como pioneiro envolvendo a natureza do espaço, não vazio e homogêneo, e até mesmo subsistir como um receptáculo sem a necessidade de um determinado acontecimento, ele realizou alguns deslocamentos. Para Aristóteles, o espaço é pensado como *lugar* onde existem acontecimentos gerados pelo movimento, *locomoção*, de modo

---

<sup>186</sup> Ibidem, p. 234.

<sup>187</sup> Segundo Puente (2001), os diferentes tipos de movimento estão todos implicados em um único movimento: o movimento circular.

<sup>188</sup> PUENTE, 2001, p. 226-227.

<sup>189</sup> PUENTE, 2001.

<sup>190</sup> ARISTÓTELES, 1953.

que a “existência do lugar é evidentemente realizada a partir do fato da substituição mútua”. Como na situação, apresentada pelo filósofo, em que um navio ao passar no rio move o que era água e subsistiu o ar, assim, o lugar ou o espaço no qual e pelo qual eles passaram foi algo diferente para ambos.

O lugar não só existe como é algo não vazio e exerce influência sobre as coisas. Tudo está em algum lugar e no lugar. Isso implica que o lugar não é uma parte nem um estado da coisa, mas separável dela como o rio em que o navio passa. Nesse sentido, o lugar não será considerado como um receptáculo que é móvel, como um navio, mas o todo não transportável, ou seja, imóvel, como um rio. Um “lugar é o limite daquilo que contém o corpo”<sup>191</sup>, ou seja, a forma pertencerá ao corpo contido e não ao lugar. Diante disso, Aristóteles afirma que o lugar deve ser o limite imóvel mais interno e que imediatamente envolve o corpo contido naquele lugar<sup>192</sup>, uma vez que corpo contido é entedido por aquele que gera movimento. Assume como característica principal que dois corpos não ocupam o mesmo lugar simultaneamente.

Por outro lado, Kant nos provoca a pensar que o tempo e o espaço são dados *a priori*. O tempo “é apenas a forma da nossa intuição<sup>193</sup> interna. Se lhe retirarmos a condição particular da nossa sensibilidade, desaparece também o conceito de tempo; o tempo, pois, não é inerente aos próprios objectos, mas unicamente ao sujeito que os intui”<sup>194</sup>. Seu posicionamento sobre o conceito tempo, presente na obra *Crítica da Razão Pura* no capítulo intitulado Estética Transcendental<sup>195</sup> do Tempo, está diretamente relacionado como sendo a representação necessária para todas as intuições. Desse modo, “não se pode suprimir o próprio tempo em relação aos fenômenos [acontecimentos] em geral,

---

<sup>191</sup> ARISTÓTELES, Book IV, 1953, 211b, 10[tradução minha]. Versão original: “(...) the place is the boundary of the body which contains it”.

<sup>192</sup> ARISTÓTELES, 1953.

<sup>193</sup> Para Kant (1997), é pela *intuição* que se dá todo o pensamento ao se relacionar o modo e os meios pelos quais um conhecimento se possa referir a objectos. Esta intuição, porém, apenas se verifica na medida em que o objecto nos for dado e somos afectados por ele. Ao passo que, essa capacidade é chamada de *sensibilidade*. “O pensamento tem sempre que referir-se, finalmente, a intuições, quer directamente (indirecte), quer por rodeios (indirecte) e, por conseguinte no que respeita a nós, por via da sensibilidade, porque de outro modo nenhum objecto nos pode ser dado” (ibidem, §1, p. 61).

<sup>194</sup> KANT, 1997, §7, p. 75-76.

<sup>195</sup> Kant (1997, p.62) designa por Estética Transcendental “uma ciência de todos os princípios da sensibilidade *a priori*”.

embora se possam perfeitamente abstrair os fenômenos do tempo. O tempo é, pois, dado *a priori*<sup>196</sup>. Todos os objetos dos sentidos estão no tempo e necessariamente sujeitos às suas relações.

As lentes kantianas proporcionam uma leitura outra sobre o tempo. Minha intenção não é a de alcançar a totalidade de sua compreensão, se é que posso dizer ser possível atingi-la, me permito “apenas” transitar por outras ondas de pensamento e perceber que as fronteiras que buscavam cercar esse conceito estão borradas, desfocadas e embaralhadas nas múltiplas possibilidades de potência do pensamento humano em um determinado *tempo e espaço*. Para Kant, em suas *condições da sensibilidade*<sup>197</sup>, “o tempo não é um conceito empírico que derive de experiência qualquer. Porque nem a simultaneidade nem a sucessão surgiriam na percepção se a representação do tempo não fosse o seu fundamento *a priori*”<sup>198</sup>, ou seja, não seriam percebidas sem as representações em nossos estados internos. Essa é a única regra que, em geral, possibilita e instrui as experiências.

O tempo tem apenas uma dimensão, é considerado como uma forma pura da intuição sensível. Isso significa dizer que tempos diferentes não são senão partes de um mesmo tempo, ou seja, o tempo é único e serve de fundamento aos diferentes tempos<sup>199</sup>. No entanto, “o tempo não é algo que exista em si ou que seja inerente às coisas como uma determinação objectiva e que, por conseguinte, subsista, quando se abstrai de todas as condições subjectivas da intuição das coisas”<sup>200</sup>. Tempos diferentes não são simultâneos, mas sucessivos, como uma linha contínua que se prolonga infinitamente. Assim, “o tempo é como uma forma inata de experiência e, portanto, um dado não modificável da natureza humana”<sup>201</sup>. Em outras palavras, a Estética Transcendental kantiana possui os conceitos de tempo e espaço como duas formas puras

---

<sup>196</sup> Ibidem, §4, p.70.

<sup>197</sup> O pensamento kantiano enfatiza as condições da sensibilidade como sendo a capacidade de receber representações e ser afetado pelos objectos proporcionando condições para a intuição. Isso ocorre quando temos a representação do tempo e nossas determinações nele, ou seja, “não deve ser, portanto, encarado realmente como objecto, mas apenas como modo de representação de mim mesmo como objecto” (KANT, 1997, p. 75).

<sup>198</sup> KANT, 1997, p. 70.

<sup>199</sup> Kant, 1997.

<sup>200</sup> Ibidem, p.72.

<sup>201</sup> ELIAS, 1998, p.9.

da sensibilidade e, portanto, não cabe considerar os conceitos de movimento e mudança, uma vez que pressupõem algo de empírico.

O tempo e o espaço são condições subjetivas da nossa intuição e, necessários a toda experiência e constituição do conhecimento sensível. Nossa intuição

nada mais é do que a representação do fenômeno; que as coisas que intuimos não são em si mesmas tal como as intuimos, nem as suas relações são em si mesmas constituídas como nos aparecem; e que, se fizermos abstracção do nosso sujeito ou mesmo apenas da constituição subjectiva dos sentidos em geral, toda a maneira de ser, todas as relações dos objectos no espaço e no tempo e ainda o espaço e o tempo desapareceriam; pois, como fenômenos, não podem existir em si, mas unicamente em nós. É-nos completamente desconhecida a natureza dos objectos em si mesmos e independentemente de toda esta receptividade da nossa sensibilidade.<sup>202</sup>

O pensamento kantiano infere que o conhecimento está atrelado ao modo de intuição, *condições da sensibilidade*, estando sempre submetido às condições e relações do tempo e do espaço que são inerentes ao sujeito, não há nada fora.

Contudo, Elias elabora a ressalva de que “Kant extraiu, muito precipitadamente, a conclusão de que essa experiência e esse conceito do tempo deviam representar uma condição imutável de toda experiência humana”<sup>203</sup>. Isso significa que

é nosso interesse, portanto, que nos familiarizemos com o modelo de experiência que impera nos estágios de desenvolvimento em que o tempo e o espaço ainda não são apreendidos no mesmo nível de síntese que o nosso - e portanto, ainda não são sentidos como fundamentalmente unitários, e que reconstruamos esse tipo de experiência, a fim de compreendermos a nós mesmos<sup>204</sup>.

---

<sup>202</sup> KANT, 1997, §8, p. 78-79.

<sup>203</sup> ELIAS, 1998, p. 52.

<sup>204</sup> Ibidem, p. 139-140.

Realizar o exercício de escuta de diferentes formas de pensar e agir se torna potente para habitar territórios outros que ativam a noção de tempo e espaço. Isso provoca questionamentos: De que tempo e espaço estou falando? O tempo e o espaço são únicos? Quem está autorizado a determiná-los? Quem está submetido a segui-los?

Para Kant, o espaço não é um conceito empírico, extraído de experiências externas, nem tampouco discursivo, mas sim uma intuição pura, *a priori*. É essencialmente uno e universal, de modo que “só podemos ter a representação de um espaço único e, quando falamos de vários espaços, referimo-nos a partes de um só e mesmo espaço”<sup>205</sup>. O filósofo exemplifica essa passagem ao considerar as proposições geométricas de um triângulo cuja soma de dois lados é maior do que o terceiro, não derivam nunca de conceitos gerais de linha e de triângulo, mas da intuição *a priori*, com uma certeza apodítica<sup>206</sup>. O espaço é uma representação necessária que fundamenta todas as intuições externas, ou ainda o sentido externo. “Não se pode nunca ter uma representação de que não haja espaço, embora se possa perfeitamente pensar que não haja objectos alguns no espaço”<sup>207</sup>. Mais do que isso, o espaço, na perspectiva kantiana, é a condição de possibilidade dos fenômenos, não uma determinação que dependa deles.

O espaço se constitui como sendo uma intuição dada *a priori* que é anterior a toda nossa percepção. Desse modo, é o sujeito que é afectado pelos objectos e passa a ter uma representação imediata, como forma do sentido externo, possibilitando exercitar a *condição subjetiva da sensibilidade*. Para Kant, a condição subjetiva é imprescindível para a representação do espaço, pois a forma de todos os fenômenos é dada no espírito antes de todas as percepções reais e, enquanto intuição pura, na qual todos os objectos são determinados, antes de toda experiência<sup>208</sup>. Contudo,

não podemos fazer das condições particulares da sensibilidade as condições da possibilidade das coisas, mas somente dos seus fenômenos, bem podemos dizer que o espaço abrange todas as coisas que nos possam aparecer exteriormente, mas não todas as coisas em si mesmas, sejam ou

---

<sup>205</sup> KANT, 1997, p. 65.

<sup>206</sup> KANT, 1997.

<sup>207</sup> Ibidem, p. 64-65.

<sup>208</sup> KANT, 1997.

não intuídas e qualquer que seja o sujeito que as intua.<sup>209</sup>

Se abandonarmos a condição da sensibilidade de toda experiência e considerarmos o espaço como algo que sirva de fundamento das coisas em si o próprio espaço nada significaria.

A intuição nos leva a considerar a geometria como conhecimento sintético, *a priori*, e conceber o espaço, formado por três dimensões, como lugar onde todas as coisas enquanto fenômenos externos estão justapostas. Isso implica que o que é intuído no espaço é uma coisa em si, “o espaço não é uma forma das coisas, forma que lhes seria própria, de certa maneira em si, mas que nenhum objecto em si mesmo nos é conhecido e que os chamados objectos exteriores são apenas simples representações da nossa sensibilidade”<sup>210</sup>. Trata-se do espaço considerado como uma grandeza infinita dada em uma representação que está contida numa infinidade de representações possíveis, ou seja, “todas as partes do espaço existem simultaneamente no espaço infinito”<sup>211</sup>. O espaço é dito ser a intuição *a priori* e não conceito.

O espaço kantiano é uma forma pura da sensibilidade que permite imaginar um espaço sem objetos, no plano das ideias, mas não objetos sem espaço. É a partir da abstração da sensibilidade que podemos afirmar onde todas as coisas estão, ou seja, o espaço gera a ideia de uma sensibilidade desprovida da experiência sensível que constitui uma razão. Isso implica na necessidade de uma comprovação da existência de uma estética transcendental<sup>212</sup>. Em outras palavras, o espaço não é uma determinação que dependa da experiência, mas é condição de possibilidade que fundamenta enquanto representação *a priori* necessariamente limitada e dependente do sujeito. O espaço fornece a condição epistêmica sobre os objetos empíricos e a espacialidade dos fenômenos externos. “O espaço e o tempo, enquanto condições necessárias de toda experiência (externa e interna), são apenas condições meramente subjectivas da nossa intuição”<sup>213</sup>.

Esse exercício também possibilita realizar um deslocamento, mesmo que amistoso, do território kantiano que considera o tempo e o

---

<sup>209</sup> KANT, 1997, p. 68.

<sup>210</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>211</sup> KANT, 1997, p. 66.

<sup>212</sup> KANT, 1997.

<sup>213</sup> Ibidem, p. 83.

espaço como dados *a priori* para o território newtoniano que mantém o olhar para um tempo e espaço absolutos, porém passível de ocorrer relações externas. Newton, na obra *Principia (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural, 1978)*, afirma que “espaço e tempo têm existência independente dos objetos e dos fenômenos físicos”<sup>214</sup>. Existe um só tempo que abarca tudo, ou ainda, que é “o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com nada externo, e também é chamado de duração”<sup>215</sup>. No pensamento newtoniano, o tempo continua sendo uma abstração de caráter universal, portanto, pessoas em diferentes lugares experimentam o tempo do mesmo modo.

O tempo é um dado objetivo do mundo que não depende de características sensíveis, forma uma imagem de um fluxo uniforme, sucessivo, linear, liberto do movimento e que poderíamos representar por uma reta sem sentido determinado, formada por pedaços infinitesimais<sup>216</sup>. No entanto, Newton considera a coexistência de dois aspectos, o *absoluto* e o *relativo*, envolvendo o tempo, o espaço e o movimento. O tempo absoluto é uma pura abstração que se estabelece e permanece em um fluir uniforme envolvendo o universo em sua totalidade. O tempo relativo<sup>217</sup> é a medida do tempo absoluto, ou seja, a medida de duração perceptível e externa (seja ela exata ou não uniforme) que é obtida através do movimento e que é normalmente usada no lugar do tempo verdadeiro, tal como uma hora, um dia, um mês, um ano<sup>218</sup>. O mesmo é válido para o espaço e o movimento, pois ambos podem ser relativos, percebidos e mensuráveis.

A concepção newtoniana insere o tempo como agente que possibilita a existência e a continuidade das coisas que duram. “É um ser que transcende todos os movimentos e é engendrado pelo próprio criador. A alma tem a função de perceber o tempo e medi-lo. O tempo relativo é uma invenção da alma”<sup>219</sup>. Nesse sentido, é possível afirmar que Newton evidencia ser o tempo e o espaço uma criação divina, que embora, represente uma realidade objetiva e perceptível há também a

---

<sup>214</sup> MARTINS; ZANETIC, 2002, p. 41.

<sup>215</sup> NEWTON, 1978, apud Ferreira et. al., 2009, p. 5.

<sup>216</sup> SOUZA; ZANETIC, 2005.

<sup>217</sup> Cabe ressaltar que os estudos de Galileu e Descartes já consideravam a existência do tempo relativo e espaço relativo, dependentes do referencial em relação aos demais objetos.

<sup>218</sup> NEWTON, 1990 apud MARTINS; ZANETIC, 2002, p.41.

<sup>219</sup> SILVA, 2010, p. 172.

inserção da alma, da subjetividade, como criadora de uma realidade relativa. Em outras palavras, a temporalidade habita um tempo quantificado, tempo absoluto, que é invariável, constante, imutável e independe das coisas sensíveis, mas também um tempo qualificado, tempo relativo, que depende das coisas sensíveis e de um referencial passível de ser variável cujo movimento é sujeito as suas deformações.

O tempo e o espaço absolutos são conceitos generalizadores que estão para além da realidade sensível, porém possibilitam explicar os fenômenos com alcance experimental e observacional e consequentemente as leis da física. Assim como o tempo, o espaço newtoniano é único e comporta-se como um receptáculo ilimitado. Trata-se de um espaço vazio, homogêneo, infinito e contínuo que pode ser absoluto ou relativo, a saber, “o espaço absoluto, em sua própria natureza, sem relação com qualquer coisa externa, permanece sempre similar e imóvel. Espaço relativo é alguma dimensão ou medida móvel dos espaços absolutos”<sup>220</sup>. O espaço oferece uma estrutura de referência que possibilita localizar os objetos.

Ambos os pensamentos kantiano e newtoniano<sup>221</sup> foram alvo de muitas críticas. Ao que diz respeito à mecânica de Newton, nomes como Leibniz, Mach e posteriormente, Einstein confrontaram o uso de um tempo absoluto, único e uniforme. “As correções trazidas por Einstein [desenvolvidas na Teoria da Relatividade<sup>222</sup>] para o conceito newtoniano

---

<sup>220</sup> NEWTON, 1990 apud PIAUÍ, 2009, p.28.

<sup>221</sup> Nas palavras de Barreto (2007), o tempo newtoniano estabeleceu uma crença fiel no tempo matemático, absoluto exterior e verdadeiro que permite a sincronização de ações coletivas garantindo à sociedade o “bom senso” nas relações sociais. Desse modo, os sujeitos aceitam o tempo profano [tempo do relógio] em detrimento do sagrado [tempo do indivíduo] sem cultivar a diferença entre eles. Esta característica está diretamente ligada ao desenvolvimento do sistema capitalista global do século XIX. “É o tempo transformado em bem de consumo que negociamos” (BARRETO, 2007, p.20). Isso implica que o tempo do relógio, absoluto, passa a reger as formas de vida em compassos ritmados pelo tique e taque incansável – tempo domesticado - criando assim, um jogo de linguagem temporal inquestionável, ou seja, não pressupõe a transgressão, a subversão, a ruptura dos ponteiros, a existência de tempos outros.

<sup>222</sup> Einstein publicou em 1905 sobre a Teoria da Relatividade Restrita, e só dez anos depois, publica a Teoria da Relatividade Geral que incorpora os fenômenos gravitacionais. No âmbito dessa dissertação não farei distinção e aprofundamentos sobre esses momentos, apenas utilizarei como referência Teoria da Relatividade e suas contribuições para a discussão aqui apresentada.

de tempo ilustram a mutabilidade da ideia de tempo na era moderna<sup>223</sup>. Para Einstein, o tempo se constitui na forma de relação que é mensurável e dependente do sistema de referência do observador implicando na relativização do conceito e, portanto, na introdução da ideia de *dilatação do tempo*<sup>224</sup>. A Teoria da Relatividade modifica os invariantes, considerando assim, a constância da velocidade da luz no vácuo e o tempo relativo.

Einstein colocou o tempo newtoniano em suspeição provocando perturbações no modo de pensar da época, pois em um primeiro olhar as ideias tinham caráter revolucionário e implicava num refinamento matemático necessário à sua compreensão. O tempo relativo “parte de uma derrapagem da experiência sensível para sublimar-se na teoria”<sup>225</sup>, ou seja, tempos diferentes são somente observáveis na velocidade da luz dispensando o alcance sensitivo e a imaginação. Fato este que provocou “uma ameaça à imagem linear do tempo”<sup>226</sup>. Contudo, Einstein reconheceu que o princípio da relatividade seria apenas compatível com a invariância da velocidade da luz se reformulasse as concepções de tempo e espaço e as envolvessem ao problema da gravitação.

Diante da situação concreta da sincronização de trens da malha ferroviária europeia em que se buscava um ajuste dos relógios para uma unificação do tempo e, considerando a variedade de tempos locais que tornava caótica a grade de horários, Einstein definiu uma natureza *múltipla* do tempo como solução do problema. Como isso é possível? O que ocorre para que duas medições de relógios precisos sejam diferentes para diferentes referenciais? Isso foi possível pela introdução da ideia de tempo relativo em que existem diferentes medidas do tempo para diferentes observadores. “Cada sistema de referência (sistema de coordenadas) tem seu tempo próprio”<sup>227</sup>. Nesse momento, Einstein revisa o conceito de simultaneidade.

A Teoria da Relatividade sugere

---

<sup>223</sup> ELIAS, 1998, p.35.

<sup>224</sup> Einstein verificou a dilatação do tempo a partir do paradoxo dos gêmeos idênticos. O paradoxo considera a separação de dois irmãos gêmeos em que um deles parte numa viagem em uma cápsula que trafega com velocidade próxima à da luz. O outro permanece na Terra, seu sistema inercial de referência. Como o tempo do gêmeo que viaja é dilatado em relação ao do que permanece imóvel, quando ele voltar terá envelhecido menos que o irmão.

<sup>225</sup> BARRETO, 2007, p. 35.

<sup>226</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>227</sup> BARRETO, 2007, p. 70.

que o teatro do mundo é uma mistura de espaço e tempo, traduzida na concepção de Minkowski por um espaço a quatro dimensões (três de um espaço ordinário acrescido de uma dimensão temporal). Sendo assim, com a Relatividade Geral, não somente o espaço desapareceria num universo desprovido de matéria, mas também o tempo. Em outras palavras, a matéria *cria* o espaço-tempo.<sup>228</sup>

Einstein possibilitou que essa mistura de espaço e tempo, como medidas não mais independentes entre si, acionasse movimento no e do pensamento para além dos limites da nossa sensibilidade, ao admitir a existência de uma quarta dimensão mesmo sem percebê-la como a unidade espaço-tempo. Uma vez que “espaço-tempo poderia ser entendido como uma unidade sujeita a deformações e encurvamentos pela presença da matéria e da energia”<sup>229</sup>.

O espaço proposto por Einstein lança mão de infinitas formas de coexistência e sucessão, pois configura o princípio da incerteza, sistema aberto de imprevisibilidade, de acontecimentos observáveis a partir de um referencial do observador<sup>230</sup>. Esse fato evidenciou o colapso envolvendo os conceitos de tempo e espaço, pois propõe experiências mentais, como atividade inteligente, que constituem uma intuição – no sentido racional - do universo finito-ilimitado. O desafio ainda é distante de nossa percepção, pois vivemos um anacronismo do tempo de modo que somos atados ao tempo newtoniano<sup>231</sup>.

Os conceitos tempo e espaço sofreram e ainda sofrem metamorfoses imbricadas num constante movimento entre a dança dos ponteiros e o fluir das águas que correm. Destaco uma delas marcada pelo encontro dos pensamentos de Einstein e Bergson ao considerarem a *multiplicidade* do tempo. “Ambos percebem que o tempo newtoniano gira em falso quando, para o primeiro, a velocidade coloca em cheque o conceito de simultaneidade e, para, o segundo, a imobilidade dos instantes desnatura a duração”<sup>232</sup>. Para Bergson, a teoria da Relatividade, mesmo que não a leve absolutamente em conta em suas deduções propriamente científicas, sofre influência filosófica. “Os paradoxos que tanto assustaram alguns, tanto seduziram outros,

---

<sup>228</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>229</sup> VIEIRA, 2003, p. 3.

<sup>230</sup> VIEIRA, 2003.

<sup>231</sup> BARRETO, 2007.

<sup>232</sup> BARRETO, 2007, p.123.

parecem-nos provir daí”<sup>233</sup>. Isso o levou a encarar o desafio de repensar o tempo e o espaço a partir de outro lugar, a filosofia.

Em *Duração e Simultaneidade* (2006), o filósofo problematiza o fato de que a filosofia tradicional e as concepções envolvendo a teoria da Relatividade consideravam o tempo e o espaço como sendo análogos, ou seja, que pudessem ser amalgamados ou interpenetráveis. Em outras palavras, “Bergson não fez da teoria de Einstein um análogo das suas próprias convicções, mas uma janela para a dissolução do misto entre espaço e tempo”<sup>234</sup>. Sua postura evidencia a distinção radical de natureza entre esses conceitos, pois “continuam inalterados, distintos um do outro, incapazes de se misturar salvo por efeito de uma ficção matemática destinada a simbolizar uma verdade física”<sup>235</sup>. Nesse sentido, é possível considerar o tempo e o espaço em dois aspectos: real e virtual, de modo que o real implica ser observado ou observável - um tempo e espaço distintos e separados operando em um sistema -, já o virtual só poderia ser concebido no pensamento - a amálgama de tempo e espaço - que coloca o sistema em movimento, ou ainda, “uma infinidade de amálgamas de Espaço e de Tempo simplesmente pensados, todos eles equivalentes ao Espaço puro e simples, percebido e real”<sup>236</sup>.

Nesse sentido, os fios começam a afrouxar os nós do tempo, pois “a teoria da Relatividade implicará efetivamente a existência de tempos múltiplos, todos no mesmo plano e todos reais”<sup>237</sup>, ou ainda, um tempo comum a todas as coisas e, portanto, passa a ser compatível com os modos de vida humano. Bergson reafirma a ideia de um tempo que é múltiplo e único, finito e ilimitado em conexão com o *tempo vivido*, tempo percebido, tempo criativo, o fluir do tempo, que realiza

o movimento pelo qual saímos da nossa própria duração para afirmarmos a existência de outras durações, mais e menos contraídas que a nossa. Coincidir intuitivamente com o fluxo de um rio ou com o lento desgaste de uma rocha é captar o

---

<sup>233</sup> BERGSON, 2006, p.8.

<sup>234</sup> BARRETO, 2007, p. 15.

<sup>235</sup> BERGSON, 2006, p.194.

<sup>236</sup> Ibidem, p.190.

<sup>237</sup> Ibidem, p.34.

tempo que a inteligência só pode conceber enquanto uma medida.<sup>238</sup>

Além do tempo que conta os instantes e marca as simultaneidades, o interesse do filósofo está em apreciar o tempo que passa, que escoo durante os intervalos, o que pode ser percebido, os diferentes ritmos, um tempo que dura.

Bergson considera o tempo em termos de duração, sucessão, intuição e simultaneidade. A duração é concebida pela “continuação do que não é mais no que é”<sup>239</sup>. Eis aí o tempo real, ou seja, percebido e vivido<sup>240</sup>. O tempo que dura (duração) não é mensurável, mas, sobretudo é o que só se divide mudando de natureza e somente se deixa medir variando de princípio métrico a cada estágio da divisão. O filósofo o compara quando assistimos a um movimento muito rápido - como o de uma estrela cadente - distinguimos muito nitidamente a linha de fogo, divisível à vontade, da indivisível mobilidade que ela subentende: essa mobilidade é pura duração, dividimos o desenrolado (tempo mensurável), mas não o desenrolar (duração pura). A duração é o *virtual*, é a coexistência de diversos tempos. Mais precisamente é o virtual à medida que se atualiza, que está em vias de atualizar-se, inseparável do movimento de atualização que cria linhas de diferenciação que correspondem a suas diferenças de natureza<sup>241</sup>.

A medida do tempo pelo movimento é percebida porque nós mesmos somos capazes de realizar movimentos seja pela sensação muscular que dura ou pela percepção visual que descrevem uma trajetória e criam para si um espaço. Assim, a ininterrupção do desenrolar é distinta do rastro divisível deixado no espaço, o qual também é da ordem do desenrolado. “Ele se divide e se mede porque é espaço. O outro é duração. Sem o desenrolar contínuo, não haveria mais que espaço, e um espaço que, não subtendendo mais uma duração, não representaria mais o tempo”<sup>242</sup>. Contudo, para além do movimento

---

<sup>238</sup> BARRETO, 2007, p. 112.

<sup>239</sup> Existe aí como que uma posição fundamental do tempo, e também o mais profundo paradoxo da memória: o passado é “contemporâneo do presente que ele foi” (DELEUZE, 2012, p. 49-50). Isso implica que o passado e presente são coexistentes em diferentes níveis de contração, ou seja, “*devemos reconhecer que o próprio presente é somente o mais contraído nível do passado*” (ibidem, p.64, grifo do autor).

<sup>240</sup> BERGSON, 2006, p. 57.

<sup>241</sup> DELEUZE, 2012.

<sup>242</sup> BERGSON, 2006, p. 59.

sentido pelo próprio corpo temos de forma mais ampla o movimento da Terra, que influenciou que as horas fossem estabelecidas, como o *desenrolar do tempo*. Isso significa que “o tempo nos aparecerá como o desenrolar de um fio, ou seja, como o trajeto do corpo móvel encarregado de contá-lo. Teremos medido, diremos nós, o tempo desse desenrolar e, por conseguinte, também o do desenrolar universal”<sup>243</sup>.

A famosa fórmula de Bergson diz: “*devo esperar que o açúcar se dissolva*” é provocativa e aciona uma duração, um ritmo de duração, uma maneira de ser no tempo que potencializa o pensamento sobre o tempo da época. Possibilita assim, um estado de espera, de pausa, de um possível silenciamento dos ponteiros, que acionam experiências do tempo criativo. Isso significa que “minha própria duração, tal como eu a vivo, por exemplo, na impaciência das minhas esperas, serve de revelador para outras durações que pulsam com outros ritmos, que diferem por natureza da minha”<sup>244</sup>. Para o filósofo, podemos perceber durações tão numerosas quanto queiramos, todas muito diferentes umas das outras, pois a duração não é somente experiência vivida<sup>245</sup>, mas também experiência ampliada ou ultrapassada de nossa sensibilidade torna-se condição da experiência. “É preciso que as coisas durem à sua maneira”<sup>246</sup>.

Afinal, a duração é uma ou várias? Bergson coloca a seguinte questão: “Quando estamos sentados à beira do rio, o escoamento da água, o deslizamento de um barco ou o vôo de um pássaro e o murmúrio ininterrupto de nossa vida profunda são para nós três coisas diferentes ou uma só, como quisermos”<sup>247</sup>. A explicação está no poder da nossa atenção em repartir-se sem se dividir, mais especificamente no poder da duração ser uma e várias. Aqui mora a ideia bergsoniana de *simultaneidade*. “O escoamento da água, o vôo do pássaro e o murmúrio de minha vida formam três fluxos; mas eles são isso apenas porque minha duração é o fluxo entre eles e também o elemento que contém os dois outros”<sup>248</sup>. No entanto, apenas dois fluxos, por exemplo, não

---

<sup>243</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>244</sup> DELEUZE, 2012, p. 26.

<sup>245</sup> A duração também é memória, é vida, entendida como sendo as lembranças um fundo de percepção imediata e, por contrair também uma multiplicidade de momentos.

<sup>246</sup> DELEUZE, 2012, p. 42.

<sup>247</sup> BERGSON, 2006, p.61.

<sup>248</sup> Ibidem, p.70.

poderiam ser simultâneos se não estivessem contidos em um mesmo e terceiro fluxo, ou seja, há uma triplicidade fundamental de fluxos.

Desse modo, é a simultaneidade entre dois instantes ou fluxos exteriores que faz com que possamos medir o tempo, mas é a simultaneidade desses momentos com momentos marcados pela nossa duração interna que faz com que essa medida seja uma medida de tempo. Em outras palavras, “medir tempo é enumerar simultaneidades”<sup>249</sup>. O mesmo ocorre quando consideramos o passado, o presente e o futuro, pois o tempo se desenrola no presente vivido, presente vivo, e nele pertencem o passado e o futuro, em caráter de coexistência em diferentes níveis de contração. “O passado, na medida em que os instantes precedentes são retidos na contração; o futuro, porque a expectativa é antecipação nesta mesma contração”<sup>250</sup>.

O tempo bergsoniano é o que há de mais real e necessário. É a própria ação; a obrigação de vivê-lo, a impossibilidade de alguma vez saltar o intervalo de tempo por vir que é sempre imprevisível e indeterminando<sup>251</sup>. Um tempo situado no *fluxo mudadiço* que se vive como

uma melodia que ouvimos de olhos fechados, pensamos apenas nela, está muito perto de coincidir com esse tempo que é a própria fluidez de nossa vida interior; mas ainda tem qualidades demais, determinação demais, e seria preciso começar a apagar a diferença entre os sons, e depois abolir as características distintivas do próprio som, conservar dele apenas a continuação do que precede no que se segue e a transição ininterrupta, multiplicidade sem divisibilidade e sucessão sem separação, para encontrar por fim o tempo fundamental. Assim é a duração imediatamente percebida, sem a qual não teríamos nenhuma ideia do tempo.<sup>252</sup>

O tempo fundamental do tempo é real no qual os instantes se ausentam para converterem o tempo em espaço, pois “embora uma duração não tenha instantes, uma linha termina em pontos”<sup>253</sup>.

<sup>249</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>250</sup> DELEUZE, 1988, p.75.

<sup>251</sup> BERGSON, 2006.

<sup>252</sup> Ibidem, p.51-52.

<sup>253</sup> Ibidem, p. 62.

A instantaneidade produz a continuidade do tempo real como duração e um tempo espacializado, antes espaço que tempo, que tornou-se uma linha simbólica do tempo, descrita por um movimento, que comporta pontos, ricocheteia no tempo real e faz nele surgir o instante<sup>254</sup>, ou seja, permite medir qualquer intervalo de tempo. “Embora a operação [duração, tempo, movimento, instantaneidade] pareça científica, ela é natural ao espírito humano; nós a praticamos instintivamente. Sua receita está depositada na linguagem”<sup>255</sup>. Uma vez que naturalmente se divide o tempo espacializado em partes que correspondem a espaços iguais e que são iguais por definição, estabelecendo em cada ponto de divisão uma extremidade de intervalo, um instante, como sendo unidade de tempo o próprio intervalo. Ainda que a ciência opere exclusivamente com medidas na contagem dos instantes e na percepção de simultaneidades, continua sem o domínio sobre o que se passa nos intervalos<sup>256</sup>. “O intervalo sempre lhe escapa”<sup>257</sup>.

Na perspectiva bergsoniana, falar em duração real nada mais é do que experimentar e constatar que o tempo se desenrola e, não é mensurável sem ser convertido em espaço. Esse fato chamou a atenção de Bergson para se deslocar e verificar em que espaço isso acontece levando a afirmar: “habito um espaço de três dimensões [passível de nossa experiência]; e, quando concedo a tais ou quais filósofos que poderia muito bem haver uma quarta, digo algo que talvez seja absurdo em si [não corresponde com nenhuma realidade], embora matematicamente concebível”<sup>258</sup>. Fato este sugerido pela ciência e linguagem de que uma quarta dimensão de espaço é aludida por qualquer espacialização do tempo assim como “as equações de Lorentz parecem traduzir: para situar um ponto, torna-se necessário aqui indicar explicitamente sua posição no tempo assim como no espaço”<sup>259</sup>. Mais tarde, constituído pela teoria da Relatividade onde o tempo e o espaço estariam entrelaçados em uma dimensão adicional, uma quarta dimensão.

A preocupação de Bergson não está em construir uma teoria sobre o espaço, mas simplesmente constatar, a partir da teoria da

---

<sup>254</sup> BERGSON, 2006.

<sup>255</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>256</sup> BERGSON, 2006.

<sup>257</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>258</sup> BERGSON, 2006, p. 177.

<sup>259</sup> Ibidem, p. 166-167.

Relatividade que propõe a inserção do espaço-tempo, a introdução de um meio de quatro dimensões que reuniria tempo e espaço, ou seja, as relações entre um tempo espacializado e a espacialização do tempo. Uma vez que a medida do tempo é

a tendência a esvaziar seu conteúdo num espaço de quatro dimensões onde passado, presente e futuro estariam justapostos ou superpostos desde todo o sempre. Essa tendência exprime simplesmente nossa incapacidade de traduzir matematicamente o próprio tempo, a necessidade que temos de substituí-lo, para medi-lo, por simultaneidades que contamos: essas simultaneidades são instantaneidades; não participam do tempo real, elas não duram. São simples visões mentais, que balizam com paradas virtuais a duração consciente e o movimento real, utilizando para isso o ponto matemático que foi transportado do espaço para o tempo.<sup>260</sup>

Medir o tempo, portanto, é medir o espaço que por sua vez, é homogêneo, vazio e permite a representação de instantes presentes. Contudo, o espaço aniquila a duração como sendo aquilo que passa e dura, que une a sucessão na indistinção qualitativa.

O espaço é o que nos permite distinguir entre si várias sensações idênticas e simultâneas agindo como um princípio de diferenciação. Assim, é no e pelo espaço que se efetua distinções nítidas, contagem, abstração, e também fala<sup>261</sup>. Além disso, “se o espaço se tem de definir como homogêneo, parece que inversamente todo o meio homogêneo e indefinido será espaço”<sup>262</sup>. A homogeneidade consiste na ausência de qualidade, pois duas formas de homogeneidade não se distinguiriam uma da outra. O tempo e o espaço são tão distintos que o tempo se eclipsa, deixando apenas espaço, porém essa realidade pode ser reconstituída virtualmente - por um espaço virtual e um tempo virtual - em um sistema criado pela infinidade de amálgamas de tempo e espaço pensados pelo observador de modo que todos eles são equivalentes ao espaço puro e simples, percebido e real<sup>263</sup>. Contudo, é

---

<sup>260</sup> Ibidem, p.71.

<sup>261</sup> BERGSON, 1988.

<sup>262</sup> BERGSON, 1988, p. 71.

<sup>263</sup> BERGSON, 2006.

possível “associá-los em um contínuo de quatro dimensões: é o que todos fazemos, de modo mais ou menos confuso, quando espacializamos o tempo, e o espacializamos sempre que o medimos. Mas, espaço e Tempo permanecem então invariantes separadamente”<sup>264</sup>. Isso significa que em um domínio misto em que o tempo efetua interferências no espaço e vice e versa, tendo a simultaneidade como intersecção entre ambos.

Considerar o espaço como sendo uma forma de conhecimento implicou que não só os corpos estão no espaço, mas também que o espaço está nos corpos, ou seja, o espaço não pode ser identificado simplesmente ao meio ou lugar que abriga os corpos e suas qualidades, mas é também componente daquilo que os define. É no espaço que os números são constituídos como “intuição de uma multiplicidade de partes e de unidades, absolutamente parecidas umas com as outras”<sup>265</sup>. Para Bergson, não basta dizer que a noção de número é uma coleção de unidades, pois se acrescenta a multiplicidade das unidades de um todo que lhes são idênticas como, por exemplo, a contagem de ovelhas de um rebanho é facilmente realizada embora o pastor não considere as particularidades de cada ovelha. Isso implica no fato de que ao considerar as particularidades de objetos ou indivíduos é possível apenas enumerar, mas não somar uma multiplicidade de partes<sup>266</sup>. Esta justaposição acontece no espaço e não na pura duração ou ainda, “a ilusão constitui aqui o hábito adquirido de contar, parece-nos, mais no tempo do que no espaço”<sup>267</sup>. Estabelece-se o entrelaçamento de uma noção de número e uma visão de espaço.

A proposta de espacialidade bergsoniana apresenta além da multiplicidade numérica - que diz respeito aos objetos materiais passíveis de serem vistos, tocados, enumerados e, portanto, cabíveis de representação imediata - uma outra multiplicidade não-numérica que evidencia os atos da consciência, sensações, como representação mediata ou simbólica no espaço e, deixam de ser qualidades puras para tornarem-se quantidades, ou seja, intensidades<sup>268</sup>. No espaço não existe duração, nem mesmo sucessão, pois “cada um dos estados ditos sucessivos do mundo exterior existe só, e a sua multiplicidade só tem realidade para um consciência que é capaz, primeiramente, de os

---

<sup>264</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>265</sup> BERGSON, 1988, p. 58.

<sup>266</sup> BERGSON, 1988.

<sup>267</sup> Ibidem, p.59.

<sup>268</sup> BERGSON, 1988.

conservar, e de os justapor, e a seguir, exteriorizando-os relativamente uns aos outros”<sup>269</sup>.

Os conceitos bergsonianos de tempo e de espaço ganharam visibilidade não só porque problematizava a teoria da Relatividade de Einstein, mas por se aproximar de um tempo sensível, possível de ser captado e até mesmo espacializado. Introduzia, também, a ruptura, mesmo que não absoluta, do tempo newtoniano, passando a considerar não mais como uma linha linear ou circular, mas uma grande “teia” com caráter fluído e múltiplo tal como é a própria vida. Seu posicionamento inspirou muitos outros filósofos, a saber, Gilles Deleuze que após estudar as contribuições bergsonianas e a partir da retomada do tempo *aión* elaborou sínteses envolvendo o tempo na perspectiva da diferença. Desse modo, busco o tempo e o espaço deleuziano considerando sua expressividade que nos afeta na contemporaneidade e faço dele o meu ponto de parada. Em outras palavras, recorro a Deleuze para uma leitura outra que se insere no círculo do tempo, em um *eterno retorno*<sup>270</sup>, envolvendo os tempos *cronos* e *aion* que nos constituem enquanto ser e, mais adiante, nas contribuições que dizem respeito ao espaço liso e espaço estriado.

Para Deleuze, o tempo é constituído por um emaranhado que é informal, plástico e se movimenta de forma difusa, anti-linear, rizomática, é um modelo espiralado de tempo que ocorre por saltos com acelerações e diminuições de velocidade. Compõe outra modalidade de temporalidade que faz com que o tempo avance por outras trajetórias. A saber,

O tempo não sai do presente, mas o presente não deixa de mover-se por saltos que se imbricam uns nos outros. É este o paradoxo do presente: constituir o tempo, mas passar neste tempo constituído. Não devemos recusar a consequência necessária: *é preciso um outro tempo em que se opera a primeira síntese do tempo.*<sup>271</sup>

O tempo se desenrola no presente, um presente vivido, *presente vivo*, no qual não precisa sair de si para ir do passado ao futuro, pois o passado é

---

<sup>269</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>270</sup> O uso do termo *eterno retorno* de Nietzsche é uma das referências utilizadas por Deleuze. Contudo, as obras de David Hume e Henri Bergson tiveram grande influência no pensamento deleuziano.

<sup>271</sup> DELEUZE, 1988, p. 141, [grifo do autor].

a contração do presente e o futuro a expectativa da antecipação desta mesma contração. “Vai do passado ao futuro no presente; portanto, do particular ao geral, e, assim, orienta a flecha do tempo”<sup>272</sup>.

As três sínteses do tempo propostas por Deleuze, em *Diferença e Repetição* (1988), discutem a triplicidade de sua natureza. A primeira delas considera o presente que passa como fundação do tempo, o solo movente. A segunda considera o presente que passa e se apropria como sendo o fundamento do tempo, avalia o solo. A terceira síntese considera que é no presente que o tempo se desenrola deixando de ser cardinal para torna-se ordinal, uma pura *ordem* do tempo geradora do novo. O tempo presente desdobrou-se, despregou-se, multiplicou-se em trajetórias tão dissímeis que o tempo (conhecido) torna-se insuficiente para reconhecer a si mesmo<sup>273</sup>. “O tempo é, a cada tempo, nômade de si mesmo e em si mesmo”<sup>274</sup>.

Na obra *A Lógica do Sentido* (2009), Deleuze, após as considerações envolvendo passado-presente-futuro, retoma a discussão sobre o tempo *cronos* e o tempo *aion* considerando-os como duas dimensões do tempo. Ao questionar sobre um tempo que não precisa ser infinito, mas somente infinitamente subdivisível, o filósofo evidenciou *aion* como sendo o tempo capaz de potencializar o pensamento. Uma vez que, “o passado, o presente e o futuro não eram em absoluto partes de uma mesma temporalidade, senão que formavam duas leituras do tempo, cada uma completa e excluindo a outra”<sup>275</sup>. A primeira leitura se refere ao *cronos* que considera a existência do presente sendo sempre limitado, mas infinito porque é cíclico, eterno retorno físico, e, agente de medida da ação dos corpos. “Há sempre um mais vasto presente que absorve o passado e o futuro”<sup>276</sup>. A segunda se refere ao *aion* que considera somente o passado e o futuro subsistentes e são ilimitados como recolhedores dos acontecimentos incorporais enquanto efeitos.

O tempo torna-se cambiante entre a existência do presente que contrai o passado e o futuro – *presente vivo* – e a complementaridade infinita do passado e do futuro em um presente. Para Deleuze, são “*dois tempos, dos quais um não se compõe senão de presentes encaixados* [um enrolamento de presentes relativos] *e o outro não faz mais do que*

---

<sup>272</sup> DELEUZE, 1988, p. 129

<sup>273</sup> SKLIAR, 2003.

<sup>274</sup> *Ibidem*, p.41.

<sup>275</sup> DELEUZE, 2009, p. 61.

<sup>276</sup> *Ibidem*, p.167.

*se decompor em passado e futuro alongados*”<sup>277</sup>. Enquanto o tempo *cronos* aprisiona, depende da matéria que o limita, o outro, o tempo *aion*, é o incorporeal que se desenrolou, independente da matéria. “*Aion* em linha reta e forma vazia é o tempo dos acontecimentos-efeitos”<sup>278</sup>. Podemos considerar, também, que “cada acontecimento sobre o *aion* é menor que a menor subdivisão no *cronos*; mas é também maior que o maior divisor de *cronos*, isto é o ciclo inteiro”<sup>279</sup>. O acontecimento é ao mesmo tempo o menor e o mais longo do tempo contínuo pensável, pois está entre a divisão do passado próximo e o futuro iminente e, as constantes subdivisões de *aion*, a linha reta ilimitada.

Assim como Deleuze revisita as questões envolvendo o tempo *cronos* e o tempo *aion* evidenciando suas potencialidades também se debruça – juntamente com Guattari – a investigar as condições do espaço que abriga o tempo. O espaço é dito ser liso (espaço nômade) e estriado (espaço sedentário) sendo que “os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”<sup>280</sup>. As passagens de um espaço ao outro estão atreladas pelo movimento que os diferenciam, de forma complexa, e possibilita as misturas de fato. Em ambos os espaços existem pontos, linhas e superfícies e, portanto, paradas e trajetos, porém carregam especificidades, ou seja, “no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm tendência a ficar subordinado aos pontos: vai-se de um ponto ao outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto”<sup>281</sup>, pois é o trajeto que provoca a parada onde o intervalo acontece nos valores rítmicos, o que passa entre os pontos. No espaço estriado tem-se uma superfície fechada em que os intervalos são determinados, já no espaço liso distribui-se em espaço aberto conforme as frequências e ao longo dos percursos.

O espaço liso é amorfo, informal, não homogêneo, possui um caráter direcional e, portanto, não dimensional ou métrico. Assim, a linha é um vetor, uma direção que se constitui de modo “mutante sem fora nem dentro, sem forma nem fundo, sem começo nem fim, tão viva quanto uma variação contínua, é verdadeiramente uma linha abstrata”<sup>282</sup>.

---

<sup>277</sup> DELEUZE, 2009, p.65.

<sup>278</sup> Ibidem, p.65.

<sup>279</sup> Ibidem, p.66.

<sup>280</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 180.

<sup>281</sup> Ibidem, 1997, p. 184.

<sup>282</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.210.

Esse espaço é ocupado por acontecimentos ou hecceidades muito mais do que coisas formadas e percebidas, ou ainda, ocupado pelas intensidades, as forças e as qualidades tácteis e sonoras – ventos, ruídos, estalido do gelo e canto das areias -, é um espaço de afectos, mais do que de propriedades<sup>283</sup>. Trata-se de um espaço mais intensivo que evidencia distâncias do que extensivo que fixa medidas. Deleuze e Guattari (1997) afirmam que o espaço liso é uma multiplicidade que muda de natureza ao dividir-se, pois as distâncias se modificam constantemente, não param de se metamorfosear. Desse modo, o espaço liso só remete “a uma geometria menor, puramente operatória e qualitativa, onde o cálculo é necessariamente muito limitado, onde as operações locais sequer são capazes de uma tradutibilidade geral, ou de um sistema homogêneo de referência”<sup>284</sup>. Para os filósofos, traduzir consiste em domar, sobrecodificar, metrificar o espaço liso, neutralizá-lo, mas incide também em proporcionar-lhe um meio de propagação, de extensão, de refração, de renovação e de impulso que escapam de seu estriamento. Assim, o número<sup>285</sup> que se distribui no espaço liso possui uma forma articulada, nômade, direcional e ordinal na qual o estatuto científico é privado. Existe uma correlação que constitui a ciência maior entre a geometria e a aritmética, a geometria e a álgebra no âmbito das multiplicidades métricas. Nesse caso, o espaço liso pertence a uma ciência menor em que existe a independência de uma geometria analfabeta, amétrica que torna possível que a função do número não seja medir grandezas no espaço estriado ou a se estriar<sup>286</sup>.

O número é em si mesmo o que se desloca no espaço liso, *número numerante*, remetendo a uma organização aritmética autônoma, móvel, rítmico, direcional onde opera sobre diferentes bases ao mesmo tempo. “O número torna-se sujeito. A independência do número em relação ao espaço não vem da abstração, mas da natureza concreta do espaço liso, que é ocupado sem ser ele mesmo medido”<sup>287</sup>. Isso implica que o *número numerante* também chamado, por Deleuze e Guattari, de nômade ou de guerra, é sempre complexo e articulado e sua distribuição

---

<sup>283</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997.

<sup>284</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>285</sup> Segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 192), “o número é o correlato da métrica: as grandezas só estriam o espaço remetendo a números e, inversamente, os números chegam a exprimir relações cada vez mais complexas entre grandezas, suscitando por essa via espaços ideais que reforçam a estriagem e a tornam coextensiva a toda a matéria”.

<sup>286</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997.

<sup>287</sup> Ibidem, 1997, p. 65.

acontece de modo heterogêneo em um espaço livre. Por outro lado, “é certo que o número é o correlato da métrica: as grandezas só estriam o espaço remetendo a números e, inversamente, os números chegam a exprimir relações cada vez mais complexas entre grandezas”<sup>288</sup>, ou seja, existe o *número numerado* que remete ao espaço estriado. Uma vez que estriado é o que entrecruza fixos e variáveis, ordena, organiza a matéria e impõe qualidades visuais mensuráveis que derivam dele.

“O espaço estriado é definido pelas exigências de uma visão distanciada: constância da orientação, invariância da distância por troca de referenciais de inércia, junção por imersão num meio ambiente, constituição de uma perspectiva central”<sup>289</sup>. Um espaço homogêneo capaz de ser transmitido a toda parte, de estruturar e formalizar as dimensões assim como estriar todo o espaço em todas as direções. A força gravitacional está na base de um espaço estriado, pois “ela condiciona precisamente as multiplicidades ditas métricas, arborescentes, cujas grandezas são independentes das situações e se exprimem com a ajuda de unidades ou de pontos (movimentos de um ponto a outro)”<sup>290</sup>.

Trata-se de um espaço que aspira à universalidade e impõe os critérios de verdade conferindo, assim, o que é dito ser real. Nesse sentido, é tanto limitado no que diz respeito às direções constantes e as divisões por fronteiras quanto limitante ao envolver limites próprios, *uma muralha sem ser fronteira*, que determina como o espaço estriado se relaciona com o espaço liso que o contém cujo crescimento freia ou impede, e que ele restringe ou deixa de fora<sup>291</sup>. É um espaço que é métrico, estruturado, ordenado e delimitado de modo a inferir medidas sobre o mundo como, por exemplo, o tecido composto por um espaço estriado com tramas sólidas e flexíveis cujas linhas são colocadas a operar numa estriagem que visa à anulação dos espaços lisos. Muito embora exista o abraçamento entre o espaço estriado e o espaço liso que instiga potencialidades criadoras e linhas de fuga.

Para Deleuze e Guattari (1997), o mar é o espaço liso por excelência – *arquétipo de todos os espaços lisos* - e, contudo, é o que

---

<sup>288</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 67.

<sup>289</sup> Ibidem, p. 205.

<sup>290</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>291</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997.

mais cedo se viu conformado às exigências de uma estriagem<sup>292</sup> produzida pela e na navegação cada vez mais estrita que o tomava progressivamente e o esquadrinhava aqui ou ali, de um lado, depois do outro. Isso ocorreu porque,

o espaço marítimo foi estriado em função de duas conquistas, astronômica e geográfica: o *ponto*, que se obtém por um conjunto de cálculos a partir de uma observação exata dos astros e do sol; o mapa, que entrecruza meridianos e paralelos, longitudes e latitudes, esquadrinhando, assim, regiões conhecidas ou desconhecidas.<sup>293</sup>

Nessa perspectiva, “há uma navegação nômade empírica e complexa que faz intervir os ventos, os ruídos, as cores e os sons do mar”<sup>294</sup>. Muito embora tenha sido domesticada, ordenada, estriada, fixada e com direções constantes. É no mar que o espaço liso e estriado se misturam.

O mar é um lugar em que “não só vai do liso ao estriado, mas reconstitui um espaço liso, torna a produzir liso ao final do estriado”<sup>295</sup>. Deleuze e Guattari (1997) recorrem ao pensamento de Virilio ao considerar o mar como sendo o lugar do *fleet in being*<sup>296</sup> que em vez de estriar o espaço, ele é ocupado com um vetor de desterritorialização em movimento perpétuo. Não se trata de ir de um ponto ao outro, de uma travessia de um lugar ao outro, de uma margem a outra, mas que o espaço é constituído a partir de um ponto qualquer. O *fleet in being* cria um deslocamento que suspende a determinação no tempo e no espaço.

Os filósofos enfatizam a dificuldade de perceber a oposição “liso-estriado”, pois remete a complicações, alternâncias e superposições. Só assim confirmam a distinção, justamente porque

---

<sup>292</sup> Deleuze e Guattari (1997) evidenciam que o mar foi também o arquétipo de todas as estriagens do espaço liso sejam elas estriagens do deserto, do ar e da estratosfera.

<sup>293</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 186, [grifo dos autores].

<sup>294</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>295</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>296</sup> “O *fleet in being* é a presença permanente em mar de uma frota invisível, que pode golpear o adversário em qualquer lugar e a qualquer momento (...), é uma nova ideia da violência que já não nasce do afrontamento direto, porém de propriedades desiguais dos corpos, da avaliação das quantidades de movimentos que lhes são permitidas num elemento escolhido, da verificação permanente de sua eficiência dinâmica” (VIRILIO, 1996, apud DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 62).

colocam em jogo movimentos dissimétricos e modos de espacialização. A questão colocada “é que as diferenças não são objetivas; pode-se habitar os desertos, as estepes ou os mares de um modo estriado; pode-se habitar de um modo liso inclusive as cidades, ser um nômade das cidades”<sup>297</sup>. Ser nômade, não requer necessariamente movimento e migração, pelo simples fato de manter um espaço liso e recusar abandoná-lo, uma espécie de viagem no mesmo lugar como sendo o nome de todas as intensidades. Pensar é viajar e, viajar de modo liso é um devir difícil e incerto<sup>298</sup>. “Não se trata de voltar à navegação pré-astronômica, nem aos antigos nômades. É hoje, e nos sentidos os mais diversos, que prossegue o afrontamento entre o liso e o estriado, as passagens, alternâncias, e superposições”<sup>299</sup>.

Em síntese, podemos pensar o espaço, inspirados na perspectiva deleuzeguattariana, como sendo uma “dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de histórias-até-agora. O espaço como a dimensão de uma multiplicidade de durações”<sup>300</sup>. Um espaço aberto e contínuo como produto de inter-relações que estão sempre em processo, ou seja, “há sempre conexões *ainda a fazer*, justaposições ainda a florescer em interações, ou não, elos potenciais que podem jamais ser estabelecidos. Resultados imprevisíveis e histórias em curso”<sup>301</sup>.

Diante disto elaboro uma suspensão para retomar os deslocamentos de pensamentos envolvendo os conceitos tempo e espaço, pois *o tempo passou em desabitual demora*:

Nessa noite, ele [meu avô] me explicou suas escondidas razões. Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi. No mais ou menos, ele falou assim: *nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá*

---

<sup>297</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 189.

<sup>298</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997.

<sup>299</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 190.

<sup>300</sup> MASSEY, 2009, p. 49.

<sup>301</sup> Ibidem, p. 161.

*nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.*<sup>302</sup>

Os olhos se abrem para os diferentes tempos e espaços que nos habitam e que habitamos. O tempo para Platão é um *tempo-eternidade*, móvel entre *ser ou não ser*. Ao olhar dos gregos há dois tempos: *cronos*, um tempo sucessivo (tic-tac, tic-tac...) e, *aion* um *tempo-sem-tempo*. O espaço platônico é comparado a um receptáculo que abriga todos os objetos e assim sendo é não vazio, homogêneo, amorfo, passivo e desacompanhado de sensações. Contudo, é dinâmico, vivo, em suas relações ao ser colocado em movimento e, portanto, apreendido pelo intelecto. Aristóteles, uma alma que conta, considerou o movimento do tempo segundo o *antes-depois* guiado pelo *eterno gora* (tempo presente) que o delimita. Assim, o espaço ao qual se insere o tempo é pensado como o lugar onde existem os acontecimentos. Portanto, longe de ser vazio, o lugar é em si mesmo e exerce influência sobre as coisas. Kant nos ensina o *tempo-intuição e espaço-intuição*, a partir de um olhar sensível, *a priori*, necessários a toda experiência (tanto interna quanto externa). São condições subjetivas da nossa intuição e inerentes ao sujeito. Newton, por sua vez, paralisou o olhar para o *tempo-absoluto* e *espaço-absoluto* que estão para além de uma realidade sensível, porém tateia cegamente o *tempo-relativo* e *espaço-relativo* como sendo medidas do *absoluto*. Assim, tanto o tempo quanto o espaço newtoniano são passíveis de propriedades que os quantificam e qualificam.

Einstein viu o *tempo-relativo* como a potência da multiplicidade do tempo, ou seja, a possibilidade da dilatação do tempo. Fato este que gerou a mistura de espaço e tempo na constituição do mundo, mais especificamente, espaço-tempo: três dimensões de um espaço ordinário acrescido de uma dimensão temporal. Neste amálgama, entre a física e a filosofia, surge Bergson que, desestabilizando os modos de pensar, nos ensina a ver o *tempo-vivido*, um tempo que flui e uma duração que pode ser uma e várias simultaneamente. O tempo descreve diferentes trajetórias criando um espaço para estar, pois medir o tempo é medir o espaço. Para encerrar o ciclo, Deleuze re-visita temporalidades outras na relação *passado-presente-futuro* e nos faz soltar as amarras do tempo. Do mesmo modo, evidencia possibilidades outras para habitar o espaço de um modo liso e/ou estriado.

Nesse pântano todo, *enquanto remava um demorado regresso e, mesmo não entendendo tudo*, o tempo foi e ainda é ora *cronos* que rege,

---

<sup>302</sup> COUTO, 2012, p.13.

regula, aprisiona, cega, violenta e, ora *aion* que dura, vive, flui, multiplica, acontece e afeta. No entanto, o tempo não escapa de estar “abraçado” com o espaço que pode ser liso e/ou estriado, pois assim “repousa o caráter vívido [liveliness] do mundo”<sup>303</sup>, embora sejam considerados invariantes e separáveis. “Não existe nada humano fora do tempo e não existe nenhum tempo fora do humano. Entretanto: existe um único tempo dentro do humano e um único humano dentro do tempo? Com certeza, não”<sup>304</sup>. Assim, inspirada pela multiplicidade do tempo e do espaço sigo com o desenrolar do fio com a seguinte inquietação: Como o tempo e espaço habitam os jogos de linguagem entre os pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS?

---

<sup>303</sup> MASSEY, 2019, p. 90.

<sup>304</sup> SKLIAR, 2003, p. 39.



*Jogando com os Camaradas D'água*



## *Jogando com os Camaradas D'água*

A água e o tempo são irmãos gêmeos nascidos do mesmo ventre<sup>305</sup>.

“*Onda cá*” e “*onda lá*” tiquetacam o tempo da pesca artesanal realizada pelos *pescador-maricultor*, *pescador-temporário*, *pescador-tarrafa* e *pescador-caíco*. Estes são os *Camaradas D'água*<sup>306</sup> que compõem essa dissertação, eles *ficam peixe de manhã, de madrugada, ficam toda hora que for*. Nas águas de Santo Antônio de Lisboa, Barra da Lagoa (ambos em Florianópolis/SC), Barra do Tramandaí e Tiroleza (ambos em Tramandaí/RS) o tempo corre, escorre, flui, dura, inicia, acaba, recomeça, sopra, ilumina, escurece, aumenta, diminui e suspende. Ele é ora maré alta, ora maré baixa, mas pode ser também espera, intensidade, remanso e, até de lua cheia. O tempo é constituído, *vivido*, com e nos territórios da pesca artesanal. O tempo é peixe.

Considerando que “*o mar está pra peixe*”, embarco nessa aventura de viver um tempo outro e habitar um espaço liso que se deixa estriar para contar sobre e com esses pescadores artesanais como o tempo e o espaço acontecem na pesca. Para isso recorro às linhas e agulhas teóricas bergsonianas, deleuzianas e guattarianas para costurar as tarrafas e redes que são lançadas ao encontro de um possível entendimento sobre o tempo e o espaço, e ainda, evidenciar os diferentes jogos de linguagem em que uma racionalidade da divisão do tempo, e, posteriormente do espaço, emergem no e para os territórios de pesca vividos pelos *Camaradas D'água*. Desse modo, para organizar as próximas linhas de escrita apresento as vozes, os jogos de linguagem, dos pescadores de cada lugar pesquisado. Em seguida, desejo emaranhar essas mesmas linhas em semelhanças de família e/ou descontinuidades.

---

<sup>305</sup> COUTO, 2012, p. 14.

<sup>306</sup> O uso do termo camarada é empregado, aqui, de forma carinhosa e respeitosa como sinônimo de amigo. Foi também inspirado pela música *Camarada D'água* composta por Fernando Anitelli e Danilo Souza, presente no álbum *Recombinando Atos (2013)*, interpretada pelo grupo Teatro Mágico. A versão completa está disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/camarada-dagua.html>>. Acesso em: 17. set. 2015.

## *Maré alta, maré baixa, o tempo da pesca*

As águas calmas de Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC, inibem as ondas, mas nem por isso deixam de se movimentar. O vai e vem da água em direção à terra está em sintonia com o vai e vem do *pescador-maricultor* em direção à água, ao encontro dos peixes e, por vezes, das ostras. Trata-se de um jogo que une a água (maré), o vento, o céu e a lua gerando *condições de possibilidades* para a prática da pesca artesanal. Com as idas ao *mar-lagoa*, pude aos poucos perceber como acontece esse movimento na água, pois o que parece apenas balançar e “barulhar” insere enunciados que ativam os modos de pensar e agir do *pescador-maricultor* e que, portanto, se estende para os demais *pescadores-maricultor* que ali pescam. Sinais como a faixa de areia molhada indicavam que a maré passou por ali com a vazante, a posição da embarcação que estava ora esperando o instante de partida ora adormecida com o casco na areia sinalizava as intenções de pesca daquele dia, até mesmo “*a craca das estacas*” das áreas de cultivo de ostras que ao formarem faixas de sujeiras, inicialmente entendidas por mim, denunciavam a maré alta ou maré baixa.

*“É como tivesse hora marcada, a maré diz pra gente se compensa ir pescar, só olhando já sabe. Hoje, por exemplo, tem que pescar a enchente porque a maré vai encher com força e o vento é nordeste, entendesse? Mas já não dá, porque a rede de peixe tá em cima. A rede de peixe tem que botar umas três horas n’água, umas três horas da tarde, o peixe malha das três horas em diante até o anoitecer. Então, tem que ter o horário para botar. Você até pode botar ali agora [pela manhã], mas vai matar um ou dois peixes. Não compensa, vai ter muito trabalho e não vai compensar. Tem que botar a rede de peixe, de tarde às três horas em diante, que aí ela vai andar um pouco e, com a enchente vai parar e vai vazar. Aí ela volta, aí é bom, nessa volta da maré sempre malha um pouco o peixe [prende o peixe na rede].*

O jogo de linguagem utilizado pelo *pescador-maricultor* me instigou a querer participar desse jogo, conhecer e agir em conformidade com suas regras, entender a temporalidade dessa forma vida ali situada, ou seja, o *tempo do Outro*. Meus pensamentos buscam entender o movimento das marés e seus respectivos nomes, o melhor horário para pegar o peixe e, a relação entre compensar sair para pesca e a quantidade de peixe. Com as idas e vindas da maré minha compreensão parecia fugir, o balanço tonteava minhas sensações. No entanto, um *jogo de*

*saberes* foi sendo constituído à medida que eu o questionava sobre como funciona as marés e o tempo da pesca, assim como a observação atentamente de seus gestos e expressões, facilitavam minha entrada no jogo.

*“Vou te explicar pelo o que eu sei, o que eu entendo. A gente aprendia isso desde pequeno e depois ia entendendo mais, depois de pescar mais tempo. Depois a gente pega gosto pela pesca. A maré é um movimento da água, do nível do mar. Tem horas que está mais alto ou baixo, entendesse? Aí, tem a maré alta, maré cheia - que a gente chama assim- então, o nível aumenta. E a maré baixa ou quando ela é baixa, é o contrário. Quando dá a troca de maré, no sentido da terra para a água, que tá indo né, a gente chama enchente. Então a vazante é no sentido da água para a terra, tá vindo e vaza. Mas melhor é quando a lua é nova e cheia, dá mais peixe, aí a gente chama de maré de lua, entendesse?(...). A troca acontece, por exemplo, meio dia, é de doze horas. É só olhar para água, não tem muito horário. As vezes mais, as vezes menos”.*

As mudanças entre marés permitem ao *pescador-maricultor* apreciar o que se passa durante os intervalos em que ocorrem suas *misturas* e as medimos “com uma unidade que é, ela própria, impura e já misturada. Perdemos a razão dos mistos”<sup>307</sup>. Nesse movimento que flui é possível perceber que “*a cor da água muda*, o entrelaçamento de uma maré que já não é mais na que é, a sucessão de marés que estabelecem a expectativa de um *eterno retorno* regido pelas mudanças da lua, sempre em vias de atualizar-se, e o desejo de “*pegar mais peixe*”. As marés se dividem, assim como o conceito de tempo proposto por Bergson (2006), mudando de natureza – maré alta e maré baixa – contudo suas águas são simultaneamente múltiplas e única, finita e ilimitada. Em outras palavras, as marés constituem o *tempo vivido*, *tempo percebido*, da pesca realizada pelo *pescador-maricultor*.

Entre uma explicação e outra meus pensamentos se deslocavam de modo a costurar os fios que compõem essa trama segundo o movimento das marés. Foi então, que o *pescador-maricultor* evidenciou os diferentes ritmos vivenciados pela pesca quando se trata da pesca do camarão e da pesca de peixes como tainha, linguado, corvina e robalo ou “pesca” da ostra. “*Agora, nessa pesca do camarão, se for só camarão, tu sai duas maré né: a vazante do clarear do dia, tu tem que sair de casa e chegar aqui na praia umas quatro horas da manhã. Aí quando clareia o dia o camarão não malha mais, já tens que vim embora. E,*

---

<sup>307</sup> DELEUZE, 2012, p. 17.

*quando tu pesca com a feiticeira<sup>308</sup>, também no início, nas primeiras maré de lua, tu pesca de tarde, bota a rede de peixe dentro d'água e ao anoitecer a maré tá enchendo tu bota a rede de camarão<sup>309</sup>. Mata dois, três quilos de camarão desse da malha sete<sup>310</sup>. Vende a cinquenta reais o quilo. E aí mata uma caixa, duas, de corvina. Se tu vender aí no varejo a cinco reais o quilo, para particular (que no mercado está sete ou oito reais), dá uma graninha que dá para quebrar o galho”.*

*“Para ir à vazante, tu tem que tirar a rede de peixe porque, ou então botar embaixo, deixar a rede do camarão em cima [a primeira rede da embarcação], só usa a rede de camarão. E como tá ali hoje, tu é obrigada a botar a rede de peixe n'água primeiro porque tá em cima. Então tu tem que ir um dia de tarde, pescar com a vazante, bota a rede de peixe e bota a rede de camarão n'água. Aí tu colhe a rede de peixe embaixo para poder pescar a vazante do camarão. Aí dá né, aí é bom, né! Tudo isso tem que ser pelo vento e pela maré. Que a maré de quarta tu pode pescar peixe, a maré de quarta e a maré de lua e, o camarão é só na maré de lua, tem que ter força para tocar a rede de camarão. A rede de peixe não precisa tocar. Se ela ficar parada ali, botar ali e ela ficar parada, ela também anda com o movimento da maré. Se chama a rede de caceio. Mas a questão é que o peixe não tem condição, se ela ficar parada é até melhor. E o camarão não, o camarão a rede tem que andar senão não mata nada”.*

Esse jogo de linguagem possibilitou que me sentisse como uma estrangeira que pouco sabe falar a língua do país visitado e o alcance de minha imaginação considerou que quando o *pescador-maricultor* jogasse as redes na água elas estariam sobrepostas uma em cima a outra embaixo e que assim o peixe seria capturado em cima e o camarão mais abaixo que o peixe. Depois pensei que fosse a posição da rede na água

---

<sup>308</sup> Rede feiticeira é confeccionada com três panos de rede, ou seja, três redes numa só e são utilizadas para a pesca de praias, rios e lagoas. É um tipo de rede que o peixe passa pela rede e fica ensacado permitindo a pesca de diferentes tamanhos de peixes. No âmbito desta pesquisa, a rede é apenas utilizada em Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC.

<sup>309</sup> Segundo o *pescador-maricultor* existe “uma rede para cada pesca, peixe é rede feiticeira com malha 14 e 11 e a rede de camarão é malha 6 e malha 7, malha 6 embaixo e malha 7 em cima. Camarão é um tipo de rede e o peixe é outra”.

<sup>310</sup> Malha sete significa que o tamanho dos buracos da rede é de sete centímetros, ou seja, malha 11 possui 11 centímetros e assim por diante. Isso implica no tamanho do peixe pescado. Para cada tipo de pesca, existem as legislações e normativas que determinam quais redes e malhas são permitidas.

algo como uma na frente da outra. Não entendia porque não conhecia o jogo de linguagem, via suas peças, o *pescador-maricultor* explicava suas regras, mas continuava sem saber jogar esse jogo. Ao insistir em perguntar como as redes ficariam em cima ou embaixo na água e se havia a possibilidade de elas se cruzarem, ele respondeu de acordo com o padrão de correção do jogo: “*Em cima ou embaixo é a posição da rede dentro do barco. Por exemplo, se a rede de camarão estivesse em cima, a primeira rede para sair, eu podia pescar camarão na enchente. Não precisava botar a rede de peixe n’água, entendesse? Ai, as três horas em diante aí tu pode botar a rede de peixe n’água porque o peixe malha de tarde até o anoitecer, nessa época do ano*”. Assim, aprendi suas regras e passei a segui-las com a intenção de participar do mesmo jogo de linguagem.

Retomo o fôlego e passo a considerar a simultaneidade das marés como sendo a medição do tempo e que a própria maré torna-se a unidade de tempo e, situa-se para além do tempo que corre no relógio com a rigidez dos ponteiros. Isso implica que a(s) maré(s) não só atua como agente principal que marca a hora, a decisão, a partida para ir pescar, os tipos de rede que serão utilizadas, mas também determina o tempo que a pesca dura, a parada da *pescaria*, ou ainda, as diferentes durações que são colocadas a operar na prática da pesca. Apoiada na perspectiva bergsoniana envolvendo o conceito tempo, é possível afirmar que a pesca artesanal dura, à sua maneira, um tempo que flui e se movimenta constituindo um *presente vivo* que se faz no hoje, no *agora*. Um tempo em que o passado e futuro estão contraídos no presente, as marés são *nômades*, ou seja, se constituem no tempo constituído. “*A pesca é um acontecimento pra gente, ela é todo dia*”. Embora existam informações que sinalizam as condições das marés como a mudança das fases da lua e do vento ou até mesmo as previsões meteorológicas (Tábua de marés)<sup>311</sup>, a maré continua sendo *sentida e vivida* todos os dias pelo *pescador-maricultor*.

---

<sup>311</sup> Nas idas ao mar-lagoa era comum o uso do rádio pelo *pescador-maricultor* para conferir a previsão do tempo. Ele sinalizava em sua fala: “*hoje a pesca está mais fácil, antes não tinha a tecnologia que se tem agora (...). Antigamente, a gente já chegava aqui de noite, olhava a lua e o continente tremendo já sabia que era vento sul e chuva*”. Além disso, é possível saber o comportamento das marés pelo uso das Tábuas de marés que prevê o resultado da atração gravitacional exercida pela Lua e pelo Sol sobre a Terra, indicando os dias da semana, as fases da lua, os horários do nascer do sol e pôr do sol, os horários e altitudes (em metros) das marés. Por exemplo: No dia 12 de novembro de 2015 em Florianópolis, a lua é nova, os horários do nascer e pôr

De um lado se insere o tempo do relógio, *cronos* segundo Deleuze, que segue contínuo e regula o tempo cíclico das ações na pesca, a saber, o *pescador-maricultor* participa do jogo temporal amanhecer-manhã-tarde-anoitecer. O jogo é constituído pelas relações entre Lua, Sol e Terra, que começam por indicar a fase da lua que se vive - minguante, nova, crescente ou cheia – sempre numa base sete, que acompanha os dias da semana, e em vias de retornar o ciclo. De modo geral, considerando o conjunto de elementos maré, lua e vento, as melhores condições de captura dos peixes são durante a lua nova e cheia. O nascer e pôr do sol podem ser medidos pelo tempo do relógio na contagem de seis horas e quinze minutos e dezenove horas e quarenta minutos, respectivamente. Embora possa ocorrer alguma variação do horário exato, o que quero evidenciar é a possibilidade de fixar, estabelecer e convencionar um tempo. O mesmo acontece com a estratégia utilizada pelo *pescador-maricultor* em estar atento aos ponteiros do relógio quando marcam quatro horas da manhã, eles determinam sua chegada à praia e partida para a pesca do camarão e, quando marcam três horas da tarde determinam a saída para a pesca de peixes. Contudo, ambos podem ser pescados conjuntamente, dependendo da alta temporada de pesca, de modo que, a pesca pode ou não ter melhor êxito, “*depende da sorte*”. O relógio dita a partida do jogo, o primeiro lance. Existe um modelo rígido ao qual há que se conformar.

Por outro lado, o tempo *aion*, na perspectiva deleuziana, habita a pesca quando o tempo escorre, flui, foge do controle do relógio, torna-se descontínuo. É o instante em que o *pescador-maricultor* se refere ao amanhecer e anoitecer como sendo um processo que vai acontecendo com o desenrolar do crepúsculo e com o movimento das marés permitindo assim, a sensibilidade de marcar *mais ou menos* a hora de parar a pesca. Trata-se de uma temporalidade outra que se desvanece no ar e remete aos efeitos de um tempo incorpóreo, um relógio sem ponteiros. O tempo da pesca artesanal em Santo Antônio de Lisboa é ao mesmo tempo *cronos* e *aion*, ou seja, é constituído de uma

---

do sol são, respectivamente, 05:16:03 e 18:41:01, e, a indicação de horário em relação a altitude (em metros) é: 02:17 – 1,2; 06:41 – 0,4; 15:00 – 1,1; 20:15 – 0,1. Essas informações foram retiradas do site da EPAGRI/CIRAM, disponível em:

<[http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=120](http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=120)>. Acesso em: 12. nov. 2015.

temporalidade rígida e flexível, numerável e não-numerável, objetiva e subjetiva se entrelaçam num tempo só. Isso implica na irrupção de um tempo no outro, ou seja, um tempo *cronos* atravessado pelo tempo *aion* e, um tempo *aion* atravessado, ao mesmo tempo, pelo tempo *cronos*.

Outro ponto de convergência entre os tempos *cronos* e *aion* está no calendário por meio da temporada de pesca na qual o passar dos meses que marcam as estações mais quentes ou mais frias causam interferências no ciclo natural da pesca. A temporada determina que tipo de pesca pode ser pescada naquele momento, assim como os períodos de defesa da espécie quando acontece o processo de desova. Segundo o pescador-maricultor, *“tudo que tem no mar tem desova totais e parciais, então pode qualquer época do ano tu encontra peixinho de tudo qualquer tamanho. E tem os picos da desova total, no caso do marisco setembro começa a desova total, outubro e novembro, três meses de desova total. A ostra desova total novembro, dezembro, janeiro, fevereiro até março. O camarão branco desova a partir de outubro – agora já tem camarão ovado, desovando vai até janeiro. Durante o ano sempre tem alguma fêmea que vai ovar. O camarão rosa desova total junho e julho, desova sessenta metros de profundidade”*.

A pesca da tainha sempre é esperada nos meses de maio a julho e provoca expectativa de capturas em grande quantidade. Contudo, *“não se deve pescar a tainha na corrida, no curso que ela tá reproduzindo. Não é aí que tem que fazer a defesa, tem que fazer a defesa lá quando ela é pequeninha, lá quando ela começa a crescer, lá quando ela é larva. Não poluir lá, é que tem o cuidado. Não permitir malha pequena para matar ela, que não ela não tá em ponto de reproduzir. Quando ela tá em ponto de reproduzir, aí estabelece a malha, que é a malha onze. Aí ela já tá pronta e já tá reproduzindo, então, não faz mal matar. O cuidado que se tem é não deixar matar antes. Quando chega adulto já pode matar. Um peixe adulto já dá um monte de peixe (...). Talvez se um dia preservasse onde ela nasce né, aí volta a ter em quantidade”*.

O pescador-maricultor demonstra em suas expressões faciais o sorriso pela espera da temporada, mas também denuncia alguns desconfortos: *“Por que a tainha se afastou da nossa costa? Por que a tainha não tá nascendo em maior quantidade dentro dos nossos criadores naturais? Um monte de coisa que mudou o recinto onde ela nascia, e foi nós que transformamos o recinto dela. Então, será que esse povo não tem consciência de parar e pensar um pouco? Não pensar só nele, tem que pensar que ele vai embora daqui um tempo, ele tem um período para passar por aqui. E, ele tem que pensar que vai ficar filho dele, netos, vai ficar herdeiros dele, não precisa pensar nos outros. Vai*

*ficar alguém da família dele, representando ele, o nome dele na terra. Ele já fez a passagem dele e os netos vão ter a mesma passagem que ele teve e, sempre pensando no futuro. Porque, hoje o pessoal não está pensando nem mais em si próprio. E essa é a minha preocupação!”*

A temporada de pesca pode ser entendida como um tempo espacializado à medida que estrutura, organiza, formaliza, ordena e estria os modos de agir e pensar, ou seja, infere regimes de saberes e poderes. As águas de Santo Antônio de Lisboa não só abrigam o espaço de pesca como exercem influência sobre ele. Trata-se de um espaço estriado cujas linhas acompanham o movimento de uma maré a outra e gera, na perspectiva bergsoniana, formas de conhecimento. Além disso, é possível constatar suas potencialidades de ser um espaço centrado, métrico e homogêneo que possibilita a estriagem delimitada onde a pesca acontece. Em outras palavras, é no espaço que ocorre a distinção das marés ativando a percepção, a sensação, a contagem do tempo, a abstração do conhecimento e até mesmo os jogos de linguagem. Compreende assim, uma multiplicidade numérica capaz de determinar a distância permitida, pelas leis e normativas<sup>312</sup> para a pesca, para o cultivo de ostras e as condições de possibilidade para pegar o peixe ditadas pelo movimento da maré e dos ventos.

*“Dia de vento sul, tinha tanto peixe, na época eu vinha tarrafeiar, aprendi a tarrafeiar com meu pai, e eu me lembro que meu pai só matava ali, só cercava bem ali, na beira da praia, porque de noite o peixe vinha dormir bem ali, o remanso, não tinha vento sul, a maré tava grande. E, ela vinha pra ali para se proteger, a água tava mais quente ali, né. Então, eu vi meu pai só tarrafeando ali. Eu não perguntei para ele porque que ele só tarrafeava ali, mas quando eu comecei a tarrafeiar sozinho eu ia ali e tarrafeava só ali. Isso se não tivesse alguém na frente da gente. A gente sabia pela pegada na praia porque as pessoas tarrafeavam descalço (hoje não, se bota bota pra tudo. Se eu for tarrafeiar hoje, vou colocar uma bota ou tênis, não vou tarrafeiar descalço), a gente sabia até quem era que passou tarrafeando, porque o cara as vezes tinha um pé meio torto, então a pegada dele: Esse aqui foi o Dórinho, aquele lá foi o Armando, aquele lá foi o Zequinha e, era assim, todo mundo sabia. Então, a gente sabia se ele tarrafeou ali pela pegada dele. Então, tu tinha que chegar ali, a pegada estava na direção da tarrafada ele tarrafeou ali. Se a pegada estava na direção de lá,*

---

<sup>312</sup> A divisão do espaço de pesca, estabelecida por lei, também ocorre entre pescadores artesanais e industriais sendo os primeiros só podem pescar até três milhas a partir da praia.

*então ele não tarrafeou ali. Então se tarrafeava-se ali. E, onde ele tarrafeou não se tarrafeava (...). Se ele tarrafeou ao anoitecer. Eu já, sempre, ia de madrugada, quando era lugar mais longe tu saia cedo e pegava de um certo lugar pra cá, porque quando tu acabasse de fazer a pescaria você já está perto de casa. Então, se o cara tarrafeou ali ao anoitecer então, duas, três horas da manhã tu podia tarrapear ali que tinha peixe. Mas se o cara passou às duas horas e eu passei as três horas não adianta tarrapear”.*

Embora a prática de tarrapear na beira da praia não seja tão frequente no *presente vivido* do *pescador-maricultor* ela evidencia como o espaço, composto entre areia e água, foi percebido pela possibilidade de gerar um sistema direcional. As pegadas na areia condicionam limites que sinalizam e dividem o espaço, ou ainda, criam um espaço estriado. É estabelecida uma relação complexa entre pontos que entrecruzam o estado fixo e variável, pois ao invés de números se remete a pegadas, uma métrica outra. Reside aqui um acontecimento que se dá pelo entrelaçamento do tempo e do espaço no qual as pegadas que estriam o espaço determinam o tempo para que se possa tarrapear novamente no mesmo ponto. O exercício sensível está em perceber quanto tempo dura uma pegada, a simultaneidade e justaposição da multiplicidade métrica do tempo e do espaço.

Além de pegadas na areia, há também a presença de lâmpadas [lanternas] deixadas com as redes que evidenciam que nesse ponto luminoso alguém pesca. Um ponto que é fixado e impõe qualidades visuais mensuráveis sob a precisão e abstração do *pescador-maricultor* que faz emergir relações métricas, linhas que se entrecruzam e misturam orientando um “mar” estrelado de lâmpadas que oscilam entre o espaço real e o espaço virtual. Cria-se uma *muralha sem ser fronteira*, como proposta por Deleuze e Guattari, capaz de tramar linhas outras, linhas de fuga, que ao balançarem as águas misturam, reviram e traduzem um espaço liso, ou seja, o espaço estriado que por ora é considerado sedentário se constitui de aberturas, brechas e fissuras que tendem a torná-lo nômade. Isso implica que além de métricas estabelecidas envolvendo distâncias permitidas para a pesca artesanal ou até mesmo o calendário de pesca, há também a multiplicidade não-numérica que atravessa os acontecimentos e intensidades. Para o *pescador-maricultor* não há como medir a maré, vento ou lua, mas tem como senti-las e vivê-las.

*“Vai lá botar a rede de peixe e volta, deixa lá a lâmpada e amarra na bandeira da rede. Pode botar de dia e amarrar, ela tem duas pilhas aqui dentro. Então, quando escurece ela acende, ela pisca, tem*

*três tipos de luz uma verde, uma vermelha e uma branca. Então, bota a rede lá vem pra cá fazer teu serviço [terra] e a noite vai lá buscar [água]. O sol entrou e escureceu ela acende, entendeu? E aí, tu sabe onde está a rede, porque, vamos supor, que eu boto a rede na enchente, boto a rede aqui em cima, aí eu faço a marca [lâmpada] onde coloquei a rede. Então a maré encheu ela [rede] vai para baixo, aí se eu chegar aqui embaixo e tiver uma luz piscando eu sei que é minha. E os outros pescadores vão saber também que tô pescando ali. É como se marcasse o lugar que cada um pesca e aí o outro não vai se meter ali”.*

O ponto luminoso mesmo sendo fixado torna-se móvel com o movimento das marés permitindo a constituição de um espaço outro, ou seja, um espaço misto onde é possível habitar de um modo liso e estriado. Nesse sentido, o modo de ser e estar no espaço para o *pescador-maricultor* é cambiante, flexível, móvel e está em constante processo aberto de produção de saberes e poderes. Ao considerar uma racionalidade matemática como o fato de medir distâncias, dividir o espaço de pesca, não está em questão à busca por uma grandeza exata, mas sim ser possível afirmar a partir de um conjunto de diferenças ordenadas qual é maior e menor, ou ainda, “*onde mais ou menos está a rede e é permitido pescar*”. A unidade de medida é marcada pelos nuances da maré e do vento sem ser necessário contar quantas remadas foram dadas ou quantos metros distam um desejo de pegar o peixe do outro.

Basta que um ponto luminoso pisque para que se tenha um espaço de pesca e sejam realizados cálculos limitados e intradutíveis, a sua maneira, e ao colocá-los a operar evidenciam que os números tornam-se sujeitos, à luz de Deleuze e Guattari, na trama dos acontecimentos vivenciados pelo *pescador-maricultor*. É no espaço que se estabelece uma relação de organização e normatização autônoma. A maré é agente que determina o espaço, assim como o tempo, e como ele será ocupado, medido e vivido. Além disso, a alternância entre os modos de espacialização, liso e estriado, se insere diante do *ponto de emergência*<sup>313</sup>, a saber, pontos luminosos quaisquer que não estão nem dentro nem fora da maré e formam um *corpo sem órgãos* no mar que espera pelo peixe ou, a travessia de uma maré alta a uma maré baixa que cruzam lotes de ostras.

---

<sup>313</sup> Na perspectiva foucaultiana, estudar a emergência de um objeto, conceito, prática, ideia ou valor não se trata de saber de onde ele veio, mas como/de que maneira e em que ponto ele surge (VEIGA-NETO, 2011).

*“Os lotes de ostras funcionam assim: são uns cento e cinquenta metros daqui para fora. Chega ali um aparelho com a embarcação vai marcar. Isso tudo é feito com o pessoal do Ministério Público, Prefeitura, Epagri, os órgãos responsáveis que medem e fazem a licitação dos lotes, tudo certinho. Na verdade deveriam criar um parque aquícola de verdade. Então, eles medem a área vão botar no mapa a distância que tá de um lado e do outro, tudo certinho. Eles usam GPS<sup>314</sup>, é preciso entrar na carta náutica porque os barcos à noite sabem onde que tá a área demarcada. Nós aqui que é estrutura fixa, ainda não é como era para ser, a gente faz as estacas e enterra mais ou menos uns três metros uma da outra. Então dá uns setenta metros de comprimento por quarenta de largura”.*

Ao chegar à praia é possível avistar uma estrutura de forma retangular, *“logo ali na frente”*, que formam lotes compostos por corredores abertos internos contornados com estacas de madeira. Situados na água estão organizados de modo que na cobertura do lotes, também feita com estacas, ficam penduradas aproximadamente quinze lanternas, parecidas com cestos, que armazenam as ostras. Cada lanterna tem *“cinco andares com cinquenta centímetros de roda. Dá perto de quinhentas ostras por lanterna”*. Isso implica dizer que a maré conduz linhas de força e sensoriais que permite traçar e tencionar, em um mesmo espaço real, espaço liso e espaço estriado. Nesse sentido, é possível compreender o espaço como a esfera das multiplicidades que estão sempre em construção, em vias de acontecer possibilitando diferentes linhas e conexões.

### *Tempo de pesca, temporada de festa*

Sigo o movimento da pesca artesanal ao deslocar de águas calmas para as mais agitadas, um lugar onde se formam ondas, em que as marés, o vento, o céu e a lua também regem a pesca realizada na Barra da Lagoa, Florianópolis/SC. O estado de agitação, euforia, expectativa, brincadeira, riso, bagunça e festa compõem o nome e o coletivo de forças do grupo Saragaço. *“A pesca é uma festa! Mas também é uma espera”*. Uma espera que é marcada pelos dias e meses que correm no calendário a anunciar o tempo da pesca da tainha e a abertura da temporada mais aguardada pelos *pescadores-temporários*, que ocorre no mês de maio e se estende até julho, ou seja, espera-se pelo

---

<sup>314</sup> GPS é a sigla de Global Positioning System que significa sistema de posicionamento global.

peixe. É um tempo de festa, de encontros e re-encontros, de *“corre-corre deslizando a canoa para o mar”*, de um tempo vivido em constante atenção, concentração, organização e seriedade imerso nas e pelas relações de poder estabelecidas tanto individuais quanto coletivas. *“O grupo está todo disperso, mas chega a temporada a gente se reuni aqui, já é certo. Cada um tem sua função e sua função tem seu lugar. O pessoal pega férias do serviço ou aproveita que o movimento cai no inverno, é baixa temporada como a gente fala, e vem pra cá pescar. Todo mundo fica envolvido, quer participar. A pesca aqui é pra uma grande quantidade de peixes, então precisamos de bastante gente”*.

Com as idas ao *mar-lagoa* pude perceber como a organização do grupo Saragaço, durante a temporada, estabelecia *jogos de saberes e poderes* envolvendo o tempo e o espaço no território de pesca que disparam os modos de pensar, agir, ver e sentir dos *pescadores-temporário*. O conjunto de sinais como o rancho de pesca povoado pela expectativa e imprecisão da chegada dos peixes, as canoas “ancoradas” na areia com os remos e redes esperando pelo instante de ser lançadas ao mar, o rádio de comunicação sempre à mão do *pescador-temporário* cogitava a possibilidade de um lance de tainhas e suas expressões denunciavam o desejo de pegar o peixe e, o quebrar das ondas enunciavam as condições de pesca para aquele dia, fazem desse lugar um território singular e instigante que provocou em mim deslocamentos sensíveis que possibilitaram oportunidades improváveis por habitar um tempo e espaço outro.

O tempo que se desenrola é constituído pelo fato que *“o peixe não tem hora. A gente fica na expectativa né, fica lá no rancho agora, toma um café e espera, fica lá, pode não vim mais nada, pode vim, pode dá mais um, ou pode dá mais dois ou pode dá mais cinco [lances de tainhas], pode ser de noite, pode ser agora. A regra da pesca é que não tem regra um dia pesca bastante, outro dia nada”*. Nesse sentido, foi possível observar que mesmo que as condições das marés, dos ventos, da lua, do céu sejam favoráveis não determinam que a pesca ocorra, nem mesmo que seja possível estabelecer um horário ou cronometrar o tempo. A exatidão da pesca não está marcada pelos ponteiros do relógio, mas sim no olhar atento do vigia que percebe o cardume no mar e aciona o grupo. *“Tem que ser bom, ser vigia não é qualquer um. Ver o peixe pode ser qualquer um que vê, mas saber cercar o peixe a hora que o peixe tá na posição de tu mandar largar uma rede, não é para qualquer um. Infelizmente, não é qualquer um que vai saber fazer isso um dia porque tem que saber bem a posição, porque o peixe pode voltar, o*

*peixe pode ir pra fora, o peixe pode passar. Então, tem que tá bem consciente do que ta fazendo”.*

Trata-se da necessidade de entender outra racionalidade do tempo que se dá ao “viver a pesca”, estar *presente*, em sintonia com o grupo, o mar e o peixe, entregar-se ao movimento cíclico criado entre esperar, pescar e esperar, cujo ritmo é marcado por “onda cá” e “onda lá”. O jogo de linguagem utilizado pelo *pescador-temporário* ao considerar que a regra da pesca é não ter regras e a marcação de um *tempo sem tempo* durante a espera pelos peixes acionou em mim a vontade de participar desse jogo. O pensamento é colocado em movimento ao perceber que mesmo sem a presença de uma regra fixa para que a captura dos peixes aconteça não significa que a regra não exista e seja possível pensar e agir em conformidade com ela. A prática da pesca é regrada em suas ações, normalizada em seu funcionamento e padronizada nos modos de ver e sentir. Isso implica que não importa medir e seguir o tempo *cronos*, mas perceber que o tempo é regulado por um tempo que dura, o tempo *aión*, o suficiente para que a espera vire pesca e a pesca vire espera.

O deslocamento acontece ao *rachar* o tempo e passar a considerá-lo na existência de sua multiplicidade percebida nas dobras e desdobras do próprio tempo, ou ainda, nos *presentes encaixados*, que no caso da pesca artesanal podemos pensar em presentes “enredados”, constituindo um *emaranhado de tempo*, assim como propõem os filósofos Bergson e Deleuze. É como estar dentro da onda envolvida pela agitação das indagações que se misturam com a calma de uma espera quando se sabe o que esperar. Meu fôlego para furar as ondas do tempo da pesca, ou do tempo de festa, se dá ao jogar com o *pescador-temporário* à medida que ele mostra suas “cartas”: “*como eu te falei é de dia, é de noite, é com vento sem vento, é com chuva sem chuva. É como a gente diz, o peixe nasce d’água, então a gente tem que tá sempre na expectativa, sempre, sempre, porque a qualquer momento vem o peixe. No dia da noite que a gente pegou aqueles três mil [peixes], chegamos aqui dez e quarenta da noite, aí ficamos ali, o peixe tava ali, veio pra cá, veio pra lá, enrolou, saiu, a gente perdeu o peixe e a gente não viu. Esperamos mais um pouquinho, papapá-papapá, onze e quarenta e cinco a gente cercou. Aí trabalhamos com o peixe até quatro horas da manhã, cinco horas da manhã pra dividir, pra fazer as coisas toda”.*

“*Não tem como saber. A gente mais ou menos tem uma noção assim: Ah, hoje tá bom. Ah, hoje tem esse vento e não vai mudar. Ah hoje tá assim não presta. Ah, hoje o mar tá bom. Ah, hoje pode rolar um peixe. Então, a gente tem uma noção. Mas, aquele dia que a gente tava*

*aqui, foi chamado gente em casa porque o peixe apareceu à noite. Então, quer dizer não tem como saber. Foi chamado gente em casa, foi chamado gente em casa. Então, o peixe é assim: é uma loteria, né". A precisão da imprecisão regula as ações da pesca, "tudo pode acontecer durante a temporada", assim como em nossas ações e sensações na vida. Saber se "hoje tá bom" para a pesca artesanal vai além de saber que "depois do vento sul, ah tem o vento sul duro, opa. Aí mexe com as águas e aí pode aparecer um peixinho. E também, depois que dá esse vento sul se o peixe passa um nordestezinho também, é bom pra nós. Dá um nortezinho daqui já ajuda". O bom está atrelado também à quantidade de peixes capturados e aos olhos que sorriem do pescador-temporário. "Então, quando não mata<sup>315</sup> [captura dos peixes] a gente acaba ficando mais triste e, quando mata a gente fica mais feliz né". Contudo, se as marés e os ventos não colaboram, o dia não presta, é um dia perdido para a pesca, mas ganho na união do grupo e possível para jogar outro jogo. O baralho, que passa, assim como as redes, de mãos em mãos que esperam.*

Por outro lado, quando o "mar tá bom" aumenta a expectativa para que o peixe venha ao encontro do pescador-temporário e o rádio de comunicação toque o grito do vigia: "Canoa! Canoa! Bota essa canoa n'água! Bota essa canoa n'água!". O toque inicia o jogo da pesca anunciando o instante de partida que dispara todo o grupo para levar a canoa à água e assim cada um vai posicionando-se em sua função. "Quem faz algo errado leva esporro [bronca] (...). Cada um tem sua função. Qualquer um pode fazer o serviço, mas o que tá ali já sabe, tem a manha. Cada um tem sua função e seu lugar. Então, é assim que funciona. Era para ser melhor ainda, mais organizado ainda porque às vezes um atropela o outro porque acaba se metendo na posição, mas ainda assim tá numa organização legal, funciona. Todo dia é sempre igual, só a diferença é que tem dias que mata mais peixe, tem dias que mata menos, entendesse?". Embora o tempo permita regular a ação do pescador-temporário e estimar a duração em que a pesca acontece, é possível observar que se trata de um tempo que é forjado na intensidade, experiência e no devir, é um tempo subjetivo.

---

<sup>315</sup> Segundo o pescador-temporário, "a morte dos peixes já é normal pra gente, mas quem vem de fora acha estranho. A pesca funciona assim, o peixe acaba morrendo". Eu, que vinha de fora, ficava em constante conflito ao experienciar um espetáculo entre homem, mar, e peixe em que há o duelo de sobrevivência entre morte e vida e, alegria e tristeza.

Após o instante de partida, seguem o *pescador-temporário* e seis de seus parceiros, dentro da canoa, regulados pelas batidas dos remos que marcam o tempo que dura o cerco do cardume. Não há uma precisão, depende de como o peixe se movimenta, o tempo pode durar mais ou menos. *“Ele pode ir mais pra lá, mais pra cá, pode voltar, então quem tá na canoa tem que saber cercar. E o peixe a gente vê de acordo como é, se é muito peixe vê no vermelhão que aí a água fica toda vermelha porque é o vermelhão do peixe [forma uma manta]. Peixe pulando, peixe n’aguada que a gente fala que o peixe fica bem boiadinho, fica mexendo na água. Quando o peixe vira a barriga fica aquele branquidão todo. É assim que a gente vê n’aguada, no pulo, no vermelhão, é assim que a gente vê. Aí também, os vigias vêem lá na onda, o peixe passando pela onda. Têm várias formas de ver pra saber onde tá o peixe”*. O restante do grupo espera finalizar o cerco para puxar as redes para a terra. *“E vai puxando, puxando, os peixes vão vindo, é coisa linda”*. O tempo de retirada da rede do mar é determinado pela relação entre a quantidade de pessoas que as puxam e o número de peixes. *“Pode demorar uma hora, duas horas ou mais até tirar tudo”*.

Em outra duração, iniciam o trabalho de dividir os peixes em *quinhões*, partes, conforme a regra estabelecida pela hierarquia do grupo. *“Aí já sabe que cada lance é umas três mil tainhas, três mil e quinhentas tainhas, cada tainha aí mais ou menos com uns dois quilos, dois quilos e meio. É peixe grande, bem bonito (...) a gente divide em duas partes: uma é do patrão e a outra é divida para os camaradas conforme o tempo que tem de pesca aqui com gente, quem faz tempo, trabalha mais ganha mais e quem ta menos tempo ganha menos. Mas a gente sempre dá um peixe pro pessoal que ajuda a puxar a rede, vem aqui fica olhando e leva um peixinho pra comer em casa, entendesse?”*. No lance de tainhas que aconteceu durante a noite, por exemplo, o *pescador-temporário* conseguiu *“quarenta [quinhão], porque já foi um pessoal lá e tinha menos gente, tinha bem menos gente, porque foi de noite não foi todo mundo chamado e, aí a gente acaba ganhando um pouco mais. E vale né, sempre vale, é um dinheirinho que a gente ganha”*.

Compassos de desaceleração são estabelecidos para acomodar cada coisa no seu lugar, o peixe vai sendo vendido e consumido, a canoa e a rede voltam para sua posição inicial e o rancho volta a estar cheio de uma nova expectativa até tornar-se espera novamente na qual o pensamento é um só: *“Na verdade, não é brincadeira é um trabalho que não é tão sério, mas dá pra gente rir um pouco, mas não é brincadeira, é um trabalho. Tá todo mundo aqui querendo ganhar um dinheiro, quer*

*ganhar um dinheiro quer brincar, mas quer ganhar um dinheiro. Não tem dúvida disso. Ninguém aqui tá querendo ficar sem ganhar um peixe*". A pesca artesanal é uma *Aventura demasiadamente humana*<sup>316</sup>, que se vive na *intensidade*, que desloca os valores estabelecidos e descodifica as formas de conteúdo e de expressões correntes. Pode aprender com o *pescador-temporário* que onde há agitação também há calma, serenidade, paciência, olhar atento que paralisa em direção as águas permitindo parar, ficar, respirar, *viver os presentes*. O tempo da pesca não tem como agente principal o tempo do relógio, mas o desligar-se do mundo enlouquecido e acelerado que provoca muitos ruídos e pouca música. Em outras palavras, distancia-se do tempo-clichê criando "linhas descontínuas, estilhaços flutuantes, resíduos irregulares, rupturas de sentidos, sinais fragmentários, espaços vazios, pequenas cenas, pormenores insignificantes, punctuns, incidentes"<sup>317</sup>.

A obrigação de viver e sentir o agora, um presente vivo, marca a intensidade dos instantes e converte tempo em espaço, segundo a perspectiva bergsoniana e deleuziana, o tempo se desenrola no espaço mesmo sendo considerados invariantes e separáveis. Assim, transporto meu olhar para o espaço que o *pescador-temporário* habita, ou seja, considero o mar como sendo o espaço vazio e homogêneo onde os instantes presentes acontecem. A simultaneidade e sucessão das ondas enunciam o jogo de saberes e poderes que faz com que o espaço seja dividido em parcelas identificadas por um corpo, bandeira preta, que sinaliza a distinção nítida entre o território da pesca artesanal e da industrial. O mar evidencia a multiplicidade de partes e de unidades que permite a contagem, medição e a abstração desse espaço.

*"As bandeiras são o nosso limite. A gente pode pescar da bandeira para dentro e os outros barcos pode pescar dali para fora. É o nosso balizamento. Começa aqui, aí tem essa, tem outra, tem outra e tem outra. São cinco, sai acompanhando daqui e tem uma, duas, três, aí lá em cima, quatro, e uma lá no fim, cinco. E o limite é trezentos metros, mas a gente não bota tanto, a gente coloca até um pouco menos porque a gente não alcança com a rede. Ele trabalha em curva nesse limite de*

---

<sup>316</sup> CORAZZA, 2012.

<sup>317</sup> Corazza (2012, p. 238) utiliza o termo *aula-clichê* para enfatizar o modelo de aula conhecido e por nós vivenciado. Problematiza o fato de que antes mesmo de um professor entrar em sala a aula já está dada, é uma aula cheia (currículo, conteúdos, metodologias, didáticas e, pensamentos e discursos prontos). Assim, é possível considerar um *tempo-clichê* que atravessa também nossas formas de vida.

*trezentos metros. Aí a gente bota na temporada e depois tira. Então a gente mede pelo olho, olha daqui e diz é ai mais ou menos, é no olho. Aqui é mais no olho. Quanto que tá a tainha por quilo? Não, não é por quilo, a tainha é por peso. A gente olha o peixe dez reais, vinte reais, trinta reais, vinte e cinco, dois por cinquenta, dois por quarenta. Tem gente que vende até por quilo, mas a gente vende assim mais olho, olhando o peixe. Ah tem um quilo e meio, dois quilos, oitocentos gramas, mais ou menos. Tudo é mais ou menos. Cinco toneladas pode ser sete, pode ser oito. O cálculo é mais ou menos, então é assim que funciona: é bem simples. Tem que estar só bem preparado, tem que ter as pessoas para fazer a movimentação do peixe”.*

O mar é limitado por uma linha curva passível de ser vista, tocada, percebida e conseqüentemente estabelece a possibilidade de enumerar pontos que são fixos na água, mas moventes em distância. O cálculo autônomo sugerido pelo *pescador-temporário* mostra a despreocupação e o desprendimento com as grandezas exatas, mais do que medidas o importante é estabelecer o limite que opera a precisão da imprecisão do olhar, a satisfação por estar mais ou menos ali. A função limitante serve apenas de orientação porque as condições de possibilidade da pesca artesanal da Barra da Lagoa inserem o cerco dos peixes antes de ser cercada pelo limite. As relações métricas são compostas por números *numerante ou nômade ou de guerra*, propostos por Deleuze e Guattari, de modo que vence a disputa entre *pescadores-temporário* e as tainhas quem tiver maior sensibilidade para perceber o princípio de diferenciação do acontecimento espacial.

Desse modo, o mar constitui um espaço liso, que acompanha toda a extensão da praia, e por sua vez é ocupado sem ser medido fazendo intervir as ondas, os ventos, as cores e sons do mar, os pulos do peixe, o olhar do vigia, a expectativa e espera do *pescador-temporário*. Contudo, o espaço liso é capturado e deixa-se estriar quando um cardume de tainhas aparece. A racionalidade matemática empregada no momento do cerco evidencia os critérios que organiza a constância de orientação em relação à posição da canoa, a rede e o cardume, estrutura o uso de uma perspectiva central ao malhar o cardume e, normatiza os movimentos que vão de um ponto ao outro delimitando o espaço. O território de pesca é um misto entre liso e estriado sempre em devir de um ou do outro, ou seja, abriga a simultaneidade de *estórias-até-agora*<sup>318</sup>.

---

<sup>318</sup> MASSEY, 2009.

*“Tem a nossa praia toda para cercar, a gente tem aqui mais ou menos um quilômetro [horizontal] que pode pescar da casinha do Baía um pouco mais pra cima até essa volta toda aqui a gente pode pescar. Da bandeira pra dentro a gente pode jogar a rede, o peixe estando aqui dentro pode que é permitido. Geralmente, a gente faz o meio lance [a gente chama de meia lua], saí com a canoa da terra, faz o meio lance e volta com a canoa em terra. Mas, se quiser fazer o lance redondo a gente também pode. Então, o momento que tu cercou já tem que puxar, não espera. Sai um lado da rede numa corda um pedaço da rede e faz um semicírculo. No momento que a canoa já largou essa corda, esse cabo que a gente chama, já tem que ficar puxando esse cabo porque depois para a rede vim – a manga da rede que a gente chama – então a manga da rede tá em terra, aí tu tem que puxar devagar porque a canoa ta indo lá e tá chegando do outro lado da canoa a outra manga. Então tem que puxar mais ou menos parelho. Puxa mais daí! Puxa mais vocês daí! Puxa mais devagar! Ou, puxa mais rápido! Mete a mão no chumbo, mete a mão no chumbo! Ou não, então para um pouco! Puxa mais devagar daí que a gente ta mais atrasado aqui. Que é para ir controlando, que é para esse peixe entrar no copo [meio da rede] (...). Desde que cerca a rede tem que ser puxada porque se não a rede pode enterrar e aí é mais difícil, rasga muito”.*

O desdobramento dos espaços produzidos no e pelo ambiente de pesca provoca o pensamento ao considerar que se trata de “um espaço que irrompe, um espaço de acontecimento, um espaço de olhares, gestos, silêncios e palavras irreconhecíveis, inclassificáveis e irredutíveis”<sup>319</sup>. Um espaço outro é inventado e vivido, vai além de um espaço euclidiano – regido por axiomas e postulado das paralelas cujo domínio é homogêneo e todas as partes do espaço apresentam as mesmas características isentas de influências com e no espaço – ou do espaço riemanniano – como sendo uma coleção de proximidades de forma heterogênea -, ou seja, constitui-se um espaço que abriga desvios de relações métricas, propriedades e exteriorizações. É um lugar para ser nômade que deixa aberturas para algo novo, está em constante movimento mesmo sem sair da posição inicial, é alimentado pelo inesperado. “Trata-se de uma fraca e confusa rebelião. Pois algo que pode parecer a você aleatoriedade e caos, para outra pessoa pode ser ordem”<sup>320</sup>.

---

<sup>319</sup> SKLIAR, 2003, p. 97.

<sup>320</sup> MASSEY, 2009, p. 166.

*“O peixe pulou lá perto dos moles, então a própria luz iluminou o peixe pra gente. Deu pra ver que ele tava branco era muito peixe. Então dá aquele vermelhão é muito peixe junto. E aí a gente ficou naquele canto, bem naqueles moles lá. Foi um cerco bem pequeno e depois aqui a gente deu outro, deu uns três mil lá e três mil e meio aqui mais ou menos. Foi o que salvou a gente, ganhamos um bom dinheiro, porque tava aqui quinze dias sem nada. O pessoal já tava ficando mais nervoso porque sabe como é né?. Então, assim onde o peixe pulou a gente se cerca pode ser mais pra cá, mais pra lá como eu te falei temos toda essa área para pescar. Pode dá um lance, pode dá mais de um. Mesmo assim pode acontecer da gente não conseguir cercar e o peixe passar, as vezes acontece isso. Por mais que a gente esteja acostumado se deixar um buraco onde passa uma tainha passa todas”.*

O cardume de peixe forma um conjunto de pontos que permite a percepção de várias linhas, mais especificamente vetores, que embora estriem o espaço estão em constante movimento e mudança. Mais do que estabelecer a natureza do espaço a atenção é direcionada para a habilidade de medir com os olhos, os ouvidos e com o corpo todo, é estar inserido nele. O *pescador-temporário* participa do jogo tátil estabelecido. As distâncias são variáveis pela infinita diferenciação de uma mesma distância, ou ainda, ir ao mar e realizar o cerco produz multiplicidades híbridas que estão em consonância ao incerto e aberto ao *“que pode acontecer”*. É um espaço de intensidades que se desenrola pelo *acontecimento* tanto em seu surgimento quanto em suas manifestações. Isso implica que o peixe permanece no lugar o tempo suficiente para que escape as possibilidades de inferir relações métricas fixas e universais assim como as condições de controle.

### *O cuco do relógio é o boto*

As águas da Barra do Tramandaí, Tramandaí/RS, ora agitadas ora mais calmas, se entrelaçam com o vento que bagunça os cabelos, o *pescador-tarrafa* que corre na beira da praia lançando sua tarrafa, o peixe que passa e o boto que *“pula faceiro”*, compondo um território outro de pesca artesanal. O movimento de bagunçar, correr, lançar, passar e pular enunciam outros possíveis modos de ser pescador que em suas individualidades constituem um coletivo sem ser grupo, fazem de suas tarrafas um membro e extensão do próprio corpo, e dos botos os melhores *“camaradas”* que podiam ter. *“É correria! Tem que correr, se tu ficar parado então, tu não pega nenhum peixe. O boto puxou lá tem*

que puxar, se ele puxou pra cá tu corre pra cá. Quando o boto aparece sempre aparece peixe para gente pegar, porque nós aqui pescamos muito com o mostrar do boto, então o peixe encosta mais”. A presença do boto significa que “o mar está pra peixe”, ou seja, o dia é bom para a pesca mesmo sem conferir as condições ditadas pela maré, vento e lua. É também condição para aumentar a quantidade de pescadores-tarrafa descalços a correrem com o vai e vem das tarrafas.

Com as idas ao *mar-lagoa*, pude perceber que o boto<sup>321</sup> estabelece o tempo de corrida do pescador-tarrafa e o instante em que joga as tarrafas. Se o boto aparece no canal da Barra facilita saber onde está o peixe e aumenta as chances de captura, pois “o boto mostra de biquinho, fica bem empézinho mesmo, ou ele pula de lado né, então ta passando peixe ali, aí gente bota a tarrafa ali perto. Às vezes bota mais no seco, às vezes mais para fora, depende como a gente se baseia na pescaria. É conforme a pescaria quem conhece já sabe, já ta acostumado. Às vezes a gente vê o peixe passando, mas na maioria das vezes o boto mostra para gente, já tem conhecimento”. Entretanto, quando o boto não aparece a pesca fica condicionada à sensibilidade, conhecimento, atenção de “quem pesca”, ou seja, “quando ela [tainha] vem a gente vê ela n’água, ela vem restolha [faz uma roda na água], faz o morro d’água, a gente conhece. Muitas vezes vê e não pega, não é fácil ela é ligeira. Viu o que ela fez ali agora? Veio pulou o outro[pescador-tarrafa] botou a tarrafa, escapou de mim, o outro botou não pegou, o outro jogou e pegou, é assim. Na pesca é sorte, tem que ter sorte também”.

Os lances feitos com a tarrafa são conduzidos pela *intensidade da experiência* do pescador-tarrafa que diz: “conforme é o peixe de entrada a gente dá um tempo para ele passar, a gente deduz mais ou menos, a gente não tem aquela base certa, a gente acha que ele ta aqui, aí pega e bota [tarrafa n’água]. Não tem aquele valor exato, a gente tem um cálculo mais ou menos. Já deve estar aqui porque se ele subiu, ele ta passando aqui agora, aí pega e bota, aí coloca. E **nem tudo que**

---

<sup>321</sup> O pescador-tarrafa afirmou ter dez botos no total que, não necessariamente, aparecem todos juntos no canal da Barra. “Tem dias que aparecem em bando, um ou dois e dias que não aparecem, às vezes tem mãe com o filhote”. Pude observar que existe uma relação de carinho e respeito entre os pescadores-tarrafa e os botos na qual os pescadores reconhecem os botos pelas suas características físicas e até dão nomes a eles. Nas idas ao *mar-lagoa* tive a “sorte” de presenciar um boto adulto e um filhote que pulavam alegremente acionando a corrida dos pescadores-tarrafa.

*se vê se pega e nem tudo que se pega se vê, entendeu?* [grifo meu]. Às vezes a gente vê e muitas vezes não vê, a gente deduz e tarrafeira. Muitas vezes a gente tarrafeira e não aparece porque ela vem pelo fundo”. A temporalidade da pesca possui um tempo conhecido (*cronos*) dado pelas marés, ventos, lua, dia, noite, horas e temporada de pesca para cada tipo de peixe<sup>322</sup>, mas também possui um tempo desconhecido (*aion*) pela *aparicação do boto* e a *hora do peixe*, ou seja, um tempo “irrenconhecível, indefinível, inominável, ingovernável, irredutivelmente inesperado”<sup>323</sup>. É um tempo que se sente e não se mede, o cuco da pesca é o boto.

De lance em lance se tem um jogo, um jogo de linguagem utilizado pelo *pescador-tarrafa*, que afeta quem o atravessa ou é atravessado por ele. O saltar do boto, o lançar as tarrafas, o corre-corre instigam-me a participar desse jogo. Incitam-me a desejar tatear as regras que se estabelecem os modos de pensar e agir do *pescador-tarrafa*. *Se tu sabe tarrapear, pode entrar!*. Essa é a regra do jogo, é preciso saber tarrapear para ali habitar temporalmente e espacialmente. Em outras palavras, saber tarrapear implica está em acordo com os *jogos de saberes e poderes* colocados a operar no território da pesca, ou ainda, permitir-se viver o *tempo presente* constituído não de uma ordem estabelecida, mas sim como sendo uma *variação infinita* do tempo e do espaço de pesca. *“Aqui é assim, cada um para si, o boto entra ai cada um se vira como pode. Cada um se defende como pode. Não tem lugar, pode chegar cedo ou tarde o cara vai onde acha que tem que ir. Às vezes tem uns que são mais educados e respeita o outro. Conforme o peixe é de entrada, aí um fica na frente e aí a gente troca, faz tipo um rodízio. Quando é conhecido todo mundo se respeita a gente faz assim. Agora às vezes chega um e fica lá na frente e não sai, não sai. E assim vai”*.

*“A gente é acostumado a pescar, já tem costume então a gente espera, a gente deduz pela pescaria e atira [tarrafa] né. A gente não atira porque um [pescador-tarrafa] atirou ou o outro atirou”*. Ao acompanhar a fala do *pescador-tarrafa* e sua corrida na beira da praia ficou evidente que a temporalidade da pesca permite desnudar “o tempo da ordem, da coerência, do significado preciso, do aprisionamento de

---

<sup>322</sup> Segundo o *pescador-tarrafa*, *“tudo é o tempo, março, abril, maio, junho, julho é peixe bom de tamanho, aí tu pesca com malha sete centímetro, oito centímetro, entendeu? Daí terminando começa baixar a friagem nós passamos para malha seis centímetros que é lei, a malha permitida. Quando ta ruim acaba vindo peixe pequeno”*.

<sup>323</sup> SKLIAR, 2003, p.38.

tudo o que é vago, a certeza de toda palavra, o futuro certo e seguro de si mesmo, o passado nostálgico do que acreditamos ser e não fomos, ou não pudemos ser”<sup>324</sup>. Trata-se de um jogo de linguagem temporal que é regrado, mas não é rígido, fixo e imutável. O tempo que dura, uma espera que flui de modo a silenciar o correr dos ponteiros do relógio, o tic-tac fora dos clichês que é marcado pelos saltos do boto que não cessam de gerar movimento seja dele próprio, do *pescador-tarrafa*, do peixe, da água, assim como do próprio tempo *presente*, que segundo a perspectiva deleuziana, não deixa de mover-se. A certeza da incerteza envolvendo a presença do boto e de seus saltos possibilita habitar um passado imediato coexistente no presente, a saber, “*ele [boto] pode estar ali e pode não estar ou ele aparece e de repente já se assusta e vai embora*”.

A pesca artesanal é feita de *instantes* repletos de *intensidades* que se pensa e age pela *vontade* de pescar do *pescador-tarrafa*: “*A gente pesca por gosto mesmo, é um vício*”, existe o desejo de pegar o peixe que potencializa seus lances mesmo “*sabendo que pode pegar uma tainha ou como pode pegar dez e o dia passa e, daí o pescador não se faz nada com uma tainha, tem que pegar mais peixe [grifo meu]. Ele se mantém daquilo ali. O pescador tem que girar ou se ele não tá pescando aqui ou ele tem que ir pra casa fazer tarrafa, remendar, entalhar uma tarrafa, que é a nossa profissão*”. Viver a pesca em um *presente vivo* é saber que o tempo pode ser bom ou ruim, ou seja, um tempo que se mede pela quantidade de peixes capturados como se estivesse acompanhando o ritmo de suas águas agitadas, ora mais ora menos. “*Tem o tempo ruim, os meses ruim de inverno, e depois tem os meses bons também, que nem agora estamos chegando perto do verão. Daí começa aparecer os cardumes na beira de praia para nós tarrafearem do lado dos cardumes para dar tarrafada de oitenta, cem tainhas, mas os cardumes envolvem aí quarenta, cinquenta metros quadrados de peixe na nossa frente. Daí a gente consegue dar tarrafada de oitenta, cem, cento e poucas, trinta, quarenta, daí varia. Tudo depende da água para gente vê os cardumes né. Quando é uma água dessa que tá clareando agora que é o vento leste, o sulzinho, tá clareando, se tiver um cardume a gente vê já tudo. Quando a água é mais turva a gente vê uma tainha, pula outra, mas daí arrisca pegar uma, duas ou mais um pouquinho assim, mas daí é mais na sorte. Tem que meter a tarrafa!*”.

“*O pescador ele conhece o peixe né, tanto faz se ele vem correndo numa onda ou se tá em rio ele vem restolha ou sai de morro*

---

<sup>324</sup> SKLIAR, 2003, p.39.

*d'água ou senão espanta os peixinhos e a gente sabe que por baixo daquele peixinho pequeno tem o peixe grande (...). Tudo depende, depende do dia, do vento e da água. Quando a água está mais turva é um peixe sozinho, quando é uma água clara ele já vem mais em cardume né, em bolo, daí vem dez, quinze como pode vim quinhentas numa vez só. Entendeu? Tudo vai depender da água e do tempo [condições de pesca]. E quando o boto tá ajuda o pescador, tem mais chances de pegar mais".* A pesca é constituída por um emaranhado de tempo disposto na infinidade de fluxos atuais, que participam necessariamente de um mesmo todo virtual, em um mesmo tempo impessoal. Um tempo que se vive mais a experiência do que explicações, ou ainda, um tempo *presente* de olhares e saberes que fazem da pesca um acontecimento em devir de cada instante. Quando a pesca acontece é possível perceber que os olhos do corpo, refiro-me a um modo de sentir com o corpo todo, do *pescador-tarrafa* estão atentos, em espreita, até mesmo sorriem, choram e, correm.

*"A gente corre praia para pescar onde tem",* ou ainda, há um espaço para correr e pescar que está diretamente relacionado com o boto-tempo. Assim, as águas da Barra do Tramandaí se misturam e entrecruzam em dois espaços: um liso em que o boto é ausente e um estriado com a presença do boto. Habitar esse espaço é viver o misto em movimento lento e rápido, a-ritmado e ritmado em constante processo de desaceleração e aceleração, e mais ainda deixar ser atravessado por ele. Para o *pescador-tarrafa* é uma questão de estar acostumado, possuir um hábito, gerar conhecimento sobre o *presente vivido* do espaço da pesca artesanal. Contudo, o espaço não é considerado fechado, limitado e já conhecido sem alternância, pelo contrário, é aberto, "igualmente vivo e igualmente desafiador"<sup>325</sup> de modo que sempre há interações outras por serem feitas e até mesmo *surpresas* por acontecer.

*"Numa certa época nós tínhamos baliza aqui, ali na Barra, nós botávamos baliza, mas hoje em dia a gente não botá mais porque ela atrapalha muito, sabe? Então, o pescador com contato com o Sindicato de Pesca e as fiscalizações concordaram em tirar a baliza. Então, o pescador pesca à vontade. Ele pesca à vontade no canal e na coroa que é o mar, que é despontado né, eles chama o pontal. Então, aí a gente já pesca à vontade e já pesca melhor. Porque nós profissionais, se nós esperar pelo veranista [no rodízio], aquele que não sabe, está recém começando na pesca, se ele parar na frente, certamente ele não sabe onde colocar a rede na pesca e, o pescador profissional já sabe".*

---

<sup>325</sup> MASSEY, 2009, p.35.

No mundo da pesca artesanal o movimento de vai e vem das águas também traduzem a conversão do espaço liso para o estriado e do estriado para o liso. Os modos de pensar e agir no espaço são flexíveis, móveis e cambiantes e, estão tramados em multiplicidades numéricas e não-numéricas. Ao habitar o espaço liso o *pescador-tarrafa* está submetido ao que passa e acontece nas linhas que formam o trajeto em que o peixe pode estar, ou seja, não há relações métricas que estimem medidas e distâncias exatas para a captura nem tampouco a ajuda do boto. É um espaço que está em variação contínua, está vivo, faz com que a racionalidade matemática ative modelos de abstração compreendidos nos nuances da água, do vento, do próprio peixe e, até mesmo acione a *vontade* de pegar o peixe ao jogar a tarrafa incansavelmente.

Os *pescadores-tarrafa* se posicionam lado a lado, com uma distância mais ou menos de um metro, uns ficam um pouco mais na frente outros mais retirados, desencontrados, e organizam de modo que cada um possa jogar a tarrafa sem interferir no lance do outro. A distância é móvel e depende da corrida do olhar quando um peixe passa. Trata-se de um espaço livre cujas justaposições dos acontecimentos são estruturadas, ordenadas e normatizadas apresentando a dimensão de uma multiplicidade de durações a partir das interações coletivas. Desse modo, não só os corpos dos *pescadores-tarrafa*, sem a presença do boto, estão no espaço como também o espaço liso está neles, pois existe a interferência mútua que os aproximam. Além disso, é possível estabelecer uma multiplicidade dos corpos de um todo que lhes são idênticos, ou seja, é no e com o espaço que se podem enumerar os corpos, contar as “*tarrafadas*”, medir com os olhos e emergir sensações.

O movimento no espaço liso acontece de forma mais lenta, desacelerada, a-ritmada, existe um descanso para a tarrafa e um estado de espreita que pode ser comparado como uma garça que ronda a beira da praia. O *pescador-tarrafa* espera, dá apenas alguns passos, respira o desejo de pegar o peixe, vive o *presente vivo* estando no “*aqui e agora*”, olha atentamente, posiciona e lança a tarrafa provocando ondulações e estriagem. É possível traçar pontos flutuantes que marcam o espaço e provocam saberes: “*Quando um joga a tarrafa pode ser que o peixe passe aí quem tá do lado joga também, não tem muita regra não, a gente vê mais ou menos e joga. Às vezes dá certo e outras não, tudo varia. Mas também pode coincidir de tarrafear juntos ou ninguém tarrafear*”.

A sucessão de “*tarrafadas*” implica atos da consciência, sensações, qualidades puras, que segundo a perspectiva bergsoniana, tornam-se intensidades. E a partir disso, é que os acontecimentos da pesca são conservados, justapostos e exteriorizados de modo que não necessita fixar lugares, posições, medidas, tempo, gestos e jogos de linguagem. “É um outro espaço e de um espaço outro”<sup>326</sup> que cria linhas potencializadoras da falta de lugares, os não-lugares, a insistência em um aparente único espaço, a reunião ordenada daquilo que parece estar disperso, a negação de outros espaços que não sejam os mesmos, que não sejam a sistemática expansão do mesmo<sup>327</sup>. “*Onde tem peixe a gente pesca*”.

O espaço é despertado do longo sono engendrado<sup>328</sup>, é um lugar de presenças e ausências no qual o desdobramento do liso para o estriado se dá quando o boto aparece. Para o *pescador-tarrafa* trabalhar com o boto é mais fácil, “*ele mostra onde tem peixe pra gente. O boto pula a gente taca em cima*”. O boto é a unidade de medida tanto temporal quanto espacial, ou seja, sua presença determina o tempo e o espaço na pesca artesanal. No que se refere ao espaço, é possível afirmar que ele conduz a estriagem do espaço, ativa valores rítmicos com a repetição dos pulos na água e insere uma multiplicidade de pontos flutuantes numa cadência acelerada. A corrida do *pescador-tarrafa* começa sendo guiada pelo trajeto indicado e condicionado pelo boto, assim o espaço sofre fechamentos e delimitações impondo qualidades visuais mensuráveis. O espaço passa a ser estriado.

Uma vez estriado estabelece um sistema direcional e métrico com perspectiva central que determina os critérios de verdade. Em outras palavras, o boto assume o ponto central do espaço e enuncia verdades sobre onde tem peixe e conseqüentemente onde as tarrafas devem ser jogadas, ou seja, limita as direções e divide o espaço sendo o próprio limitante. A presença do boto insere os modos de espacialização partindo de um espaço liso que se deixa estriar pela eventualidade, surpresa, sorte, “*nova chegada*” e pelo afecto criado entre o *pescador-tarrafa* e o boto. Isso implica no fato de que mesmo vivendo um espaço estriado ele “passa longe de ser morto e fixo, a própria enormidade de seus desafios significa que as estratégias para dominá-lo têm sido

---

<sup>326</sup> SKLIAR, 2003, p. 98.

<sup>327</sup> SKLIAR, 2003.

<sup>328</sup> MASSEY, 2009.

muitas, variadas e persistentes”<sup>329</sup>. Ocorre uma “*virada espacial*” que permite habitar o misto.

### *O tempo entre balizas*

As águas do mar desencadeiam linhas de desvio que escorrem com muita sutileza por diferentes caminhos, passam pelo canal da Barra, mas escolhem ficar e deleitar-se na lagoa - no bairro Tiroleza, Tramandaí/RS - carregam consigo os peixes que seguem em fuga das tarrafadas e dos botos para se aventurem na experiência de um ritmo mais lento. Assim, o movimento que flui, passa, esbarra, respinga, espera, suspende, vai e volta constitui o entrelaçamento entre mar, lagoa, peixe, *pescadores-caíco*, caícos e redes. “E outra vez a necessidade de outro tempo, um tempo outro, uma insistência para um além”<sup>330</sup>. Cada território de pesca cria, por meio da convenção social e cultural estabelecida, seu *regime de saber* e, portanto, seus modos de agir e pensar no *presente vivido*, no tempo ou no espaço. “*Não tem hora pra gente ir também, tanto faz ser de madrugada como na boca da noite, tu é obrigado a ir. O pescador tem que ir na hora que tu vê que vai matar o peixe, porque se tá dando só de noite, como tu vai ir só de dia se não vai pegar nada. Então, não tem horário pra gente sair. Começa segunda e passa direto, não tem domingo, não tem feriado, não tem nada, toda vida foi*”.

Com as idas ao *mar-lagoa* pude observar que a organização dos *pescadores-caíco* é constituída pelo grupo, mas acontece na sua individualidade. Nos momentos de aproximação deste território de pesca fui capturada pelas balizas e caícos<sup>331</sup> que insistiam serem vistos e escutados por mim, convidaram-me para jogar. O jogo de linguagem temporal do *pescador-caíco* inicia com um sorteio<sup>332</sup> que indica a

---

<sup>329</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>330</sup> SKLIAR, 2003, p. 48.

<sup>331</sup> O *caíco* é considerado uma extensão corporal do pescador, pois são as “pernas e pés” que o conduzem pela lagoa. Observei que eles possuem um zelo singular com os *caícos* ao pintá-los e guardá-los em ranchos de pesca que nada mais são do que a extensão de suas casas. Por isso, chamo os pescadores de *pescadores-caíco* pela relação estabelecida entre eles.

<sup>332</sup> Segundo o *pescador-caíco*, o sorteio é realizado no domingo em que os pescadores-caíco que desejam pescar na lagoa se reúnem, geralmente na casa do representante do grupo, e colocam seus nomes em pedaços de papel a serem embaralhados em um saco. Um pescador vai sorteando os nomes e um outro registra no quadro a numeração das balizas com os respectivos nomes.

posição inicial de cada pescador, mesmo que ela represente uma posição de espera para entrar no jogo, e segue a contagem do tempo realizada pelas balizas numeradas, dispostas na lagoa, de modo que o tabuleiro flutuante inicia da última baliza em direção a primeira e inicia novamente o ciclo ou se estabelece um novo sorteio, um rodízio outro. *“A lagoa do nosso lado aqui<sup>333</sup>, cabe no máximo 32 balizas, mas tem quase quarenta embarcações pescando. A distância entre uma baliza é uns cento e cinquenta metros, porque não chega a dar duas redes e duas redes é uns duzentos metros, não no corrido né”*. Esse jogo possui regras particulares ao admitir um número maior de jogadores, *pescadores-caíco*, em relação às balizas dispostas no tabuleiro. Isso implica que oito jogadores esperam para entrar no jogo e consequentemente outros vão saindo para dar lugar a estes, ou seja, o pescador sorteado na baliza 33 entra no jogo para ocupar a baliza 32 quando o pescador que estava na baliza 1 sai do jogo e posiciona-se após o pescador da baliza 40<sup>334</sup>.

Para fazer o jogo flutuar o *pescador-caíco* utiliza uma “moeda” que contém duas faces: uma dia (amanhecer) e outra noite (anoitecer). Se for dia, eles retiram a rede de espera que estava apoiada na sua respectiva baliza mediante o sorteio, se for noite a rede será colocada na próxima baliza. *“Aí cada noite vem pulando né. Se tu botou essa noite passada lá, hoje tu já bota nessa de cá. Começa lá do fim pra frente, que é pra vim pra perto né. Porque se tu começa, daqui, de perto pra longe, se tu não ir pegando nada, quando chega no meio da lagoa tu já desanima. Então, tu começa de lá porque se não der nada, aí tu fura uma noite ou duas, a outra tu vai lá e bota. A tendência é vim mais pra perto. Se chega lá no meio tu desamina, então a gente põe de lá pra cá porque é mais prático”*. O tempo para o *pescador-caíco* é medido pelas balizas que determinam o tempo de espera, de expectativa de pegar mais peixe, de lançar o caíco na água para compor a dança dos caícos que coreografam simultaneamente suas idas e vindas à lagoa, ou ainda, para sair *“um pouco fora da rotina”*. Para o *pescador-caíco* a rotina parece

---

<sup>333</sup> A lagoa está localizada entre as cidades de Tramandaí/RS e Imbé/RS, em ambos os lugares acontece a pesca artesanal e a organização por baliza apenas variando a quantidade de balizas e consequentemente de pescadores. *“Tem o lado da Tiroleza e tem do Imbé aí fica um corredor no meio, meio como se divide uma cidade”*.

<sup>334</sup> Para o *pescador-caíco*, as balizas podem ser negociáveis, a saber, pode acontecer de alguém não querer colocar a rede em um determinado dia e repassar a baliza a outro *pescador-caíco*, mas isso é gerado em comum acordo entre os pescadores.

ser o mundo que está fora da pesca que é regulado por outro tempo que corre, acelera, cobra e regula. No mundo da pesca “o tempo é uma coisa fixa que nada fixa”<sup>335</sup>.

“Agora quando eu saí da primeira baliza, amanhecer para sábado parece que foi, eu não peguei nenhum peixe. A primeira ou a segunda que são as balizas melhores que tem, que é mais malhada. Tu tem mais chance de pegar quando tu vem aqui. Se tu passar aqui e não pegar nada, tu tá ralado. Até tu chegar aqui de novo, que nem eu agora, já termina a safra<sup>336</sup>. Vou chegar aqui quase no fim da pesca, já fecha. Vou chegar aqui lá para o início de dezembro e lá pelo dia quinze já fecha, é só essa rodada. Na outra rodada, se eu puder pescar, eu vou ficar lá no meio da lagoa porque tem quase quarenta baliza. Daí, só falta mais, no caso, treze, quatorze noites. Porque, casualmente, o cara fecha dia quinze né, mas daí eu já paro do dia treze para o dia quatorze. Dia quatorze eu vou ali busco [rede e de preferência com peixe] e já paro. Porque se você botar do dia quatorze para o dia quinze, dia quinze já tá fechada. Se eles [fiscalização] te pegarem com bagre ali. Mesmo que não era para ser assim, porque fecha dia quinze, era para valer de quinze para dezesseis. Porque daí tu botou a rede com a pesca fechada, mas não eles cobram já dia quinze. Tu botou a rede lá a pesca não tava fechada ainda, era dia quatorze, era uma coisa que podia pescar o peixe. Então, para não arriscar o cara já não coloca. Perde mais uma noite”. Diante do jogo de linguagem temporal do *pescador-caíco*, juntamente com a perspectiva deleuziana, é possível afirmar que “o tempo tornou-se-nos inconstante, não-linear e não circular ou, ao menos, não somente constante, linear e /ou circular”<sup>337</sup>. A rodada termina quando completa o ciclo, mesmo que seja indefinida por ter mais ou menos *pescadores-caíco* ou peixes capturados. Experimentar o tempo que dura cada noite e intensificar o desejo de pegar o peixe, viver o presente vivo da pesca, constitui os fluxos que ora são rígidos ora são

---

<sup>335</sup> SKLIAR, 2003, p.60.

<sup>336</sup> Segundo o *pescador-caíco* a organização da pesca por balizas só acontece durante a temporada de pesca ou safra do bagre. Nas demais temporadas de pesca a organização é estabelecida entre eles de modo informal. “Se o tu vê que o cara ta pescando para lá, tu já não vai né. Pode até ir perto, mas vai em outro lugar. Se é a época do camarão aí não o cara pega um lugar e fica ali até o final da temporada, porque dá muito trabalho ficar mudando as redes. Sempre dá camarão para todo mundo”.

<sup>337</sup> SKLIAR, 2003, p. 40.

fluidos e mesmo assim, permitem criar *linhas de fuga* ativadas neste jogo. Assim, “o que se repete é a própria repetição”<sup>338</sup>.

A pesca artesanal é constituída por ações que, mesmo sendo organizadas por um *jogo de saberes e poderes* e o desejo que se instala seja o de pegar o peixe, não possui garantias de obter o resultado desejado, ou seja, existe o lançar das redes, mas os movimentos das águas provocam possibilidades imprevisíveis. Desse modo, “agir nunca é repetir, nem na ação que se prepara nem na ação totalmente preparada”<sup>339</sup>. Isso fica evidente ao perceber o imbricamento entre a certeza e a incerteza, a exatidão com a inexactidão, o tic-tac do relógio e o tempo entre balizas, do encontro e desencontro entre *pescadores-caíco* e peixe. Os *fluxos de intensidade* da pesca não constituem dicotomias, mas presentes simultâneos que se sucedem, imbricando-se uns nos outros. Mesmo que se tenha a impressão de que por mais fortes que sejam as incoerências ou as oposições possíveis dos presentes sucessivos, cada um deles leva a ‘mesma vida’ num nível diferente. A liberdade está em escolher um nível diante de uma infinidade de outros níveis possíveis<sup>340</sup>. “*Tu bota a rede e vai jogar a com sorte. Tu aposta numa coisa e tomara que dê. É um jogo! Tu bota tua rede lá prepara da tua maneira. Cada um tem um modelo, prepara de uma maneira, um coloca a rede bem atada, outro bem esticada, outro atravessada. Cada um faz de um jeito. Ah, minha rede hoje vou pegar bem aí tu chega lá não tem nada. E no dia que tu acha que não tem nada, chega lá tá cheio. A pesca é uma espera, é uma tocaia. Tu fica ali esperando. O peixe entra bati ali e tu fica esperando*”. O jogo de linguagem temporal segue flutuando de modo que “*a gente tem horário para botara rede e para tirar. Por enquanto, eles [fiscalização] tão deixando a gente colocar das 4h em diante, e de manhã [retirada da rede] o horário da portaria é até as 8h, mas eles estão deixando até as 9h por causa do horário de verão. Agora no verão vai umas cinco horas tá bom*”.

Pude aprender que a regra desse jogo “é que não se pode ir mais depressa que seu próprio presente, ou, antes, que seus presentes”<sup>341</sup>. O *presente vivido* do *pescador-caíco* e até do mesmo peixe é calmo e sereno, de modo que o tempo flui lentamente como o lançar da rede de espera que sabe esperar, sabe ficar cheia ou vazia seja de peixe ou de expectativa. É um *tempo vivido* na temporada do bagre que insiste

---

<sup>338</sup> DELEUZE, 1988, p.463.

<sup>339</sup> Ibidem, p.135.

<sup>340</sup> DELEUZE, 1988.

<sup>341</sup> Ibidem, p. 138.

enunciar: “*O peixe é só quando ele entra aqui na lagoa. Quando a maré enche mais com esse vento também que dá o bagre né, o vento nordeste. O vento sul, o sul aqui que é o vento minuano que nós falamos também ele até dá e pega uns bagres, mas é só na primeira noite que ele dá o vento. Depois que dá uma semana aí de vento sul, não precisa nem botar. A primeira noite dá, se a maré encher né. O bagre só entra para a lagoa com a maré de enchente. O nordeste não, o melhor vento que tem para o bagre é o vento nordeste. Aí se durar uma semana [vento], uma semana dá dando [peixe]. Se a maré ser boa né, a maré vaza de dia e de noite ela enche, daí pega. Agora se a maré encher de dia também, que nem hoje ela encheu estando de dia, de noite ela vazou muito aí ele já não entra por causa da força d’água*”. Em curtas palavras, “*pescador é senhor do tempo e do vento*”.

A lagoa por sua vez é um espaço onde tanto o peixe quanto o *pescador-caíco* escolhem habitar ou são escolhidos por ela para viver um “mar” de possibilidades. Um espaço potente para a criação, o novo e vibrações outras que permitem processos de territorialização e desterritorialização. A lagoa se dissolve em um espaço liso e um espaço estriado que tem como fator determinante o trajeto percorrido, ou seja, a presença ou não das balizas. No que diz respeito ao espaço liso, o *pescador-caíco* torna-se nômade ao flutuar, deslizar e misturar os caminhos que são marcados “apenas por ‘traços’ que se apagam e se deslocam com o trajeto”<sup>342</sup>. Ele próprio cria condições de possibilidade de desterritorialização e reterritorialização da lagoa ao vivê-las em sua intensidade na ausência de balizas.

Fora da temporada da pesca do bagre, quando ocorre o balizamento, o espaço liso não apresenta multiplicidade numérica, ou seja, “o número já não é um meio para contar nem para medir, mas para deslocar: é em si mesmo aquilo que se desloca no espaço liso”<sup>343</sup>. O número embarca no caíco como ocupante móvel onde os pontos e linhas estão emaranhados nos acontecimentos ou hecidades, segundo Deleuze e Guattari, que se relacionam com as qualidades tácteis e sonoras. Em outras palavras, é um espaço com aberturas para as sensações, ruídos, sons, fissuras, *linhas de fuga* que abriga conexões outras, lugares outros e até mesmo caícos outros. Basta habitar a lagoa para não ir de um ponto ao outro – de uma margem a outra -, mas sim viver o *presente vivo* a partir de qualquer ponto. É estar presente no *presente* em todas as direções sejam elas centrais ou periféricas.

---

<sup>342</sup> DELEUZE, 1997, p. 52.

<sup>343</sup> Ibidem, p. 65.

Por outro lado, “são necessários trajetos fixos, com direções bem determinadas, que limitem a velocidade, que regulem as circulações, que relativizem o movimento, que mensurem nos seus detalhes os movimentos relativos dos sujeitos e dos objetos”<sup>344</sup>. Para evitar que a lagoa “transborde” o liso vira estriado, o trajeto vira costureiro e o ponto vira baliza. Isso consiste em distribuir aos *pescadores-caíco* um espaço fechado, estriado, organizado, estruturado e fixado que atribui a cada um sua parte, seu lugar nele, criando territórios de pesca a partir de uma convenção coletiva. O espaço estriado limita as direções ao considerar o balizamento como centro, estabelece fronteiras inserindo as balizas e é deslocado de um ponto ao outro, tem um começo e um fim, como um rodízio.

*“Todo dia tú coloca numa baliza e vem contando de trás para frente até chegar na um, quando chega na um tu torna a voltar lá para trás de novo. Então todo dia a gente muda a rede, todo dia a gente faz esse rodízio, muda de baliza. Tira de uma posição bota na outra. Tira de uma posição bota na outra. Todo mundo faz a mesma mudança, todo mundo muda a baliza. Eu mudo para essa, o parceiro muda para outra, o outro vai mudando, vai mudando. Todos os dias têm que mudar a rede, então todo mundo muda a rede. A não ser que dê um temporal muito forte que não dá para ir naquele dia, aí no outro dia dá a gente vai tira e muda também. É assim que funciona, todo dia a gente vai mudando. Depois quando chegar aqui na primeira de novo torna a voltar lá atrás de novo, **para todo mundo poder pescar, para ter espaço para que todo mundo pesque**”*[grifo meu].

A organização por balizas formaliza e condiciona os modos de pensar e agir dos *pescadores-caíco* de forma que, fixadas as distâncias e estabelecido o rodízio, tem-se o estriamento do espaço de pesca. O sistema métrico está bem definido, invariável, cujo *número numerado* dita as regras e o coloca para funcionar, ou seja, isomorfismos são constituídos entre um *pescador-caíco* e o número da baliza (seu lugar no espaço), entre o número da baliza e o tempo de um dia. O espaço torna-se sedentário, acomoda-se com a estrutura criada e, portanto, estabelece o distanciamento da comunicação com o espaço liso. Isso implica que as linhas que permanecem móveis e flexíveis são aquelas formadas pelo próprio *pescador-caíco* que ali transita com o desejo de pegar o peixe e as redes que esperam flutuando com o movimento das águas.

*“A distância de uma baliza a outra dá cento e cinquenta metros. No dia que a gente faz a marcação a gente pega uma corda com*

---

<sup>344</sup> Ibidem, p. 59-60.

*uma bóia e vai com o caíco. Aí aqui está essa baliza aí eu passo do lado quando chegar lá na outra eu paro aí eu meço a distância dessa na outra. Aí depois eu vou arrastando a bóia e quando chega lá marca de novo, chega na outra marca de novo. Uma da outra não dá meio metro de diferença, é tudo certinho. A distância tem que ser calculada porque senão não cabe todas as balizas, a extensão de água é pouca, né? Então não cabe todas as balizas. Então a gente bota cento e cinquenta metros, é puxado e mede-se uma corda de cento e cinquenta metros amarra uma bóia e vai arrastando ela. Quando a bóia bateu naquela baliza crava outro pau e vai indo e crava outro pau. Daí vem um [outro pescador-caíco] cravando as balizas mais grossas. Tu vai marcando com as taquarinhas para marcar e vem outro botando as balizas grossas. Faz isso aí e dá tudo certo”.*

*“A lagoa tem um canal aí do meio pra lá a gente bota, daí o outro da parte do Imbé bota do meio da lagoa pra lá. Só que dessa baliza até a outra dá mais ou menos uns trezentos metros ou mais, uns quatrocentos metros de valo – a gente chama de valo que é onde passa o peixe. Porque as balizas são desencontradas, essa é aqui e a outra é um pouquinho mais pra cá, a outra um pouquinho mais pra cá. Então as balizas são desencontradas para o peixe bater e pegar alguma coisa, porque se ficar uma atrás da ninguém pega nada. E o valo a gente deixa bem largo que é para a passagem do peixe dividir pra os dois lados. Lá é o Imbé e aqui Tramandaí. A lagoa é uma só mas é assim dividida por balizas”.*

A estriagem permite a criação de um *metro-padrão*, sugerido por Wittgenstein, que exerce um padrão peculiar no jogo de medir com o metro<sup>345</sup>. Cada marca, a baliza, guarda a repetição de pontos equidistantes que ao formarem linhas dão abertura para uma margem de erro que “dá certo” – deslizam-se ao encontro do “mais ou menos” - e assim, desencontram-se da exatidão rígida que paralisa. A necessidade de medir nada mais é do que acomodar, fazer caber, os desejos, a expectativa e a espera, é dar tempo e espaço para a pesca. Isso implica que dividir a lagoa, dividir o espaço, é dividir a oportunidade de pegar o peixe, é dividir a sorte. O mesmo acontece com o *pescador-caíco-padrão* ele habita o liso e o estriado, ele escolhe a lagoa para ficar.

---

<sup>345</sup> Wittgenstein recorre ao metro-padrão de Paris para evidenciar que o uso da unidade de medida metro é peculiar ao jogo de linguagem a que pertence. “De uma coisa não se pode afirmar que tenha 1m de comprimento nem que não tenha 1m de comprimento: do metro-padrão de Paris” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 43, §50).

## *Entrelaçando tempo e espaço do mar-lagoa*

Mais desafiador do que buscar entender o tempo e o espaço do *Outro* - como o tempo e o espaço são *vividos* pelos *Camaradas D'água* -, é tramar essas linhas móveis em um emaranhado de semelhanças de família e tecer redes outras de descontinuidades. A partir dos jogos de linguagem entre o *pescador-maricultor*, o *pescador-temporário*, o *pescador-tarrafa* e o *pescador-caíco* pude perceber como inferem a medição do tempo e do espaço e mais do que isso, como os dividem. Em outras palavras, no mundo da pesca artesanal de cada *mar-lagoa* o tempo pode ser dividido em *cronos* e *aion* e o espaço pode ser *liso* e *estriado*, ambos estão atrelados ao movimento dos acontecimentos, eventualidades de todo dia.

Embora as formas de vida sejam distintas e não convivam diretamente com o mesmo tempo e espaço, respiram conjuntamente o ar da pesca, aspiram pegar o peixe e esperam. Sem ter a pretensão de supor uma essência dos modos de pensar e agir dos *Camaradas D'água*, assim como pressupor uma identidade cultural única e pura, é possível colocar os jogos de linguagem para “jogar”, ou seja, na perspectiva wittgensteniana, consiste traçar os “elos de ligação entre os fenômenos que descreve”<sup>346</sup>. Início pelo elo que estabelece a racionalidade matemática, existente na operacionalização do tempo e do espaço da pesca, como sendo uma *ciência menor ou nômade* que apresenta uma geometria analfabeta, amétrica, despreendida da *ciência maior*. “As *ciências menores* não têm qualquer pretensão de totalidade, de vida eterna, convivendo pacificamente com a contradição. Têm vocação solidária, dispensam a necessidade de atribuir para si uma autoria do conhecimento”<sup>347</sup>.

O uso do termo *ciência menor* não implica que seja inferior à *ciência maior*, mas que em seus problemas se coloca e se resolve de modo inteiramente outro<sup>348</sup>. É uma geometria livre, legítima, descentralizada e desprentensiva de “obter o mesmo estatuto conferido a esta ciência [maior]”<sup>349</sup>, constitui *jogos de saberes e poderes* independentes.

A *ciência menor* distancia-se da *ciência maior* justamente por resistir afirmações generalizáveis, um modelo totalitário na medida em que

---

<sup>346</sup> GLOCK, 1998, p. 324.

<sup>347</sup> DUARTE; TASCETTO, 2013, p. 113.

<sup>348</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997.

<sup>349</sup> DUARTE; TASCETTO, 2013, p. 113.

negam outras formas de conhecimento que não se pautam pelos seus princípios epistemológicos e regras metodológicas e, teorias com hierarquias, divisões e ramificações<sup>350</sup>.

Os *Camaradas D'água* são atravessados pelo conjunto de elementos vitais da pesca - a saber, as marés (água), os ventos e a lua (fases da lua) – que fornecem *condições de possibilidade* para viver o tempo e habitar o espaço. No que se refere ao tempo, é possível afirmar que ele é *cronos* quando enumera a continuidade de um tempo sucessivo considerando o movimento linear e cíclico das horas, dias, noites, fases da lua, orientação dos ventos e temporadas de pesca regulando os modos de ser e estar nele. É um tempo independente da experiência, não importa o que vai acontecer os ponteiros continuam tiquetaqueando para além de uma realidade sensível, ou seja, opera de modo objetivo, absoluto, verdadeiro, universal e até mesmo despercebido ou inquestionável. Aos quatro *mar-lagoa* o tempo é também vivido de forma determinada, uniforme e constante, ou seja, participa do jogo do tempo clichê, mas não só dessa forma.

Ao intervir o tempo *cronos* na pesca, o presente torna-se limitado mesmo sendo infinito, existe a contagem das coisas que duram - por exemplo, a temporada que dita quais e como os peixes podem ser pescados – fato este que aprisiona os corpos supondo que o tempo já estivesse todo desenrolado, fechado em si mesmo. O presente absorve o passado e o futuro. Embora o efeito provocado satisfaça algumas vivências na pesca não o abarca como um todo, pois o engessamento dos ponteiros não dá conta de medir o fluir da água. A previsibilidade das horas remete ao desprendimento delas, o tempo é medido com a unidade “mais ou menos” – “*saímos para pescar “umas” quatro horas da manhã*” - criando *linhas de fuga* para outros tempos.

O movimento e o tempo coexistem de modo que os momentos de lentidão provocados pela espera do peixe e a agitação que se dá na “corrida” para pegá-lo, oscilam e marcam a intensidade de um *presente vivo*. É como se os ponteiros do relógio fossem afrouxados tornando-se sincopados<sup>351</sup>, pois o tempo da pesca corre, escorre, flui, dura, inicia, termina, recomeça, sopra, ilumina, escurece, aumenta, diminui e suspende. Assim, mais do que viver um tempo *cronos* os *Camaradas D'água* vivem um tempo *aion*. O tempo é peixe e o peixe não tem hora.

---

<sup>350</sup> DUARTE; TASCHETTO, 2013.

<sup>351</sup> Síncope é uma figura rítmica, utilizada na composição musical, que cria um deslocamento da acentuação rítmica, assim o som opera no deslizamento do tempo forte para o tempo fraco.

Existe a mistura, impureza, de uma combinação rítmica outra que é provocativa no sentido de que o tempo deixa de ser aquele que insiste em passar para ser aquele que dura, à sua maneira, e se constitui no tempo constituído. Vive-se um *tempo-sem-tempo*.

Um tempo outro que é simultaneamente múltiplo e único, finito e ilimitado que se insere pelos *presentes encaixados* vividos na e pela pesca como um acontecimento em devir em cada instante. A maré *pode* mudar, o vigia *pode* avisar, o boto *pode* pular, a baliza *pode* ser a primeira e o peixe *pode* aparecer, pois o que determina a unidade temporal é justamente a certeza da incerteza e a precisão da imprecisão que desnudam o tempo. Os *Camaradas D'água* desenrolam o tempo como desenrolam suas redes que passam de mão em mão sem atropelos, dobram e desdobram expectativas e desejos, guardam e lançam olhares e saberes inseridos mais na experiência de que a espera vire pesca, pelo presente sensível e tátil, do que por dispositivos reguladores. “A vida [na pesca] é a espera do que pode ser vivido”<sup>352</sup>.

O tempo percebido, *vivido*, insere diferentes ritmos em suas durações que são marcados pela “onda cá” e “onda lá” sempre em vias de atualizar-se, não apenas ditam o tempo como descrevem as trajetórias para a criação de um espaço para habitar. É nas águas de cada *mar-lagoa* que se abriga formas de conhecimento e princípios de diferenciação de sensações e percepções, um *corpo sem órgãos*. Um espaço que é ocupado sem ser medido e faz intervir nuances de sons e cores da água, do vento e da lua. É um espaço liso por si mesmo constituído por acontecimento, espera, desejo, olhar, gesto, sorriso, silêncio e fala. Os *Camaradas D'água* vivem um tempo e habitam um espaço que enunciam saberes a partir/com os olhos, o espírito e o corpo todo, estão situados no “aqui e agora” com “os “aqui” e os “agora” sempre novos, diversamente distribuídos”<sup>353</sup>.

Cada *mar-lagoa* é um espaço vivo que pode ser *nômade* e/ou *sedentário*, pode flutuar, deslizar e misturar os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar. O *mar-lagoa* é habitado de modo *liso e/ou estriado* e transita do liso para o estriado e do estriado para o liso. Trata-se de um *entre-lugar* emaranhado de misturas, impurezas, hibridismos e cruzamentos que abriga o desafio de estriar um território movente, fixar estacas na água, cercar o peixe em movimento e lançar as redes. Existe a necessidade de

---

<sup>352</sup> COUTO, 2012, p. 206-207.

<sup>353</sup> DELEUZE, 1988, p. 17.

impor limites, definir as qualidades visuais mensuráveis e delimitar onde a pesca artesanal acontece sem estabelecer fronteiras.

O desejo de pegar o peixe ativa a *vontade* de organizar, ordenar, estruturar, reger e medir tanto o tempo quanto o espaço, ou seja, é preciso criar linhas moventes de contagem, medição e abstração para ocupar o *mar-lagoa* e acomodar uma orientação ou regulagem dos modos de pensar e agir dos *Camaradas D'água*. O mundo da pesca artesanal é constituído pela bagunça organizada ou pela organização bagunçada que me fez entender que as relações métricas podem estar tão fixas quanto se queira, mas sempre serão atravessadas pelos axiomas que flutuam, correm e escorrem na medida em que se movimentam com as águas dos acontecimentos. É um tempo e espaço outro que potencializa viver diferentes multiplicidades métricas e não-métricas.

Situados em cada *mar-lagoa*, os *Camaradas D'água* não só apresentam semelhanças de família ao viver o tempo e habitar o mundo da pesca artesanal e, a repetição nos modos de conhecer que se dão pela maré, vento e lua, mas também traçam linhas de descontinuidades ou diferenças. Isso implica dizer que cada pescador artesanal possui um modo de ser e estar pescador artesanal compondo uma pluralidade de “eus-pescador”, fato este que provoca desconforto ao supor generalização e uma única identidade. “Todas as identidades são apenas simuladas, produzidas como um “efeito” ótico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e repetição”<sup>354</sup>. A repetição acionada pelas semelhanças de família guarda diferença e ativa a transgressão, ou seja, a própria repetição cria linhas de fuga, do novo, do inesperado e da intensidade. “A tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença”<sup>355</sup>, pois o tempo e o espaço são por si próprios repetitivos.

Dito isso, proponho outro “jogo”, um jogo de linguagem por imagens que apresenta a composição de uma sequência de *águas-fotos* que dialogam sobre os momentos do cotidiano que vivenciei juntamente com os *Camaradas D'água*. A pretensão foi que ao percorrê-la o leitor “jogue”, dialogue, deixe-se afetar com as imagens. Trata-se de um exercício sensível de silenciar a escrita e ouvir o que as *águas-fotos* têm a contar.

---

<sup>354</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>355</sup> DELEUZE, 1988, p. 16.

*Com o movimento das águas, torna-se outro*



Figura 7: **Tainha 8**  
Fonte: PEREIRA, 2012.



Figura 8: **Tainha 6**  
Fonte: PEREIRA, 2012.



Figura 9: **Tainha 2**  
Fonte: PEREIRA, 2012.



Figura 10: **Um pedacinho perdido no mar**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 11: **Ladrilhos contam: o mar está pra peixe**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 12: **Um cantinho... um rancho**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 13: **Entre lanternas e ostras**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 14: **Pescador-maricultor, mãos que remam**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 15: **A língua do linguado**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 16: **Embarcação adormecida**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 17: **Maré baixa a encobrir lanternas**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 18: **Canoa e rede que esperam**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 19: **Vai ter pesca hoje?**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 20: **Um território... um desejo**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 21: **Um lugar para parar**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 22: **Um cardume de pescadores-temporário**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 23: **O tempo é peixe**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 24: **Um rancho de expectativa**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 25: **Canoa! Cano!**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 26: **Tainha na água, tainha na brasa**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 27: **Prato do dia**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 28: **Esperando por um instante**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 29: **Um pra lá, um pra cá**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 30: **Uma rede que descansa**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 31: **A rede passa de mão em mão**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 32: **Aqui canoa tem pedais**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 33: **A pesca é uma festa!**  
Fonte: Arquivo pessoal enviado pelo pescador-temporário



Figura 34: **Um espaço de acontecimento**

Fonte: Arquivo pessoal enviado pelo pescador-temporário



Figura 35: **Cada um com seu quinhão**

Fonte: Arquivo pessoal enviado pelo pescador-temporário



Figura 36: **A pesca é dia, a pesca é noite**

Fonte: Arquivo pessoal enviado pelo pescador-temporário



Figura 37: **Senhores do tempo e do vento**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 38: **Sabe tarrafejar? Pode entrar!**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 39: **Espaço liso que se deixa estriar**  
Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 40: O peixe pula na água, pula na areia**  
Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 41: A sorte de uma espera**  
Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 42: O que se faz com um peixe só?**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 43: **Um tempo marcado pelo boto**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 44: **Um presente vivido**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 45: **Um espaço de olhares e silêncios**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 46: **Um instante de parada**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 47: **Um tempo sem tempo**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 48: **Na corrida com o boto**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 49: **Canoa-bicicleta ou bicicleta-canoa?**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 50: **Tarrafa lançando desejos**

Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 51: Se tem vento, tem peixe!**  
Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 52: O peixe virou festa**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 53: **Uma lagoa estriada**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 54: **A pesca é todo dia!**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 55: **Rancho de partidas ao encontro da espera**  
Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 56: Pescador-caíco nas malhas da sorte**

Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 57: Um tempo que dura**

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 58: **Um caíco em suspensão**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 59: **Na espreita de uma baliza**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 60: **Nas malhas da pesca artesanal**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 61: **Redes que esperam**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 63: **A dança dos caícos**  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 62: **Rumo às balizas da vida**  
Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 64: Nas águas fui  
feliz, aprendi e desaprendi**

Fonte: Arquivo pessoal

**Nas margens de mim**

*(Teatro Mágico)*

Eu me senti como um rei  
Me larguei, dormi, nas margens de mim  
Me perdi por querer, eu não fiz, não fui  
Me desaprendi

Eu quis prestar atenção  
Tudo o que é menor, mais lento e baldio  
Deixo o rio passar tão voraz, veloz  
Me deixo ficar

Quando o sol acena bate em mim  
Diz valer a pena ser assim  
Que no fundo é simples ser feliz  
Difícil é ser tão simples  
Difícil é ser tão simples  
Difícil mesmo é ser

Me recolhi, fiquei só  
Até florescer  
Desapego e raiz, improviso e razão  
Canto pra colher, agora e aqui

De qualquer maneira parte em mim  
Diz valer a pena ser assim  
Que no fundo é simples ser feliz  
Difícil é ser tão simples  
Difícil é ser tão simples  
Difícil mesmo é ser





*Recolhendo as redes...*



## *Recolhendo as redes*

Que pensas fazer, Podíamos ficar a viver aqui, eu oferecia-me para lavra os barcos que vêm à doca, e tu, E eu, Tens com certeza um mester, um ofício, uma profissão, como agora se diz, Tenho, tive, terei se for preciso, mas **quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver(...)**<sup>356</sup>.

Chegou o momento de recolher as redes, olhar ao entorno e aportar na ilha desconhecida, mesmo que seja provisoriamente, para contar como me tornei outra, uma *pesquisadora-pescadora*. Ao “mergulhar” em outras formas de vida fui afetada por diferentes sensações e pensamentos que provocaram deslocamentos de mim mesma e ativaram diferentes usos, sentidos, significados de estar no mundo. Nesta pesquisa-pesca a maré movimentou, o vento soprou e a lua iluminou para pegar o peixe-resposta, mesmo que provisório e in(concluso), pois nas águas de cada *mar-lagoa* fui feliz, aprendi e desaprendi. Busquei tecer entendimentos – às vezes desentendimentos – sobre uma racionalidade matemática que estivesse entrelaçada com os modos de habitar o tempo e o espaço vivenciados pelos pescadores artesanais.

Pude perceber que mais do que ser pescadores artesanais, eles são *Camaradas D'água*, mas também camaradas de força, de persistência, de atenção, de simplicidade, de fraternidade, de expectativa, de espera, de calma, de saber e de poder. Cada um deles ensinou um modo de ser e de fazer distintos, mas o desejo era um só: pegar o peixe. Aprendi com eles que a pesca artesanal além de ser um trabalho, fonte de renda e sobrevivência, é uma fonte de amor pelo que se faz que alivia o calor, o frio, a dor, a impaciência, o desânimo e o controle. É agir com sabedoria para enfrentar *um tempo que dura*, seja na alegria marcada pela fartura ou na tristeza pela escassez. Viver na e da pesca é viver uma rotina-sem-rotina, pois assim como na vida, mesmo que a “sorte” possa ajudar, é preciso lançar as redes todos os dias.

Os jogos de linguagem matemáticos utilizados pelos *Camaradas D'água* ensinam a prestar atenção àquilo que nos cerca, – àquilo que me cerca - como o movimento da maré, o sopro do vento, a

---

<sup>356</sup> SARAMAGO, 1998, p.40, [grifo meu].

fase da lua, o correr do peixe, a pegada na areia enunciam o fluir da pesca, da vida, e nos fazem aproveitar os instantes em que o boto aparece, o cardume mancha o mar, o peixe malha, o rodízio corre, o rádio toca, os passarinhos cantam e as ondas tiquetacam. Em outras palavras, treinam o olhar para “tudo o que é menor, mais lento e baldio. Deixo o rio passar tão voraz, veloz, me deixo ficar”<sup>357</sup>. No mundo da pesca artesanal o tempo permite ter tempo, mas não um tempo clichê contado pela rigidez dos ponteiros. Falo de um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e para. O tempo é peixe. Contudo, não só o tempo, mas também o espaço é peixe. Um espaço liso, nômade, simples, vivo que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar.

Nesta busca de compreender o tempo e espaço do Outro, pude tecer entendimentos de que mais do que medir o tempo vive-se ele e mais do que medir o espaço habita-se nele. Isso implica que o tempo é dividido em *cronos* e *aion* e o espaço pode ser liso e estriado. O tempo é *cronos* quando existe a necessidade de organizar, ordenar, estabelecer critérios como, por exemplo, enumerar a continuidade de um tempo sucessivo considerando o movimento linear e cíclico das horas, dias, noites, fases da lua, orientação dos ventos e temporadas de pesca regulando os modos de ser e estar nele. É um tempo que opera de modo objetivo, absoluto, verdadeiro, universal e até mesmo despercebido ou inquestionável durante a contagem das coisas que duram ou ainda, funciona aprisionando e regulando os corpos supondo que o tempo já estivesse todo desenrolado, fechado em si mesmo.

O movimento e o tempo coexistem de modo que os momentos de lentidão provocados pela espera do peixe e a agitação que se dá na “corrida” para pegá-lo, oscilam e marcam a intensidade de um *presente vivo*. A previsibilidade das horas remete ao desprendimento delas, o tempo é medido com a unidade “mais ou menos” –criam-se *linhas de fuga* para outros tempos - é como se os ponteiros do relógio fossem afrouxados, tornando-se sincopados operando em outro sistema de referência, um *tempo-sem-tempo*, chamado *aion*. Um tempo outro que é simultaneamente múltiplo e único, finito e ilimitado que se insere pelos *presentes encaixados* vividos na e pela pesca, um acontecimento em devir em cada instante. O que determina a unidade temporal é

---

<sup>357</sup> Trecho da música *Nas margens de mim* composta por Fernando Anitelli e Leoni, presente no álbum *A Sociedade do Espetáculo (2011)*, interpretada pelo grupo Teatro Mágico. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/nas-margens-de-mim.html>>. Acesso em: 17. set. 2015.

justamente a certeza da incerteza e a precisão da imprecisão que desnudam o tempo.

A obrigação de viver e sentir o “agora”, o acontecimento que nos impossibilita saltar o intervalo de tempo é a mesma que nos faz parar e habitar o “aqui” e habitar um espaço para deixar-se ficar. Foi nas águas de cada *mar-lagoa* que aprendi que um espaço pode ser ocupado sem ser medido, sendo constituído por acontecimento, espera, desejo, olhar, gesto, sorriso, silêncio e fala. Os *Camaradas D’água* vivem um tempo e habitam um espaço que enunciam saberes a partir/com os olhos, o espírito e o corpo todo, estão situados no “aqui e agora” com “os “aqui” e os “agora” sempre em vias de atualizar-se.

O *mar-lagoa* é habitado de modo *liso e/ou estriado* e transita do liso para o estriado e do estriado para o liso. Trata-se de um *entre-lugar* que abriga o desafio de estriar um território movente que exige, em alguns momentos, impor limites, definir as qualidades visuais mensuráveis e delimitar onde a pesca artesanal acontece sem estabelecer fronteiras. O mundo da pesca artesanal é constituído pela bagunça organizada ou pela organização bagunçada que me fez entender que as relações métricas podem estar tão fixas quanto se queira, mas sempre serão atravessadas pelos axiomas que flutuam, correm e escorrem na medida em que se movimentam com as águas dos acontecimentos. É um tempo e espaço outro que potencializa viver diferentes multiplicidades métricas e não-métricas.

“Aprender matemática, nesse sentido, é compartilhar significados em diversos usos, penetrar nos diferentes jogos de linguagem”<sup>358</sup>. Na perspectiva wittgensteiniana, não há jogos de linguagem melhores ou piores o que existe são jogos de linguagem diferentes. Nesta mesma linha caminha “o cuidado, por parte dos pesquisadores em Etnomatemática, de evitarem tratar essas “outras matemáticas”, “selvagens”, “populares” como se fossem imperfeitas, inacabadas que demandariam um trabalho científico de purificação e de transposição científica”<sup>359</sup>. No entanto, não significa que a “Matemática dos pescadores artesanais” ou “outras matemáticas” não possam minar os territórios escolares e acadêmicos como força de resistência em relação à Matemática Acadêmica<sup>360</sup>.

Isso me provoca a pensar, a partir dessa pesquisa-pesca, como poderiam ocorrer atravessamentos que minariam o tempo e o espaço

<sup>358</sup> MIGUEL; VILELA & MOURA, 2012, p.10.

<sup>359</sup> DUARTE; TASCHETTO, 2013, p.115.

<sup>360</sup> DUARTE; TASCHETTO, 2013.

naturalizados na Educação Matemática para criar *linhas de fuga* de um tempo e espaço outro? Este é apenas um devaneio para um lance de rede outro. Por ora, basta a junção dos fios da rede, mas sem colocar um nó final, e contar quem sou na ilha desconhecida. Afinal, a Ilha desconhecida está à procura de si mesma<sup>361</sup> e, ainda ouço a voz do cantor<sup>362</sup> que diz “*quem é do mar não enjoa, não enjoa*”...

---

<sup>361</sup> SARAMAGO, 1998.

<sup>362</sup> A música *Quem é Do Mar Não Enjoa* foi composta pelo cantor Martinho da Vila em 1969. A letra da música está disponível em: <<http://letras.mus.br/martinho-da-vila/285175/>>. Acesso em: 10. fev. 2015.

## *Referências*

AGOSTINHO, Santo. O homem e o tempo. In: **Confissões**. Livro XI. São Paulo: Nova Cultural, p. 234-257, 1999.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus Editora, 2010.

ARISTÓTELES, Book IV. In: **Physica**. London: Oxford at the Clarendon Press, v. 2, 1953.

BARRETO, Márcio. **O anacronismo do tempo**: um debate atual entre Einstein e Bergson. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

BELLO, Samuel Edmundo Lopez. Jogos de linguagem, práticas discursivas e produção de verdade: contribuições para a educação (matemática) contemporânea. **ZETETIKÉ: Revista de Educação Matemática**. São Paulo: UNICAMP, v. 18, número temático, 2010, p. 545-587.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Duração e Simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CARVALHO, Juciara Guimarães. Experiência Etnomatemática: uma proposta pedagógica à luz da Etnomatemática e suas perspectivas de pesquisa. **Anais do Simpósio Educação Matemática em Debate (SIMPEMAD)**. Joinville, SC: UDESC, p. 317-329, 2014.

CARVALHO, Juciara Guimarães; DUARTE, Claudia Glavam Duarte. Diálogos entre Imagem, Sujeito Pescador Artesanal e Sujeito Pesquisador em Etnomatemática. **ALEXANDRIA, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis: UFSC, v.8, n. 2, p. 107-122, 2015.

- CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **As teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2004.
- CORAZZA, Sandra Mara. Didaticário de criação: aula cheia, antes da aula. **XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE)**, UNICAMP, Campinas, 2012, p. 235-241.
- COSTA, Marisa Vorraber. Uma Agenda para Jovens Investigadores. In: COSTA, MarisaVorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 139-153.
- COUTO, Mia. Nas águas do tempo. In: **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 9-14.
- \_\_\_\_\_. **A Confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. O pescador cego. In: **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 93-105.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DALMAZIO JUNIOR, Valdir. **Genealogia e Etnomatemática: por uma insurreição dos saberes sujeitados**. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica). Florianópolis: UFSC, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O abecedário de Gilles Deleuze**, 1989. Disponível em:<<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>.
- \_\_\_\_\_. O que é um dispositivo? In: **O mistério de Ariana**. Lisboa: Editora Vega, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1; Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v.5; Tradução Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUARTE, Claudia Glavam. **A “realidade” nas tramas discursivas da educação matemática escolar**. Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

DUARTE, Claudia Glavam; TASCHETTO, Leonidas Roberto. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **ALEXANDRIA: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis:UFSC, v.6, n.1, p. 105-118, 2013.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FANTIN, Mônica. **Jogo, Brincadeira e Cultura na Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: UFSC, 1996.

FERREIRA, Ricardo A; HELAYÚEL-NETO, José A; SIQUEIRA-BAPTISTA, Rômulo; JESUS, Vitor L. B; SIQUEIRA-BAPTISTA, Rodrigo. O espaço e o tempo, entre a ciência e a filosofia: notas para o ensino de física. **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**. Florianópolis, SC, 2009, p. 1-10.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Belo Horizonte: Vega, 1992.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Verdade e Poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis: UFSC, 2013.

GERDES, Paulus. Etnomatemática e educação matemática: uma panorâmica geral. **Revista Quadrante**, Lisboa, v.5, n.2, p. 105-138, 1996.

GIDDENS, Anthony. Métodos de investigação. In: **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GIONGO, Ieda Maria. **Disciplinamento e resitência dos corpos e dos saberes: um estudo sobre a educação matemática da Escola Estadual Técnica Agrícola Guaporé**. Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: UNISINOS, 2008.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

GUIA FLORIPA. (Org.) **Ilha da Magia**. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/cultura>. Acesso em: 29. jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Santo Antônio de Lisboa**. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/santo-antonio-de-lisboa>. Acesso em: 02. abril. 2014.

\_\_\_\_\_. **Cultura em Florianópolis**. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/cultura>. Acesso em: 29. jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Festa do divino**. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/agenda/festas-do-divino/festa-do-divino-2014.php>. Acesso em: 29. jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Barra da Lagoa**. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/barra-da-lagoa>. Acesso em: 05.jun.2014.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que silencia em nós os temas controversos? **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, PPGA/FURG, RS, volume especial, p. 55-64, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.33, n.1, p. 6-25, 2010.

INGOLD, Tim.; KURTTLA, Terhi. Perceiving the environment in Finnish Lapland. **Body and Society**, v. 6 n. 3-4, p. 183-196, 2000.

KANT, Immanuel. Da Estética Transcendental do Espaço e do Tempo. In: **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Editora da Fundação Calouste Gulbenkian, 4 ed., 1997, p. 61-87.

KNIJNIK, Gelsa. Mathematics education and the Brazilian Landless Movement: three different mathematics in the context of the struggle for social justice. **Philosophy of Mathematics Education Journal**, v.21, p.1-18, 2007a.

\_\_\_\_\_. Brazilian peasant mathematics, school mathematics and adult education. **Adult Learning Mathematics –an International Research Forum**, v.2, p.54-62, 2007b.

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: **Infância, estrangeiridade e ignorância** – Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 85-98.

LARROSA, Jorge. Ensaios Eróticos – Experiência e paixão. In: **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.151-165.

\_\_\_\_\_. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, 2011.

- MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MAGALHÃES, Amanda. **Jogos de linguagem matemáticos de mulheres rendeiras de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica). Florianópolis: UFSC, 2014.
- MAGNANI, José Guilherme C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, 2009.
- MARQUES, Lilian Argentina B. **O pescador artesanal do Sul**. Rio de Janeiro, MEC-SEAC-FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1980.
- MARTINS, André Ferrer P; ZANETIC, João. Tempo: esse velho estranho conhecido. **Revista Ciência e Cultura** [online], São Paulo, v.54, n.2, p.41-44, 2002.
- MARTINS, Egidio. **Trabalho, educação e movimentos sociais: um estudo sobre o saber e a atuação política dos pescadores da Colônia Z-16, no município de Cametá-PA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MIGUEL, Antônio. Is the mathematics education a problem for the school or is the school a problem for the mathematics education? **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática - RIPEM**, v.4, n.2, p.5-35, 2014.
- MIGUEL, Antonio; VILELA, Denise Silva; MOURA, Anna Regina L. Problematização indisciplinar de uma prática cultural numa perspectiva wittgensteiniana. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n2, p.06-31, 2012.
- MOREIRA, Selmugem Leana da Silva P. A. **Saberes matemáticos de crianças oriundas de uma comunidade e pescadores artesanais em Aracaju/SE**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática). São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

MORENO, Arley. R. **Wittgenstein**: ensaio introdutório. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1986.

NETO, Jose Colaco Dias. **Quanto custa ser pescador artesanal?** Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Antropologia). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado Humano II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NORMATIVA MMA Nº17, DE 17 DE OUTUBRO DE 2004. **Lei nº 11.959/2009**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm)>. Acesso em: 27. Jan. 2015.

OLIVEIRA, Sabrina Silveira de. **Matemáticas de formas de vida de agricultores do município de Santo Antônio da Patrulha**. Dissertação (Mestrado em educação) São Leopoldo: UNISINOS, 2011.

PEREIRA, Rodrigo Dias. **Trama das cores**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://tramadascores.blogspot.com.br/>>.

PIAUI, William de Siqueira. Santo Agostinho e Isaac Newton: Tempo, Espaço e Criação. **Theoria Revista Eletrônica de Filosofia**, n.2, p. 26-47, 2009.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução Maria José Figueiredo. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Terno de Reis**. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina&noti=10964>>. Acesso em: 29. jan. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRAMANDAÍ. **A cidade**. Disponível em: <<http://www.tramandai.rs.gov.br/>>. Acesso em: 26. out. 2014.

PUNTE, Fernando Rey. **Os sentidos do tempo em Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

QUARTIERI, Marli Teresinha. **A modelagem matemática na escola básica: A mobilização do interesse do aluno e o privilegiamento da Matemática escolar.** Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

REIS, José. Sobre o Tempo. **Revista Filosófica de Coimbra**, n.9, p. 143-203, 1996.

SALDANHA, Mayara de Araújo. **História de pescadores: uma pesquisa etnomatemática sobre os saberes da pesca artesanal da Ilha da Pintada – RS.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Porto Alegre: PUCRS, 2015.

SAMAIN, E.(Org). As imagens não são bolas de sinuca. In: **Como pensam as imagens.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 21-36.

SARAMAGO, José. **O conto da Ilha desconhecida;** Aquarela Arthur Luiz Piza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO RURAL, PESCA E COOPERATIVISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Sindicato de pescadores.** Disponível em: <<http://www.sdr.rs.gov.br/>>. Acesso em: 30. jan. 2015.

SILVA, Nara Letycia Martins. O tempo social de Nobert Elias: uma proposta de superação ao conhecimento dicotômico do tempo. **MNEME – Revista de Humanidades**, n.11, v.27, p. 162-180, 2010.

SIMÕES, Eduardo. **Wittgenstein e o problema da verdade.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

SINDICATO DA PESCA. **Sindicatos de pescadores de Florianópolis.** Disponível em: <<http://www.sindpesca.org.br/>>. Acesso em: 30. jan. 2015.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, Paulo Henrique de; ZANETIC, João. O ensino do conceito tempo: imaginação, imagens históricas e rupturas epistemológicas. **Atas**

do V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), p.1-12, 2005.

SUFIATTI, Tanabi. **O currículo de matemática como dispositivo na constituição do sujeito indígena kaingang contemporâneo da Terra Indígena Xapecó**. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica). Florianópolis: UFSC, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. LOPES, Maura C. Identidade, cultura e semelhanças de família: as contribuições da virada lingüística. In: BIZARRO, Rosa (Org.). **Eu e o outro: Estudos Multidisciplinares sobre. Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais**. Porto: Areal, p.19-35, 2007.

VELLOSO, Araceli. Forma de vida ou Formas de vida? In: **Philosophos**, Goiânia: UFG, v.8, n.2, p. 159-184, 2003.

VIEIRA, Euripedes Falcão. O espaço-tempo: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos EBAPE.BR**, v.1, n.1, p. 1-7, 2003.

VILELA, Denise Silva. **Matemáticas nos usos e jogos de linguagem: ampliando concepções na educação matemática**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.